

A Cabana
Blasco Ibanez
Título original: La Barraca
Tradução de Adelino dos Santos Rodrigues

AO LEITOR

No prólogo do meu livro *En el país del Arte* (Três meses em Itália) contei como, em meados de 1895, tive de fugir de Valência depois de uma manifestação contra a guerra colonial, manifestação que degenerou em movimento sedicioso e originou um recontro entre os manifestantes e a força pública.

Perseguido pelas autoridades militares como presumível autor do sucedido, vivi alguns dias escondido,

mudando várias vezes de refúgio, enquanto os meus amigos preparavam o meu embarque clandestino num vapor que zarparia para Itália.

Um dos meus alojamentos secretos foi no andar superior de um armazém de vinhos situado nas imediações do porto e propriedade de um jovem republicano

que vivia com a mãe. Durante quatro dias estive metido numa sobreloja de tecto baixo, sem poder assomar às janelas, que davam para a rua, em virtude de esta ser muito movimentada e a polícia e a Guarda Civil andarem a procurar-me na cidade e arredores.

Obrigado a permanecer num quarto interior, completamente só, li todos os livros do taberneira, que não

eram muitos, nem dignos de interesse. Depois, para me entreter, resolvi escrever e tive de me contentar com os escassos meios que o dono da casa pôde colocar à minha disposição: um frasquinho de tinta roxa à guisa de tinteiro, uma caneta encarnada, de madeira, como as que se usam nas escolas, e três cadernitos de papel de carta com linhas azuis.

Assim escrevi em duas tardes um conto acerca da *huerta valenciana*, a que pus o título de *Venganza morena*. Tratava-se da história de uns terrenos inevitavelmente baldios, que vi muitas vezes em garoto, para os

lados do cemitério: lotes vagos, utilizados há anos para a expansão urbana; era o relato de uma disputa entre labregos e proprietários, que teve como origem um acontecimento trágico e viria a ser depois fértil em conflitos e violências.

Quando chegou a altura de embarcar, em plena noite, disfarçado de marinheiro, deixei na taberna todos os meus objectos de uso pessoal, assim como o pequeno maço de folhas escritas de ambos os lados. Vagueei três meses por Itália, regressei a Espanha e um conselho de guerra condenou-me a diversos anos de prisão. Estive encarcerado mais de doze meses, sofrendo os rigores de uma severidade intencional e cruel. Quando me foi comutada a pena, desterraram-me para Madrid, sem dúvida para ficar melhor ao alcance da vigilância do

Governo de então. Por fim, o povo de Valência elegeu-me deputado, livrando-me assim de novas perseguições,

graças à imunidade parlamentar.



A minha campanha eleitoral constou principalmente de discursos pronunciados ao ar livre, perante enormes multidões. Uma tarde, depois de falar aos marinheiros e carregadores do porto, quando, terminado o discurso, tive de corresponder aos apertos de mão e aos cumprimentos de milhares de ouvintes, reconheci entre estes o

jovem que me escondera em sua casa.

Tive de o acompanhar à taberna, a fim de cumprimentar a sua mãe e rever o quartinho que me servira de

refúgio. Enquanto aquela boa gente recordava, emocionada, a minha estada em sua casa, eu ia reunindo todos os objectos que lá deixara.

Assim recuperei o conto Venganza morena, que voltei a ler nessa noite com tanto interesse como se tivesse sido escrito por outra pessoa. A minha primeira intenção foi enviá-lo ao El Liberal, de Madrid, no qual colaborava quase todas as semanas precisamente com a publicação de um conto. Mas depois pensei na conveniência de ampliar a narrativa, um pouco seca e concisa, transformando o conto numa novela, e escrevi "La Barraca" (a cabana).

Dirigia então, em Valência, o diário El Pueblo, jornal de combate, tão pobre que, por não poder pagar a um redactor que se encarregasse do serviço telegráfico, o director tinha de trabalhar até de madrugada, ou seja até que, redigidos os telegramas e feita a paginação, o jornal entrava na máquina. Só então, fatigado por toda uma noite de monótono trabalho jornalístico, me podia dedicar ao trabalho criador de romancista.

No violácea do amanhecer ou sob o juvenil resplendor de um Sol recém-nascido, lá fui escrevendo os dez capítulos do meu romance. Nunca trabalhei com tanto cansaço físico, nem com um entusiasmo tão concentrado e tenaz.

Tirei à história primitiva o título de Venganza morena, que dei mais tarde a outro conto, e achei melhor dar ao novo romance o seu nome actual: La Barraca. Começou por ser publicado em folhetins em El Pueblo, onde passou quase despercebido. Os meus corajosos amigos, os leitores do diário, só pensavam no triunfo da República e, por isso, não se interessavam muito pelas disputas entre personagens rústicos que contemplavam deperto a todas as horas.

Francisco Sempere, meu companheiro de empreendimentos editoriais, que iniciava então a sua carreira e

não passava ainda de simples livreiro de ocasião,

lançou uma edição de La Barraca de setecentos exemplares, pelo preço de uma peseta cada livro. O êxito do

volume também não foi considerável. creio que os exemplares vendidos não ultrapassaram os quinhentos.

Ocupado a trabalhar pelas minhas ideias políticas, pouca atenção prestava à sorte editorial da minha obra, quando, volvidos alguns meses, recebi uma carta de um tal Sr. Hérelle, professor do Liceu de Baiona. Ignorava então que o Sr. Hérelle era um tradutor célebre na sua

pátria, em consequência de haver vertido para francês as obras de D Annunzio e de outros autores italianos. Pedia-me autorização para traduzir La Barraca e explicar-me a casualidade que lhe permitira ter conhecido o meu romance. Certo dia de festa fora de Baiona a

San Sebastián e, aborrecido enquanto esperava que fossem horas para regressar a França, entrara numa livraria para comprar um livro qualquer e lê-lo sentado na esplanada de um café. A sua escolha recaía em La Barraca e, absorto na leitura, o Sr. Hérèlle quase perdera o comboio.

Com a despreocupação (para não lhe chamar outra coisa) que caracteriza a maioria dos espanhóis no que se refere à pontualidade epistolar, deixei a carta do senhor sem resposta. Voltou a escrever-me e, monopolizado pelos acidentes da minha vida de propagandista

político, mais uma vez o deixei sem resposta. Mas Hérèlle, tenaz no seu propósito, repetiu as cartas.

"Tenho de responder àquele senhor francês", dizia a mim próprio todas as manhãs. "De hoje não passa."

Mas uma reunião política, uma viagem ou qualquer incidente revolucionário de desagradáveis consequências impediam-me sempre de escrever ao meu futuro

tradutor. Porfim, lá consegui garatujar quatro linhas a autorizá-lo a fazer a dita tradução, e nunca mais me lembrei dele.

Uma manhã, os diários de Madrid anunciaram, nos seus telegramas de Paris, ter sido publicado a tradução de La Barraca, romance do deputado republicano Blasco Ibanez, com enorme êxito editorial, e que os principais críticos franceses falavam elogiosamente da obra.

La Barraca, que se estreara numa edição espanhola de setecentos exemplares (dos quais se tinham vendido somente quinhentos, e estes, na sua maioria, em Valência) e não merecera, então, mais do que umas quantas palavras dos críticos da época, transformou-se de repente em romance célebre. O insigne jornalista Miguel

Moya publicou-o em folhetins em El Liberal e depois a venda começou a subir de edição em edição, até alcançar o número de cem mil exemplares legais. Digo "legais" porque na América publicaram-se numerosas edições da obra sem minha autorização. à tradução

francesa seguiram-se outras, em todas as línguas europeias. Se somarmos os exemplares das numerosas versões estrangeiras, ultrapassam, com certeza, o milhão.

Os jovens que evidenciam exagerada impaciência por alcançar fama literária e obter os seus proveitos

materiais devem reflectir na história deste romance, tão ligado ao meu nome. Para os amigos das classificações, que, uma vez classificado um autor, nunca mais o retiram, por preguiça mental, do alvéolo onde o meteram, eu serei sempre, escreva o que escrever, "o ilustre autor de La Barraca".

De La Barraca, ao publicar-se pela primeira vez em volume, venderam-se quinhentos exemplares, o que permitiu que o meu falecido amigo Sempere e eu repartísse-mos entre os dois setenta e oito pesetas, lucro líquido da obra, só possível de obter graças ao facto de, então, as

despesas de impressão serem muito menores do que nos tempos presentes.

Espreguiçou-se a imensa várzea sob o resplendor azulado do amanhecer, larga faixa de luz que despontava dos lados do Mediterrâneo.

Os últimos rouxinóis, cansados de animar com os seus trinados aquela noite de Outono, que pela tepidez da sua temperatura mais parecia de Primavera, lançavam o derradeiro gorjeio, como se a luz da alva os ferisse com os seus reflexos de aço. Dos telhados de palha das cabanas levantavam voo bandos de gorriões, como um tropel de garotos traquinas perseguidos, e as copas das árvores começavam a estremecer com as primeiras brincadeiras desses malandrins do espaço, que tudo alvoroçavam com o roçar das suas vestimentas de penas.

Extinguiam-se lentamente os rumores que tinham povoado a noite: o borbulhar das acéquias, o murmúrio dos canaviais e os ladridos dos mastins vigilantes.

Despertavam os campos, e os seus bocejos eram cada vez mais ruidosos. Multiplicava-se o canto do galo de cabana em cabana. Os campanários das pequenas povoações devolviam com ruidoso badalar o toque da

primeira missa que soava ao longe, nas torres de Valência, esbatidas pela distância. Dos currais saía um discordante concerto animal: relinchos de cavalos, mugidos de vacas, cacarejos de galinhas, balidos de cordeiros e grunhidos de porcos-um despertar ruidoso de animais que, ao sentirem a fresca carícia da alvorada repassada do acre perfume da vegetação, desejavam correr pelos campos.

O espaço empapava-se de luz e as sombras dissolviam-se, como que engolidos pelos sulcos abertos na terra e pelas grandes massas de folhagem. Na indecisa

neblina do amanhecer iam-se fixando os contornos húmidos e brilhantes dos renques de amoreiras e árvores de fruto, das linhas ondulantes dos canaviais, dos grandes canteiros de hortaliças semelhantes a enormes lenços verdes e da terra vermelha, cuidadosamente lavrada.

Animavam os caminhos filas de móveis pontos negros, quais rosários de formigas, a caminho da cidade. De

todos os lados da várzea vinham ruídos de rodas, canções indolentes interrompidas pelo grito de tocar os animais e.

de vez em quando, como sonoro trombetear do amanhecer, rasgava o espaço um furioso zurro do quadrúpede

pária, como protesto contra o rude trabalho que sobre ele pesava mal era nascido o dia.

Nas acéquias, mergulhos agitavam a límpida lâmina de cristal avermelhado e silenciavam as rãs; logo a seguir, ouvia-se um ruidoso bater de asas e os cisnes deslizavam como galeras de marfim, movendo, quais fantásticas proas, os pescoços de serpente.

A vida, que inundava a várzea juntamente com a luz, ia penetrando no interior de cabanas e granjas.

Rangiam as portas ao abrir-se, sob as latadas viam-se vultos brancos que se espreguiçavam com as mãos atrás do pescoço, olhando para o iluminado horizonte.

Escancaravam-se os estábulos, vomitando para a cidade as vacas leiteiras, os rebanhos de cabras e os cavalicoques dos esterqueiros. Entre as cortinas de árvores anãs que davam sombra aos caminhos vibravam chocalhos e

badalos e, entrecortando essa alegre guizalha, soava o enérgico "arre, arre!" com que se incitavam os animais renitentes.

à porta das cabanas saudavam-se os que iam para a cidade e os que se quedavam a trabalhar nos campos:

- Bón día mos done Deu!

- Bón día!

E, após a saudação, trocada com toda a gravidade própria de gente que tinha nas veias sangue mouro e só sabia falar de Deus com gesto solene, fazia-se silêncio se quem passava era um desconhecido ou, se era um íntimo, pedia-se-lhe que comprasse em Valência pequenos objectos para a mulher ou para a casa.

O dia já nascera por completo.

O espaço limpava-se das ténues neblinas que eram a transpiração nocturna dos húmidos campos e das rumorosas acéquias. Despontava o Sol. Nos sulcos avermelhados saltavam as calhandras, com a alegria de viver mais um dia, e os travessos gorriões, empoleirados nas janelas ainda fechadas, debicavam na madeira, dizendo aos de dentro, com o seu piar de vagabundos habituados a viver à custa alheia: "Toca a levantar, preguiçosos! Toca a ir trabalhar a terra, para que nós comamos!..."

Na cabana de Tóni, conhecido em todas as imediações por Pimentó, acabava de entrar Pepeta, a sua mulher, uma enérgica criatura de carne branca e flácida, em plena juventude e minada pela anemia, mas que era, apesar disso, a mulher mais trabalhadora de toda a várzea.

Ao amanhecer, já estava de volta do mercado.

Levantava-se às três da manhã, carregava os cestões de verduras colhidas à boca da noite anterior por Tóni, entre pragas e imprecações contra uma vida malvada em que tanto havia que trabalhar, e, às apalpadelas pelas veredas, guiando-se na escuridão como boa filha da huerta, lá ia a pé até Valência, enquanto o marido, aquele rapaz que tão caro lhe custava, continuava a ressonar no quente estudi, bem agasalhado nas mantas da grande cama matrimonial.

Os que compravam as hortaliças por atacado, para revenda, conheciam bem aquela mulherzinha que, antes de amanhecer, já estava no mercado de Valência, sentada nos cestos, a tiritar de frio debaixo do xaile delgado e puído. Olhava com inveja inconsciente os que se podiam dar ao luxo de beber uma chávena de café para combater o frio matinal. E, com uma paciência de animal submisso, esperava que lhe dessem pelas verduras

o dinheiro que estipulara, nos seus complicados cálculos, e de que precisava para manter Tóni e governar a casa.

Feita a venda, corria de novo para a cabana, esforçando-se para poupar uma hora de caminho.

Entrava logo em funções numa segunda indústria: depois das hortaliças, o leite. Puxando pela corda de uma vaca ruça, que levava colado ao rabo, como amoroso satélite, um bezerrinho brincalhão, lá voltava à cidade com a vara debaixo do braço e a medida de estanho, para servir os clientes.

A Rócha, como chamava à vaca por via da sua cor, mugia docemente, a tremer sob a serapilheira que a cobria, transida pelo fresco matinal e voltando os olhos húmidos para a cabana que ia ficando para trás, com o seu estábulo negro, de atmosfera pesada, em cuja palha perfumada pensava com a voluptuosidade do sonho não satisfeito.

Pepeta tocava-a com a vara. Fazia-se tarde e os fregueses queixar-se-iam. E a vaca e o bezerrinho lá trotavam pelo meio do caminho de Alboraya, vereda lamacenta e retalhada por sulcos profundos.

Pelas bermas laterais, com um braço enfiado na cesta e o outro balouçando, passavam filas intermináveis de cigarreiras e Bandeiras de seda, toda a virgindade da várzea que ia trabalhar nas fábricas, deixando atrás de si, com o revoltear das saias, uma esteira de castidade rude e áspera.

Derramava-se pelos campos a bênção de Deus.

Atrás das árvores e das casas que se confundiam com o horizonte assomava o Sol, qual enorme obreira vermelha, lançando horizontais agulhas de ouro, cujo brilho

obrigava a fechar os olhos. As montanhas do fundo e as torres da cidade adquiriam uma tonalidade rosada; as nuvenzinhas que vogavam no céu transformavam-se em me adas de seda cannesim; as acéquias e os charcos do caminho pareciam povoar-se de peixes de fogo. Soavam no interior das cabanas o arrastar da vassoura, o entrechocar da louça, em suma, todos os ruídos da limpeza matinal. As mulheres acocoravam-se nas margens, tendo ao lado o cesto da roupa para lavar.

Saltavam nas veredas os pardos coelhos de sorriso ardiloso, mostrando ao fugir o rosado traseiro, dividido pelo rabo em forma de POMPOM. E, nos montes de acastanhado esterco, o galo, rodeado pelas suas cacarejantes odaliscas, soltava um grito de sultão cioso, com a

pupila ardente e os barbilhões vermelhos de cólera.

Pepeta, insensível a esse despertar que presenciava diariamente, seguia o seu caminho, cada vez mais apressada, com o estômago vazio, as pernas doridas e as

roupas interiores impregnadas de um suor de debilidade próprio do seu sangue aguado e pobre, que por vezes perdia durante semanas inteiras, transgredindo as normas da natureza.

A avalanche de gente laboriosa que se dirigia para Valência enchia as pontes. Pepeta passou por entre os operários dos arrabaldes, que chegavam com o saquito do almoço suspenso do pescoço, deteve-se no posto da Guarda Fiscal para pagar a licença -umas moedas que todos os dias lhe doíam na alma - e meteu pelas ruas desertas, que o chocalho da Rócha animou com um badalar de melodia bucólica, inspirando aos adormecidos burgueses sonhos de prados verdes e idílicas cenas pastorais.

A pobre mulher tinha fregueses espalhados por toda a cidade. O seu caminho era uma intrincada peregrinação pelas ruas, com paragens diante das portas fechadas: uma pancada aqui, três repenicadas ali, e, sempre, a seguir às pancadas, o grito estridente e agudo que parecia impossível pudesse sair do

seu pobre peito raso:

"Leiiite!" De jarro na mão, lá descia a criada desgrenhada, de chinelas e olhos inchados, ou a velha porteira

ainda com a mantilha que pusera para ir à primeira missa.

às oito horas, depois de servir todas as suas freguesas, Pepeta encontrou-se perto do bairro dos pescadores.

Como nele também havia quem lhe comprasse, a pobre meteu corajosamente pelos becos sujos, que pareciam mortos àquela hora. Ao chegar ali sentia sempre

um certo desassossego, uma repugnância instintiva de estômago delicado. Mas o seu espírito de mulher honrada e doente sabia sobrepor-se a tal impressão e ela

seguia em frente com um orgulho de fêmea casta, consolando-se ao ver que, fraca e abatida pela miséria, conseguia ser superior a outras.

Das casas fechadas e silenciosas saía um hálito de embriaguez barata, ruidosa e sem disfarce, um odor de carne condimentada e putrefacta, de vinho e suor. Pelas fendas das portas parecia escapar-se a respiração entrecortada e rude do sono embrutecedor, depois de uma

noite de carícias de fera e caprichos amorosos de bêbado.

Pepeta ouviu chamarem-na. Da porta de uma escadinha fazia-lhe sinais uma rapariga decotada, feia, sem

outro encanto que não fosse o de uma juventude prestes a desaparecer: olhos húmidos, carrapato torcido e nas faces manchas do carmim da noite anterior. Em suma, uma caricatura, um palhaço do vício.

A lavradora, cerrando os lábios numa expressão de orgulho e desdém, para que as distâncias ficassem bem marcadas, começou a ordenhar a Rêcha para o jarro estendido pela jovem, que não tirava os olhos dela.

- Pepeta! - murmurou a outra, indecisa, como se não tivesse a certeza de ser a ela que falava.

Pepeta levantou a cabeça, fitou-a pela primeira vez e pareceu igualmente duvidar:

- Rosário! És tu?

Era, sim; afirmou-lho com tristes movimentos de cabeça. E Pepeta manifestou imediatamente o seu espanto. Ela ali! Filha de pais tão honrados! Que vergonha, Senhor!...

A rameira, por hábito de ofício, tentou acolher com cínico sorriso, com o gesto céptico de quem conhece o segredo da vida e não acredita em nada, as exclamações da scandalizada lavradora. Mas a fixidez dos olhos claros de Pepeta acabou por a envergonhar, por a fazer baixar a cabeça como se fosse chorar.

Não, ela não era má. Trabalhara nas fábricas e servira uma família como criada, mas no fim as irmãs tinham-lhe dado o exemplo, cansadas de passar fome... e ali estava agora, recebendo umas vezes carinhos e outras bofetadas, até que rebentasse para sempre. Era natural: onde não há pai e mãe, a família acaba assim. O culpado de tudo era o dono da terra, aquele D. Salvador que de m certeza ardia no Inferno. Ah, ladrão! Como perdera toda uma família!

Pepeta esqueceu a sua atitude fria e reservada para

fazer coro com a indignação da rapariga. Verdade, era tudo verdade, a culpa era daquele velho avarento. Toda a várzea o sabia. Deus lhe valesse, como se perde uma casa! Tão bom que era o pobre Tio Barret! Se levantasse a cabeça e visse as filhas!... Na várzea já sabiam que o pobre pai morrera na prisão de Ceuta havia dois anos; quanto à mãe, a infeliz velha terminara os seus padecimentos numa cama do hospital.

As voltas que o mundo

dava em dez anos! Quem lhes diria, a ela e às irmãs, habituadas a viver em sua casa como rainhas, que acabariam daquele modo... Senhor, Senhor, livrai-nos de uma pessoa má!

Rosario animou-se com a conversa, pareceu rejuvenescer junto daquela amiga de infância. Os seus olhos,

anteriormente apagados, chispavam ao recordar o passado. E a sua cabana? E as terras? Continuavam abandonadas, não continuavam?... Isso agradava-lhe. Que reisentassem, que fossem para o diabo os filhos do malandro de D. Salvador!... Era a única coisa que a podia consolar. Estava muito agradecida ao Pinw e a todos

por terem impedido que outros trabalhassem no que pertencia por direito à sua família. E se alguém quisesse apoderar-se daquilo, o remédio era sabido: Puni! Um tiro dos que desfazem a cabeça.

A jovem excitava-se, brilhavam-lhe nos olhos chispas de ferocidade. Dentro da rameira, animal passivo habituado às pancadas, ressuscitava a filha da várzea, que

desde que nasce vê a espingarda pendurada atrás da porta e nas festas aspira deliciada o fumo da pólvora.

Depois de falar do triste passado, a curiosidade desperta de Rosario levou-a a perguntar por todos os da terra. Acabou em Pepeta. Coitadinha! Bem se via que não era feliz. Jovem ainda, só revelavam a sua idade aqueles grandes olhos claros de virgem, inocentes e tímidos. O corpo, um puro esqueleto; e no cabelo louro, de uma cor de maçaroca tenra, as cãs já eram aos punhados, antes dos trinta anos. Que vida lhe dava Pimentó? Borracho e fugindo ao trabalho como sempre? Ela assim o quisera, casando contra os conselhos de toda a gente. Bom rapaz, isso sim; respeitado por todos na taberna de Copa, quando aos domingos à tarde jogava à laranjinha com os mais valentes da várzea. Mas em casa devia ser um marido insuportável... Embora, bem vistas as coisas, todos os homens fossem iguais. Ela que o dissesse! Uns cães. para os quais nem valia a pena olhar. Jesus, e como a pobre Pepeta estava estragada!... Um vozeirão de virago desceu como um trovão pelo poço da escada:

- Elisa! Traz depressa o leite. O senhor está à espera.

Rosario começou a rir de si mesma. Agora chamava-se Elisa, não sabia! O ofício obrigava a mudar de nome,

assim como a falar com sotaque andaluz. E Rosario arremedou, com rústica graça, a voz da virago invisível.

No entanto, apesar da brincadeira, apressou-se a retirar-se. Temia os de cima. A dona do vozeirão ou o

senhor do leite poderiam fazê-la arrepender-se da demora. Por isso subiu velozmente a escada, depois de

recomendar muito a Pepeta que passasse por ali de vez em quando, a fim de recordarem coisas da várzea.

O cansado chocalho da Rócha fez-se ouvir durante mais de uma hora pelas ruas de Valência. Os murchos úberes da vaca verteram até à última gota o seu leite magro, produto de um mísero pasto de folhas de couve e restos, e finalmente Pepeta empreendeu o caminho de regresso a casa.

A pobre lavradora caminhava triste e pensativa, impressionada com o encontro que tivera. Recordava, tão bem como se tivesse acontecido na véspera, a espantosa tragédia que se abatera sobre o Tio Barret e toda a sua família.

Desde então, os campos havia mais de cem anos trabalhados pelos antepassados do pobre lavrador tinham ficado abandonados na beira do caminho. A

cabana, desabitada e sem que mão misericordiosa pusesse um remendo no telhado ou tapasse com um punho

de barro as gretas das paredes, ia-se arruinando lentamente.

Dez anos de passagem contínua pela cabana em ruínas tinham permitido que as pessoas deixassem de reparar nela. A própria Pepeta havia tempo que não lha prestava atenção. Agora já só interessava aos rapazes, que, herdando o ódio dos pais, se metiam entre as urtigas dos campos baldios e arremessavam pedradas à casa abandonada, partiam a madeira da sua porta fechada ou entupiam com terra e pedregulhos o poço que se abria sob vetusta parreira.

Naquela manhã, porém, sob a influência do encontro recente, Pepeta reparou na ruína e até parou no caminho, para melhor ver.

Os campos do Tio Barret, ou, melhor, na sua opinião, "do avarento D. Salvador e dos seus excomungados herdeiros", eram uma mancha de miséria no meio da várzea fecunda, amanhada e sorridente. Dez anos de abandono tinham endurecido a terra e feito brotar das suas esquecidas entranhas todas as plantas parasitas e todos os abrolhos que Deus criou para castigo do lavrador. Uma selva anã, emaranhada e disforme estendia-se sobre os campos, num ondular de tons verdes, aqui e ali matizados por misteriosas e raras flores, daquelas que só brotam nas ruínas e nos cemitérios.

Sob as frondes dessa selva minúscula, e alimentada pela segurança da sua guarida, crescia e multiplicava-se toda a espécie de bichos repugnantes, que se espalhavam pelos campos vizinhos: lagartos verdes de lombo enrugado, enormes escaravelhos com carapaça de reflexos

metálicos, aranhas de patas curtas e peludas e até cobras, que deslizavam até às acéquias próximas. Ali

viviam, no centro da bonita e bem amanhada várzea, formando um mundo à parte e devorando-se uns aos outros. Embora causassem certo prejuízo aos vizinhos, estes respeitavam-nos com certa veneração, pois até as sete pragas do Egipto lhes teriam parecido pouca coisa se se abatessem sobre aqueles terrenos malditos.

Como as terras do Tio Barret não seriam nunca mais para os homens, estava bem que acoitassem nelas os bicharocos repugnantes, e quantos mais, melhor.

No meio desses campos desolados, que sobressaíam na formosa várzea como uma mancha de sujidade num

manto real de veludo verde, erguia-se a cabana, ou, melhor, caía, com a sua cobertura de palha esventrada, a mostrar pelos buracos feitos pelo vento e pela chuva o carcomido costelhave de madeira. As paredes, sulcadas pelas águas, mostravam os tijolos de barro cru, apenas com algumas ligeiríssimas manchas brancas que denunciavam o antigo caiado. A porta estava roída em baixo

pelas ratazanas, com fendas que a cortavam de lado a lado. Duas ou três janelinhas, completamente abertas e martirizadas pelos vendavais, pendiam apenas de um gonzo e caíam de um momento para o outro, logo que soprasse uma rabanada de vento mais forte.

Aquela ruína penalizava a alma, oprimia o coração. Dir-se-ia que, quando anoitecesse, saíam fantasmas do casinhoto abandonado, que do seu interior se ergueriam gritos de pessoas assassinadas, que todo aquele matorral era um sudário cobrindo centenas de cadáveres.

A contemplação daqueles campos abandonados inspirava visões horríveis e a sua tétrica miséria tornava-se

ainda mais notória em contraste com as terras próximas, vermelhas, bem cuidadas, cheias de renques certinhos de hortaliças e de pequenas árvores a cujas folhas o Outono emprestava uma transparência acaramelada. Até os pássaros fugiam daqueles campos de morte, talvez por temerem os animalejos que fervilhavam sob o matorral ou por aspirarem o hálito da desgraça.

Se alguma coisa se via sobre o desfeito telhado de colmo, era um agitar de asas negras e traidoras, plumagens fúnebres de corvos e milhafres que, ao agitarem-se,

silenciavam as árvores carregadas do alegre adejar e do brincalhão piar dos pássaros, ficando assim muda a várzea, como se não houvesse gorriões num raio de meia légua.

Pepeta ia a afastar-se, a caminho da sua branca cabana, que espreitava entre as árvores a alguns campos de distância, mas teve de permanecer imóvel no rebordo alto do caminho, para deixar passar uma carroça carregada, que avançava aos solavancos e parecia vir da cidade.

A sua curiosidade feminina excitou-se ao observar o veículo.

Era uma pobre carroça de lavoura, puxada por um rocim velho e ossudo, ajudado nas covas mais difíceis por um homem alto, que caminhava a seu lado e o instigava com gritos e com o estalar do chicote.

Vestia de lavrador, mas o modo como usava o lenço atado à cabeça, as calças de bombazina e outros pormenores da sua indumentária denunciavam que não era da

huerta, onde o adorno pessoal fora pouco a pouco contaminado pelo gosto da cidade. Era lavrador de qualquer povoação distante; talvez viesse do interior da província.

Na carroça amontoavam-se, formando uma pirâmide que sobressaía dos varais, toda a espécie de objectos de uso doméstico. Tratava-se da emigração de uma família inteira. Colchões tísicos, enxergões cheios de barulhenta palha de milho, cadeiras de esparto, sertãs, caçarolas, pratos, cestas, mesinhas-de-cabeceira verdes, tudo se amontoava na carroça suja, velha, miserável, fedendo a

fome, a fuga desesperada, como se a desgraça caminhasse atrás da família, pisando-lhe os calcanhares. No alto daquela balbúrdia viam-se três Crianças abraçadas, que contemplavam os campos com os olhos muito abertos, como exploradores que visitam um país pela primeira vez. A pé e atrás da carroça, como atentas a qualquer coisa que dela caísse, caminhavam uma mulher e uma rapariga alta, delgada, esbelta, que parecia filha da primeira. Do outro lado do cavalo, ajudando quando o veículo era obrigado a deter-se pelo mau piso, ia um rapaz dos seus onze anos. A sua aparência grave denunciava o garoto que, habituado a lutar com a miséria, é um homem na idade em que outros brincam. Fechava a marcha um cãozinho sujo e ofegante. Apoiada no lombo da vaca, Pepeta via-os avançar, cada vez mais curiosa. Para onde iria aquela pobre gente? Aquele caminho, afluente do de Alboraya, não ia dar a parte nenhuma. Extinguia-se ao longe, como que esgotado pelas inúmeras bifurcações de veredas e carreiros que davam acesso às cabanas. Mas a sua curiosidade teve um final inesperado. Virgem Santíssima! A carroça saía do caminho, atravessava a velha ponte de troncos e terra que dava acesso às terras malditas e metia pelos campos do Tio Barreto, esmagando com as rodas o matorral até aí respeitado. A família seguia atrás, manifestando com gestos e palavras confusas a impressão que lhe causava tanta miséria, mas avançando sempre em linha recta para a destroçada cabana, como quem vai tomar posse do que é seu. Pepeta não quis ver mais nada e desatou a correr com todas as forças para a sua cabana. Ansiosa por chegar, abandonou a vaca e o bezerrinho, que continuaram o seu caminho pachorrentamente, como quem não se preocupa com as coisas alheias e tem a manjedoura garantida. Pimentó estava estendido a um lado da cabana, a fumar preguiçosamente e de olhos atentos a três varinhas untadas de visco, colocadas ao sol e em redor das quais esvoaçavam alguns pássaros. Era uma ocupação de senhor. Ao ver chegar a mulher de olhos arregalados de espanto e o pobre peito ofegante, Pimentó mudou de posição, para escutar melhor, e recomendou-lhe que não se aproximasse das varinhas. Mas que vinha a ser aquilo? Ter-lhe-iam roubado a vaca? Vencida pela emoção e pelo cansaço, Pepeta só conseguiu articular algumas frases: -As terras de Barret... Uma família inteira... Vão trabalhar, viver na cabana. Eu vi. Pímentó, caçador de pássaros com visco, inimigo do trabalho e terror das redondezas, não pôde conservar a sua impassível gravidade de grande senhor perante tão inesperada notícia. - Com mil raios!... De um salto, endireitou o pesado e musculoso corpanzil e desatou a correr, sem esperar por mais explicações.

A mulher viu-o correr através dos campos, até chegar a um canavial pegado às terras malditas. Aí ajoelhou-se, primeiro, deitou-se de bruços, depois, e começou a espreitar por entre as canas, como um beduíno de emboscada. Passados minutos, desatou outra vez a correr, perdendo-se no dédalo de veredas, cada uma das quais conduzia a uma cabana, a um campo onde, curvados, os homens faziam brilhar o ferro da enxada, como um relâmpago de aço.

A várzea continuava risonha e rumorosa, banhada de luz e de sussurros, letárgica sob a cascata de ouro do sol da manhã.

Ao longe, porém, soavam vozes e chamamentos: a notícia transmitia-se aos gritos de campo em campo e um estremecimento de alarme, de estranheza e de indignação percorria toda a várzea, como se não tivessem decorrido séculos e circulasse o aviso de que acabava, de aparecer na praia uma galera argelina em busca de carne branca.

Quando, na época das colheitas, o Tio Barret contemplava os retalhos de culturas diversas em que estavam

divididas as suas terras, não podia evitar um sentimento de orgulho e, olhando o trigo alto, as couves com os seus olhos frisados, os melões de verde rotundez assomando à flor da terra ou os pimentos e tomates semicultos pela folhagem, louvava a generosidade dos seus campos e os esforços de todos os seus antepassados, que os tinham sabido trabalhar melhor do que todos os outros da várzea.

Estava ali todo o sangue dos seus avós. Cinco ou seis gerações de Barrets tinham passado a vida a lavrar a mesma terra, a revolvê-la, a fortalecer-lhe as entranhas com vigoroso esterco, cuidando de que não diminuísse a sua seiva vital e acariciando e alisando com a enxada e o ancinho aqueles torrões dos quais não havia um só que não estivesse regado com o suor e o sangue da família.

Muito queria o lavrador à mulher, a ponto de lhe perdoar a tolice de lhe ter dado quatro filhas e nem um filho varão que o ajudasse nas suas tarefas; não menos queria às quatro raparigas, uns anjos de Deus que passavam o dia a cantar e a costurar à porta da cabana e que, às vezes, metiam pelos campos para ajudarem um pouco o pobre pai; mas a paixão suprema do Tio Barret, o amor dos seus amores, eram aquelas terras em que se desfiara, monótona e silenciosa, a história da sua família.

Havia muitos, muitos anos -no tempo em que o Tio Tomba, um ancião quase cego que guardava o minguado rebanho de um marchante de Alboraya, andava pelo mundo, com o bando do Fraile, disparando trabucadas contra os Franceses, havia muitos, muitos anos, aquelas terras tinham sido dos religiosos de S. Miguel dos

Reis, uns bons homens gordos, lustrosos e chocarreiros, que não mostravam grande pressa na cobrança das rendas e se contentavam com, pela tardinha, passarem pela cabana e serem recebidos pela avó, então uma moça de truz, que os obsequiava com grandes xícaras de

chocolate e as primícias dos pomares. Antes disso, muito antes, fora proprietário de tudo aquilo um grande senhor

que, ao morrer, depositara os seus pecados e as suas herdades no seio da comunidade. Mas agora -ai! - as terras pertenciam a D. Salvador, um velho de Valência que era o tormento do no Barreí, pois até em sonhos lhe aparecia.

O pobre lavrador ocultava os seus pesares até à própria família. Era um homem corajoso, de hábitos puros. Se aos domingos ia um bocado à taberna do Copa onde se reunia toda a gente das imediações, era para ver os jogadores de laranjinha e rir como um bem-aventurado dos despropósitos e brutalidades de Pinw

e de outros mocetões que armavam em galarotes da várzea, mas nunca se aproximava do balcão para pagar um copo. Trazia sempre o bolsinho da faixa bem apertado contra o estômago e, se bebia, era quando algum dos que ganhavam convidava todos os presentes.

Avesso a comunicar os seus pesares, viam-no sempre sorridente, bonacheirão e tranquilo, com o barrete azul que justificava a sua alcunha enterrado até às orelhas.

Trabalhava de escuro a escuro. Ainda toda a várzea dormia e já ele estava, à indecisa claridade do amanhecer, a amanhar as suas terras, cada vez mais convencido de que não se aviria com elas.

Era demasiado trabalho para um homem só. Se ao menos tivesse um filho!... Para arranjar ajuda, contratava criados, que o roubavam trabalhando pouco e que

acabava por despedir, quando os surpreendia a dormir no estábulo durante as horas de sol.

Imbuído no respeito pelos seus antepassados, preferia rebentar de fadiga sobre os seus torrões a consentir que parte deles fosse cedida de arrendamento a mãos estranhas. E como não podia com todo o trabalho, deixava

improdutiva e alqueivada metade da sua terra fecunda, tentando, com o cultivo da outra metade, manter a família e pagar ao amo.

Esse empenho era uma luta surda, desesperada, tenaz, contra as necessidades da vida e contra a sua própria fraqueza.

Só tinha um desejo: que as pequenas ignorassem as suas preocupações, que em casa ninguém se desse conta das dificuldades e da tristeza do pai, que, não se toldasse a santa alegria daquele lar, animado a todas as horas pelos risos e pelos cantares das quatro irmãs, apenas um ano mais velhas umas do que as outras. E enquanto elas, que já começavam a despertar as atenções dos moços da várzea, assistiam com vistosos lenços de seda novos e saias engomadas e roçagantes às festas das povoações, ou despertavam ao amanhecer para, descalças e em camisa, espreitarem pela cortina de renda da janela quem cantava les albaes ou as obsequiava com zangarreados de viola, o pobre Tio Barret, cada vez mais empenhado em equilibrar o seu orçamento, gastava, onça após onça, o punhado de ouro economizado, oitavo a oitavo, pelo pai, aquietando assim D. Salvador, velho avarento que nunca estava satisfeito com o que tinha e que, não contente com dizê-lo, falava constantemente dos maus tempos que corriam, do escandaloso aumento das contribuições e da necessidade de

aumentar a renda.

Barret não podia ter encontrado pior amo. Este gozava, na várzea, de uma fama detestável, pois rara era a parte dela onde não tivesse terras. Todas as tardes, envolto numa velha capa que nem na Primavera despia, com aspecto sórdido de mendigo e acompanhado pelas maldições e gestos hostis que deixava pelas costas, percorria as veredas, em visita aos rendeiros. Levavam-no lá a tenacidade do avarento que deseja estar, a todas

as horas, em contacto com os seus bens, a viscosidade do usurário, que tem sempre contas pendentes a regularizar.

Os cães ladravam ao vê-lo de longe, como se a morte se aproximasse; as crianças olhavam-no, carrancudas; os homens escondiam-se, para evitar desculpas penosas, e

as mulheres acudiam à porta da cabana de olhos no chão e mentira engatilhada, para rogarem a D. Salvador que tivesse paciência e responderem com lágrimas aos seus bufares e ameaças.

Pimentó, que na sua qualidade de valentão se interessava pelas desditas dos seus vizinhos e era o cavaleiro andante da várzea, prometia entre dentes algo no gênero de lhe dar uma valente tarefa e o refrescar depois numa acéquia. Eram, porém, as próprias vítimas do avarento que o dissuadiam disso, lembrando-lhe a importância de D. Salvador, homem que passava as manhãs nos tribunais e tinha amigos de grande peso. Com gente assim, o pobre ficava sempre a perder.

De todos os seus rendeiros, o melhor era Barret, pois, embora à custa de grandes esforços, não lhe devia nada.

E o velho, que o citava como exemplo aos outros rendeiros, quando se encontrava na presença dele exorbitava de crueldade, mostrava-se mais exigente ainda,

excitado pela mansidão do lavrador, contente por encontrar um homem sobre o qual podia cevar sem medo os

seus instintos de opressão e rapina.

Por fim, aumentou o preço do arrendamento das terras. Barret protestou, chorou mesmo, recordando os méritos da sua família, que perdera a pele naqueles campos para fazer deles os melhores da várzea. Mas D. Salvador mostrou-se inflexível. Eram os melhores? Pois então deveria pagar mais. E Barret pagou o aumento. Mais depressa daria o sangue do que abandonaria aquelas terras que pouco a pouco lhe iam roubando a vida.

Já não tinha dinheiro para fazer frente às dificuldades; só poderia contar com o que os campos produzissem.

Completamente só, ocultando à família a sua situação, sorrindo sempre quando estava na companhia da mulher e das filhas, que lhe recomendavam que não se esforçasse tanto, o pobre Barret entregou-se ao trabalho com a mais disparatada das loucuras.

Esqueceu o sono. Parecia-lhe que as suas hortaliças cresciam mais devagar do que as dos vizinhos; queria cultivar todas as terras sozinho; trabalhava de noite às apalpadelas; a mais pequena nuvem de granizo deixava-o fora de si, trémulo de medo, e, apesar de tão bondoso e honrado, até se aproveitava dos descuidos dos lavradores

vizinhos para lhes roubar uma parte de rega.

Se a sua família continuava cega, nas cabanas vizinhas adivinhavam a situação de Barret, de cuja docilidade se compadeciam. Era um bonzão, não sabia fazer frente ao repugnante avarento, que o ia chupando lentamente até o devorar por completo.

E assim foi. O pobre lavrador, atormentado por uma existência de febre e demência laboriosa, só tinha ossos, estava curvado como um octogenário e tinha os olhos enterrados nas órbitas. O barrete característico, que justificava a sua alcunha, já não ficava detido pelas orelhas, aproveitava-se da sua magreza crescente e descia-lhe até aos ombros, como um fúnebre quebra-luz da sua existência.

E o pior era que esse excesso de fadiga insustentável só lhe permitia pagar metade ao insaciável ogro. As consequências da sua loucura pelo trabalho não se fizeram esperar. O cavalo, um animal resignado que o acompanhava em todos os seus desesperados esforços, cansado de trabalhar dia e noite, de puxar a carroça cheia de hortaliças até ao mercado de Valência e de, sem tempo para respirar nem enxugar o suor, ser atrelado ao arado, preferiu morrer a manifestar o menor indício de rebelião contra o seupobre amo.

Então, sim, o pobre lavrador considerou-se irremediavelmente perdido! Olhou, desesperado, para os campos

que já não podia cultivar, para os talhões de frescas hortaliças que a gente da cidade consumia com indiferença, sem suspeitar das angústias que a sua produção

causava a um pobre homem em contínua batalha com a terra e a miséria.

Mas a Providência, que nunca abandona o pobre, falou-lhe pela boca de D. Salvador. Por algum motivo se diz que Deus tira muitas vezes o bem do mal.

Ao conhecer a sua desgraça, o insuportável avarento, o voraz usurário, ofereceu-lhe ajuda com uma bondade paternal e comovedora. De quanto precisava para comprar outro animal? Cinquenta duros? Pois ali estava ele

para lhes emprestar, demonstrando assim como eram injustos os que o odiavam e diziam mal dele.

E emprestou dinheiro a Barret, com o insignificante pormenor de lhe exigir uma assinatura - negócios são negócios - ao fundo de certo papel onde se falava de juros, de acumulação de réditos e da responsabilidade da dívida, mencionando relativamente a esta última cláusula os móveis, as ferramentas, enfim, tudo quanto o

lavrador possuía na sua cabana, incluindo os animais do curral.

Animado pela posse de um novo cavalo jovem e brioso, Barret voltou ao trabalho com mais afinco, matando-se sobre aqueles torrões que pareciam crescer à medida que as suas forças diminuía, que o envolviam como um sudário vermelho.

A maior parte do que colhia nos seus campos comia-o a família, e os cobres que conseguia com a venda do resto, no mercado de Valência, sumiam-se sem nunca formarem a pilha que chegaria para aplacar D. Salvador.

A ânsia que Barret sentia de saldar a sua dívida, sem nunca o conseguir, acabou por despertar nele um certo instinto de rebelião, por lhe fazer nascer no rude cérebro vagas e confusas ideias de justiça. Porque não eram seus os campos? Todos os seus avós tinham deixado a vida entre aqueles torrões, que estavam regados com o suor da família. Se não fossem eles, se não fossem os Barrets, as terras estariam tão despovoadas como a orla do mar...

E, agora, aquele velho sem entranhas do amo apertava-lhe a argola, atormentava-o com as suas advertências,

ele, que não sabia pegar numa enxada e nunca na vida dobrara a espinha! Jesus! E como os homens resolviam as coisas!...

Mas tais rebeliões eram momentâneas; Barret regressava logo à submissão resignada do labrego, ao respeito

tradicional e supersticioso pela propriedade. Era preciso trabalhar e ser honrado.

E o pobre homem, que considerava não pagar o devido como a maior das desonras, voltava aos seus labores cada vez mais fraco, mais extenuado, sentindo dentro de si o lento desmoronar da sua energia, convencido de que não poderia prolongar muito mais aquela

luta, mas indignado perante a simples possibilidade de ter de abandonar um palmo que fosse das terras dos seus antepassados.

Do semestre do Natal só pôde entregar a D. Salvador uma pequena parte. Chegou o São João, e nem um centavo. A mulher estava doente; para pagaras despesas da farmácia até vendera o "ouro do casamento, as veneráveis arrecadas e o colar de pérolas, que eram o tesouro da família e cuja futura posse provocava discussões entre as quatro raparigas.

O velho avarento mostrou-se inflexível. Não, Barret, aquilo não podia continuar. Como era bom (por muito que as pessoas dissessem o contrário), não podia consentir que o lavrador continuasse a matar-se no empenho de

cultivar umas terras que eram maiores do que as suas forças. Não o consentiria; era um caso de coração. E como lhe tinham feito propostas de novo arrendamento, avisava Barret para que deixasse os campos quanto antes. Lamentava muito, mas ele também era pobre...

Ah, isso lembrava-lhe que chegara o momento de pagar o que lhe emprestara para a compra do cavalo, importância que, com os réditos, ascendia a...

O pobre lavrador nem fixou os milhares de reais a que subia a sua dívida, com os tais réditos, tão perturbado e confuso ficara com a ordem de abandonar as suas terras.

A fraqueza, o desgaste interior resultante da tremenda luta de vários anos, manifestou-se repentinamente.

Ele, que nunca chorara, choramingou como um garoto. Toda a sua altivez, toda a sua gravidade moura, desapareceram num instante e, caindo aos pés do velho,

suplicou-lhe que não o abandonasse, pois via nele o seu pai.

Bom pai arranjava o pobre Barret! D. Salvador mostrou-se inflexível. Sentia muito, mas não podia fazer outra coisa. Ele também era pobre, tinha de granjear o pão dos filhos... E continuou a disfarçar a crueldade com

frases de sentimento hipócrita.

O lavrador cansou-se de pedir clemência. Foi diversas vezes a casa do amo, em Valência, falar-lhe dos seus antepassados, dos direitos morais que tinha sobre aquelas terras, pedir-lhe um pouco de paciência e afirmar-lhe,

com louca esperança, que lhe pagaria. Por fim, o avaro acabou por não lhe abrir a porta.

O desespero regenerou Barret, que voltou a ser um verdadeiro filho da várzea: altivo, enérgico e intratável quando crê que a razão lhe assiste. O amo não queria ouvi-lo? Negava-se a dar-lhe uma esperança? Pois bem, ficava à espera em sua casa; se o outro quisesse alguma coisa, que a fosse buscar. Ver-se-ia quem era o valentão que o faria sair da sua cabana!

E continuou a trabalhar, ainda que com receio, olhando ansiosamente sempre que passava perto algum desconhecido, como quem espera ser atacado de um momento para o outro por uma cáfila de bandidos.

Citaram-no para que comparecesse no tribunal, mas não compareceu. Sabia muito bem o que aquilo era: intrigas dos homens para perderem as pessoas de bem. Se o queriam roubar, que o procurassem ali, nos campos, naqueles campos que eram pedaços da sua pele e que como tais defenderia.

Um dia informaram-no de que à tarde o tribunal procederia contra ele, o expulsaria das terras e embargaria tudo quanto tivesse na cabana, para pagamento das

suas dívidas. Naquela noite já não dormiria em casa.

A notícia pareceu-lhe tão inaudita que o Tio Barret sorriu, incrédulo. Isso poderia ser para os caloteiros, para os que nunca pagavam, mas ele, que sempre cumprira, que nascera ali mesmo, que só devia um ano de arrendamento... Qual quê! Nem que se vivesse entre selvagens sem caridade nem religião!

Mas quando, à tarde, viu surgir no caminho uns senhores vestidos de preto, passarões fúnebres com rolos de papel debaixo do braço, já não duvidou. Aquele era o inimigo. Iam roubá-lo.

E, sentindo dentro de si a valentia cega do mercador mouro que sofre toda a espécie de ofensas, mas enlouquece de furor quando lhe tocam no que é seu, Barret

entrou a correr na cabana, pegou na velha espingarda que tinha sempre atrás da porta, carregada, e postou-se debaixo da latada, disposto a meter duas balas no corpo do primeiro daqueles bandidos da lei que pusesse os pés nos seus campos.

A mulher doente e as filhas saíram de casa a gritar como loucas e, agarrando-se a ele, tentaram tirar-lhe a espingarda, puxando-a pelo cano com ambas as mãos. E tais foram os gritos do grupo, que, lutando e puxando, ia de um pilar ao outro da latada, que começaram a sair pessoas das cabanas vizinhas, pessoas que chegaram a correr, em tropel, ansiosas e cheias da solidariedade fraternal dos que vivem num ermo.

Pimentó conseguiu apoderar-se da espingarda e levou-a prudentemente para sua casa. Barret tentou

persegui-lo, mas seguraram-no os fortes braços de uns mocetões que o tolheram, permitindo-lhe apenas desabafar a sua raiva contra aquele brutamontes que o impedia

de defender o que era seu:

- Pimentó!... Lladre!... Tórnam la escopeta!...

Mas o valentão sorria, bonacheirão, satisfeito por se mostrar prudente e paternal com aquele velho furioso. E assim o foi conduzindo até à sua cabana, onde ele e os amigos ficaram a vigiar Barret, aconselhando-o a não cometer um disparate. Muita cautela, Tio Barret!

Aquela gente era da justiça e o pobre ficava sempre a perder quando se metia com ela.

Calma e esperteza, e

tudo se arranjava.

Ao mesmo tempo, os passarões negros escreviam papéis e mais papéis na cabana de Barret, revolvendo, impassíveis, móveis e roupas, inventaliando até o curral e o estábulo, enquanto a esposa e as filhas gemiam desesperadamente e a multidão comprimida à porta observava com terror todos os pormenores da penhora e tentava consolar as pobres mulheres, murmurando em surdina maldições contra o sovina do D. Salvador e aqueles indivíduos que se prestavam a obedecer a semelhante acção.

Ao anoitecer, Barret, que estava como que aniquilado e, depois da crise de fúria, parecia ter caído num estado de sonambulismo, viu a seus pés umas trouxas de roupa e ouviu o barulho metálico de um saco que continha as suas ferramentas de lavoura.

Vozes trémulas lamuriaram algumas lamentações.

Eram as filhas, que se lançavam nos seus braços, e, atrás delas, a pobre mulher doente, a tremer de febre. Ao fundo, invadindo a cabana de Pimentó e perdendo-se para além da porta mergulhada em escuridão, estava toda a gente das redondezas, o aterrado coro da tragédia.

Haviam-nas feito sair definitivamente da sua cabana.

Os homens de negro tinham fechado a porta e levado as chaves. Só lhes restavam as trouxas que estavam no chão, a roupa que traziam no corpo e as ferramentas: nada mais lhes tinham permitido retirar de casa.

Pai e filhas soltavam palavras entrecortadas por soluços e voltavam a abraçar-se. Pepeta, a dona da cabana, e outras mulheres choravam também e repetiam as maldições contra o velho avarento, até que Pimentó interveio oportunamente.

Teriam muito tempo de falar do assunto; agora eram horas de jantar. Que diabo, não va lia a pena gemer tanto por causa de um velho sovina! Se ele visse tudo aquilo, como se alegrariam as suas más entranhas! A gente da varzea era boa, todos gostavam da família do Tio Barret e com ela repartiriam o que tivessem, muito ou pouco. A mulher e as filhas do arruinado lavrador foram passar a noite à cabana de umas vizinhas. O Tio Barret ficou onde estava, sob a vigilância de Pimentó.

Os dois homens ficaram até às dez horas sentados nas suas cadeiras de esparto, à luz da candeia, a fumar cigarro atrás de cigarro.

O pobre velho parecia louco. Respondia por monossílabos secos às reflexões daquele

valentaço, agora armado

em bonacheirão, e se falava era para repetir sempre as mesmas palavras.

- Pimentó!... Tórnam la escopeta!

E Pimentó sorria com certa admiração, surpreendido com a ferocidade repentina daquele velhote a quem toda a várzea considerara um pobre acanhado. Devolver-lhe a espingarda! Não faltava mais nada! A funda ruga vertical entre as sobrancelhas do velho deixava adivinhar o seu firme propósito de fazer em fanicos o autor da sua ruína.

Barret enfurecia-se cada vez mais com o rapaz. Foi até ao ponto de lhe chamar ladrão, por se negar a devolver-lhe a arma. Não tinha amigos; eram todos uns ingratos, iguais ao avarento do D. Salvador. Não queria dormir ali: faltava-lhe o ar. E, remexendo no saco das ferramentas, escolheu uma foice, atravessou-a na cinta e saiu da cabana, sem que Pimentó tentasse detê-lo.

A tais horas, o velho não poderia fazer mal nenhum. Que dormisse ao relento, se lhe apetecia. E o valentaço fechou a cabana e deitou-se.

O Tio Barret foi direito aos seus campos e, como um cão abandonado, começou às voltas em redor da cabana.

Fechada! Fechada para sempre! Aquelas paredes levantara-as o seu avô e renovara-as ele todos os anos. Ainda se distinguia na obscuridade a brancura da cal com que as filhas as tinham caiado três meses atrás.

O curral, o estábulo e as pocilgas eram obra do seu pai; e aquela cobertura de palha, tão alta e esbelta e com as duas cruzinhas nos extremos, erguera-a ele próprio em substituição da antiga, que metia água por todos os lados. Obra das suas mãos eram também o parapeito do poço, as pilastras da latada e as armações de canas por cima das quais mostravam os seus penachos de flores os cravos e os bons-días. E tudo aquilo iria ser propriedade de outro, porque assim o queriam os homens?

Procurou na cinta -a tira de fósforos que lhe serviam para acender os cigarros. Deitaria fogo à palha do telhado. Que o Demónio levasse tudo! No fim de contas, era seu, Deus bem o sabia, e podia destruir o que lhe pertencia para não o ver nas mãos de ladrões.

Mas, ao pretender incendiar a sua antiga casa, sentiu-se horrorizado, como se tivesse na sua frente os cadáveres de todos os seus antepassados, e deitou os fósforos para o chão.

A ânsia de destruição continuava, porém, a rugir na sua cabeça e, para a satisfazer, pegou na foice e meteu por aqueles campos que tinham sido seus verdugos.

Agora pagaria todas juntas a terra ingrata, causa das suas desditas!

Horas inteiras durou a devastação. Derrubou a pontapé as armações de cana pelas quais trepavam os tenros

feijões verdes e as ervilhas; caíram as favas, cortadas pela furiosa foice, e as fileiras de alfaces e couves foram parar longe, sob o impulso do afiado aço, quais cabeças cortadas espalhando à sua volta a cabeleira de folhas...

Ninguém se aproveitaria do seu trabalho! E assim esteve

até quase ao amanhecer, cortando, espezinhando, gritando e rugindo blasfêmias, enquanto o cansaço não lhe

placou a fúria e o levou a atirar-se para um sulco, a chorar como uma criança, pensando que de futuro a

terra seria a sua cama eterna e mendigar nos caminhos o seu único ofício.

Despertaram-no os primeiros raios -do Sol, que lhe feriram os olhos, e o alegre chilreio dos pássaros, que saltitavam perto da sua cabeça e se banqueteavam com os restos da destruição nocturna.

Levantou-se, entorpecido pelo cansaço e pela humidade. Pímentó e a mulher chamavam-no de longe,

convidando-o a tomar qualquer coisa. Barret respondeu-lhes com desprezo. Ladrão, depois de lhe ter ficado com

a espingarda... E pôs-se a caminho de Valência, a tremer de frio e sem saber para onde ia.

Ao passar pela taberna de Copa, entrou. Uns carreteiros das imediações dirigiram-lhe a palavra, compadecidos

com a sua desgraça, e convidaram-no a beber um copo, o que ele se apressou a aceitar. Precisava de qualquer coisa que combatesse aquele frio que se lhe metera nos ossos.

Ele, que sempre fora tão sóbrio, bebeu um após outro dois copos de aguardente, que lhe caíram no estômago enfraquecido como línguas de fogo.

O seu rosto corou, primeiro, para adquirir logo a seguir uma palidez cadavérica, e os olhos injectaram-se-lhe de sangue. Mostrou-se com os carreteiros, que

lamentavam, expansivo e confiado, quase feliz.

Tratando-os por meus filhos, garantiu-lhes que não se atrapalhava com tão pouco. Não perdera tudo. Ainda lhe restava o melhor da casa, a foice do avô: uma jóia que não trocava nem por cinquenta fanegas de boa terra.

E tirou da cinta o aço curvo, puro e reluzente: uma ferramenta de fina têmpera e afiadíssima, capaz de, segundo afirmava Barret, cortar no ar uma mortalha de cigarro.

Os carreteiros pagaram a despesa, arrearam as alimárias e puseram-se a caminho da cidade, enchendo o

caminho com o chiar das rodas.

O velho ainda se demorou mais de uma hora na taberna, a falar sozinho, sentindo faltar-lhe o juízo, até que, incomodado com o olhar duro dos proprietários, que adivinhavam o seu estado, sentiu uma vaga impressão de vergonha e saiu sem se despedir, caminhando com passo pouco firme.

Não conseguia afastar do pensamento uma recordação tenaz. Via, de olhos fechados, um grande laranjal

que existia a mais de uma hora de distância, entre Benimaclet e o mar. Fora lá muitas vezes a fim de tratar dos seus assuntos, e para lá ia -agora, na esperança de que o Demónio tivesse a bondade de o fazer encontrar o amo, o qual raro era o dia que não inspeccionava com o seu olhar de avarento as formosas

árvores, uma por uma,

como se tivesse todas as laranjas contadas.

Chegou ao fim de duas horas de caminhada, durante as quais parou muitas vezes para endireitar o corpo, que

se equilibrava mal sobre as pernas inseguras.

A aguardente apoderara-se dele. Já nem sabia o que ali o levava, tão longe da parte da várzea onde habitavam os seus, e acabou por se deixar cair num campo de cânhamo, na beira do caminho. Pouco depois, o seu ruidoso ressonar de bêbado ecoava entre as hastes altas e verdes.

Quando acordou, já a tarde ia bem avançada. Sentia a cabeça pesada e o estômago fraco. Zumbiam-lhe os ouvidos e tinha um gosto horrível na boca empastada.

Que fazia ali, perto da horta do avarento? Como viera parar tão longe? A sua honradez nata fê-lo envergonhar-se de tal envilecimento e Barret tentou pôr-se de pé

para fugir. A pressão que a foice atravessada na cinta lhe exercia sobre o estômago causou-lhe calafrios.

Ao endireitar-se, a sua cabeça assomou entre o cânhamo e ele viu numa volta do caminho um velho que caminhava lentamente, envolto numa capa.

Barret sentiu o sangue subir-lhe todo à cabeça, num repente, sentiu voltar-lhe a embriaguez e endireitou-se, tirando a foice... E ainda diziam que o Demónio não era bom? Ali estava o seu homem, o homem que desejava ver desde o dia anterior!

O velho usurário hesitara muito antes de sair de casa. Perturbava-o um pouco o que fizera ao Tio Barret, o sucedido ainda era recente e a várzea era traiçoeira. Mas o medo de que se aproveitassem da sua ausência no laranjal foi mais forte do que os seus receios e, dizendo para consigo que o laranjal ficava longe da cabana penhorada, pôs-se a caminho.

Já avistava o laranjal e já se ria do medo sentido quando viu saltar da leira de cânhamo o próprio Barret, que lhe pareceu um enorme demónio, de rosto vermelho e braços abertos, a impedir-lhe toda a fuga, a encurralá-lo na beira da acéquia que corria paralela ao caminho.

Julgou sonhar. Os seus dentes bateram, ficou verde e a capa caiu-lhe, deixando a descoberto um velho casaco e os lenços sujos enrolados ao pescoço. Tão grandes eram o seu terror e a sua perturbação que até começou a falar em castelhano:

-Barret, meu filho! -exclamou, em voz entrecortada. -Foi tudo uma brincadeira, não faças caso. Aquilo

de ontem foi para te meter um bocadinho de medo, mais nada... Continuarás nas terras. Passa amanhã pela minha casa, para falarmos... Pagar-me-ás como melhor entenderes.

E dobrava o corpo, evitando que o Tio Barret se aproximasse. Desejava sair daqui para fora, fugir da terrível foice em cuja lâmina se quebrava um raio de sol e se reflectia o azul do céu. Como a acéquia ficava para trás dele, não se podia mexer e, por isso, atirava o corpo para trás, ao mesmo tempo que tentava proteger-se com as mãos crispadas.

O lavrador sorria como uma hiena, mostrando os dentes agudos e brancos de pobre.

-Embustero! Embustero!-respondia, com voz semelhante a um rosnido.

E, movendo a ferramenta de um lado para o outro, procurava sítio para ferir, evitando as mãos magras e

desesperadas que se lhe colocavam à frente.

-Mas, Barret, meu filho, que vem a ser isto? Baixa essa arma... Não brinques... És um homem honrado... pensa nas tuas filhas. Repito-te que foi uma partida. Passa por lá amanhã e dar-te-ei as chaves... Ai!

Foi um rugido horripilante, um grito de animal ferido. Cansada de encontrar obstáculos, a foice decepara de um só golpe uma das mãos crispadas, que ficara presa apenas pelos tendões e pela pele. O sangue esguichou com força do coto vermelho e salpicou Barret, que rugiu ao sentir no rosto as gotas quentes.

O velho cambaleou, mas antes de cair a foice lançou-se horizontalmente contra o seu pescoço e zás! cortou a complicada protecção dos lenços e abriu uma ferida funda, que quase separou a cabeça do tronco.

D. Salvador caiu na acéquia e as suas pernas ficaram no aterro, agitadas por convulsões fúnebres de rês degolada. Entretanto, a cabeça enterrada no barro despejava o sangue todo pelo corte profundo, tingindo de vermelho, a água que continuava o seu curso sereno, com um murmúrio plácido que alegrava o solene silêncio da tarde.

Barret ficou especado na beira da acéquia, como um imbecil. Quanto sangue tinha o velho ladrão! A acéquia, ao avermelhar-se, parecia mais caudalosa. De repente, dominado pelo terror, o labrego desatou a correr, como se receasse que, ao trasbordar, o regato de sangue o afogasse.

Antes de terminar o dia, a notícia correu e emocionou toda a várzea. Alguma vez vistes o gesto hipócrita, o silêncio regozijado, com que um povo acolhe a morte do governante que o oprimia? Assim chorou a várzea o desaparecimento de D. Salvador. Todos adivinharam que andara ali a mão do Tio Barret, e ninguém falou. As cabanas teriam aberto para ele os seus esconderijos mais recônditos, as mulheres tê-lo- iam ocultado sob as saias.

Mas o assassino vagueou como um louco pela várzea, fugindo das pessoas, estendendo-se atrás dos aterros, encolhendo-se debaixo das pontezinhas, fugindo através dos campos e assustando-se com o ladrar dos cães, até que no dia seguinte a Guarda Civil o surpreendeu a dormir num palheiro.

Durante seis meses, na várzea, só se falou do Tio Barret.

Aos domingos, homens e mulheres iam, como em peregrinação, à cadeia de Valência, para contemplarem por trás das grades o pobre "libertador", cada vez mais magro, com os olhos afundados nas órbitas e o olhar inquieto.

Até que chegou o julgamento e o condenaram à morte.

A notícia causou funda impressão na várzea, onde curas e alcaides se puseram em movimento, para evitar tal vergonha... Um homem do distrito sentenciado no cadafalso! E como Barret fora sempre dos dóceis, votando como o cacique ordenava e obedecendo passivamente a quem mandava, fizeram-se viagens a Madrid para lhe salvar a vida e o indulto surgiu oportunamente.

O lavrador saiu da prisão transformado numa múmia e foi conduzido ao presídio de Ceuta, onde morreria passados poucos anos.

A sua família desfez-se, desapareceu como um punhado de palha deitado ao vento.

As filhas, uma após outra, foram abandonando as famílias que as tinham recolhido e mudando-se para Valência, a fim de ganharem o pão como criadas, e a pobre velha, cansada de incomodar os outros com as suas mazelas, foi para o hospital, onde também não tardou a morrer.

Com a facilidade que toda a gente tem para esquecer a desgraça alheia, as pessoas da várzea só de longe em longe recordavam a espantosa tragédia do Tio Barret, perguntando-se então que seria feito das suas filhas.

Mas ninguém esqueceu os campos e a cabana, que permaneceram no mesmo estado em que estavam no dia em que a justiça expulsara o desafortunado renteiro.

Foi um acordo tácito de, toda a várzea, uma conjura instintiva em cuja combinação mal se trocaram palavras, mas em que até as árvores e os caminhos pareciam participar.

Pímentó dissera, no próprio dia da catástrofe: "Veremos se há algum valentão que se atreva a entrar naquelas terras! "

E toda a gente da várzea, até as mulheres e as crianças, pareceram responder com os seus olhares de mútuo entendimento: "Sim, veremos! "

As plantas parasitas e os abrolhos começaram a irromper da terra maldita, que o tio Barret espezinhara e ferira com a sua foice na última noite, como se pressentisse que por culpa dela morreria no presídio.

Os filhos de D. Salvador, uns ricaços tão avarentos como o pai, julgaram-se mergulhados na miséria porque o pedaço de terra permanecia improdutivo.

Um lavrador de outro distrito, homem com fama de valentão e que nunca tinha terra suficiente, sentiu-se tentado pelo baixo preço do arrendamento e aceitou os campos que a todos inspiravam medo.

La lavrar a terra com a espingarda ao ombro; ele e os seus criados riam-se do isolamento a que os votavam os vizinhos, cujas portas se fechavam à sua passagem. Seguiam-nos de longe olhares hostis.

O lavrador bem vigiou, pressentindo uma emboscada, mas de nada lhe serviu a cautela, pois numa tarde em que regressava sozinho a casa, quando ainda não estava terminado o arroteamento dos seus novos campos, dispararam-lhe dois balázios, sem que lograsse ver o agressor, e só por milagre saiu ileso do punhado de chumbos que lhe zuniram aos ouvidos.

Nos caminhos não se via ninguém. Nem uma pegada recente. Haviam disparado de alguma acéquia, com o atirador emboscado atrás dos caniçais.

Com inimigos assim não era possível lutar. Nessa mesma noite, o valentão entregou as chaves da cabana aos amos.

Os filhos de D. Salvador protestaram em vão: já não existia Governo, nem segurança para a propriedade... nem nada?

O autor da agressão era sem dúvida Pimentó, era ele que impedia que os campos fossem cultivados, e a Guarda Civil prendeu-o e levou-o para a cadeia.

Mas, quando chegou o momento das declarações, todo o distrito desfilou perante o juiz, afirmando a

inocência de Pimentó, sem que fosse possível arrancar uma única palavra contraditória àqueles rústicos astutos.

Todos recitavam a mesma lição. Até velhas achacadas, que nunca saíam das suas cabanas, declararam que naquele dia, à hora em que soaram os dois tiros, Pimentó estava numa taberna de Alboraya, de patuscada com os amigos.

Não se podia fazer fosse o que fosse contra aquela gente de expressão imbecil e olhar inocente que, coçando o cogote, mentia com tanto apurmo. Pimentó foi posto em liberdade e em todas as cabanas se soltaram suspiros de triunfo e satisfação.

Estava feita a prova: doravante, todos sabiam que o cultivo daquelas terras se pagava com a pele.

Os avaros donos não desistiram, porém: eles próprios cultivariam a terra. E procuraram jornaleiros entre as gentes resignadas e submissas que, cheirando a lã grosseira e a miséria, descem em busca de trabalho, espicaçadas pela fome, do mais longm quo da província, das montanhas fronteiriças a Aragão.

Na várzea compadeciam-se dos pobres churros. Infelizes! Estavam ali para ganhar uma jorna, que culpa

tinham? E quando, ao anoitecer, se retiravam com a enxada ao ombro, não faltava uma boa alma que os chamasse da porta da taberna de Copa. Mandavam-nos entrar, ofereciam-lhes de beber e depois falavam-lhes ao ouvido, de rosto franzido e tom paternal e bondoso, como quem aconselha uma criança a evitar o perigo. E, em consequência disso, um dia, em vez de irem para o campo, os dóceis churros apresentavam-se em massa aos donos das terras:

- Vimos a que nos pague, meu amo.

E eram inúteis todos os argumentos dos solteirões, furiosos ao verem-se atacados na sua avareza.

- Meu amo - respondiam os homens a tudo-, somos pobres, mas não achámos a vida atrás de um palheiro.

Não só deixavam o trabalho como ainda passavam palavra a todos os colegas, para que fugissem de ganhar uma jorna nos campos de Barret como quem foge do Diabo.

Os donos das terras pediram protecção até em documentos públicos. E pares de guardas civis começaram a percorrer a várzea, a postar-se nos caminhos e à coca de gestos e conversa, mas sempre sem êxito.

Todos os dias viam a mesma coisa: as mulheres costurando e cantando debaixo das latadas; os homens nos campos, curvados, de olhos no chão e sem darem descanso aos bagaços activos; Pimentó estendido como grande senhor junto das varas de visco, à espera dos

pássaros ou ajudando desajeitada e preguiçosamente Pepeta, e na taberna de Copa uns velhotes a apanhar sol ou a jogar. A paisagem respirava paz e honrada animalidade; era uma Arcádia moura.

Mas os do Grémio não se

fiavam; nenhum lavrador queria as terras nem de graça, e, por fim, os donos tiveram de desistir do seu empenho, deixando-as cobrir-se de mato e arrimar-se a cabana, enquanto esperavam que aparecesse um homem de boa vontade capaz de as comprar ou de as amanhar.

A várzea estremecia de orgulho, vendo perder-se aquela riqueza, e os herdeiros de D. Salvador desesperavam.

Era um prazer novo e intenso aquele. Alguma vez haviam de ser os pobres a impor-se e os ricos a ficar na mó de baixo. E o pão duro parecia mais saboroso, o vinho melhor e o trabalho menos pesado, ao imaginarem a raiva dos dois avarentos, que, apesar, de todo o seu dinheiro, tinham de se resignar a que os rústicos da várzea zombassem deles.

Além disso, aquela mancha de desolação e miséria no meio da várzea era um aviso para que os outros proprietários fossem menos exigentes, para que não seguissem o exemplo do vizinho, aumentando as rendas, e se conformassem quando o pagamento dos semestres tardava.

Os campos desolados eram o talismã que mantinha os rendeiros estreitamente unidos, em contacto contínuo: eram um monumento que proclamava o seu poder sobre os proprietários, o milagre da solidariedade da miséria contra as leis e a riqueza dos que são senhores das terras sem as trabalharem, nem sobre elas suarem.

Tudo isso, confusamente pensado, os convencia de que a várzea sofreria toda a espécie de desgraças no dia em que os campos de Barret fossem cultivados. E, após um triunfo de dez anos, não imaginavam que pudesse entrar nos campos abandonados outra pessoa além do

Tio Tomba, um pastor cego e tagarela que, à falta de auditório, todos os dias contava as suas façanhas de guerrilheiro ao seu rebanho de sujas ovelhas.

Daí as exclamações de assombro e os gestos de raiva de toda a várzea quando, de campo em campo e de cabana em cabana, Pimentó foi informando de que as terras de Barret já tinham arrendatário, um desconhecido, e que ele - "ele!" - fosse quem fosse, já se estava a

instalar lá com toda a família, sem mais nem quê, "como se tudo aquilo fosse seu"!

Ao inspecionar as terras incultas, Batiste disse para consigo haver ali trabalho para muito tempo.

Mas isso não o desalentou. Era um homem enérgico, empreendedor, habituado à luta pela conquista do pão. Ali havia-o "farto", como dizia, e, ademais, consolava-o recordar que já se vira em piores apuros.

A sua vida passada era uma mudança contínua de profissão, sempre dentro do círculo da miséria rural, mudando todos os anos de ofício e não encontrando nunca para a família o modesto bem-estar que constituía toda a sua aspiração.

Quando conhecera a mulher, era moço de moinho nas imediações de Sagunto. Trabalhara então "como um lobo" -como dizia-, para que em sua casa não faltasse nada, e Deus premiara a sua laboriosidade dando-lhe cada ano um filho, lindas crianças que pareciam nascer com dentes, tanta era a pressa com que abandonavam o peito materno e passavam a pedir pão a toda a hora.

Resultado: tivera de abandonar o moinho e dedicar-se ao ofício de carreteiro, em busca de maiores ganhos.

Mas a má sorte perseguia-o. Ninguém cuidava do

gado e vigiava a marcha como ele. Morto de sono, nunca se atrevia, como os companheiros, a dormir no carro, deixando os animais guiarem-se pelo instinto. Vigiava a todas as horas, mantinha-se sempre junto do cavalo da frente, evitando os sulcos profundos e o mau piso. E, no

entanto, se algum carro se virava, era o dele, e, se algum animal adoecia por causa das chuvas, era certamente de Batiste, apesar do cuidado paternal com que se apressava a cobrir os flancos das suas bestas com serapilheiras, mal caíam quatro pingos de chuva.

Nalguns anos de cansativa peregrinação pelas estradas da província, comendo mal, dormindo ao relento e

sofrendo o tormento de passar meses inteiros longe da família, que adorava com o afecto concentrado de homem rude e silencioso, Batiste só teve prejuízos e viu a sua situação cada vez mais comprometida.

Morreram-lhe os cavalos e teve de se endividar para comprar outros. O que ganhava com o transporte contínuo de odres pejados de vinho ou de azeite perdia-o nas mãos de chalantes e construtores de carros, até que chegou o momento em que, vendo próxima a ruína, abandonou o ofício.

Tomou então umas terras perto de Sagunto: campos de sequeiro, vermelhos e eternamente sequiosos, nos quais torciam os troncos ocos alfarrobeiras centenárias ou erguiam as oliveiras as suas redondas e empoeiradas copas.

A sua vida foi uma batalha contínua com a seca, um incessante olhar para o céu, um tremor de emoção sempre que uma nuvenzinha negra assomava no horizonte.

Choveu pouco, as colheitas foram más durante quatro anos e Batiste já não sabia que fazer, nem para que lado se virar, quando, numa viagem a Valência, conheceu os filhos de D. Salvador, uns excelentes senhores (Deus os abençoasse), que lhe tinham dado aquela

beleza de campos, livres de renda por dois anos, até recuperarem por completo o seu estado de outros tempos.

Ouviu dizer qualquer coisa do que tinha sucedido na cabana, das causas que obrigavam os proprietários a conservar improdutivas tão belas terras, mas já passara tanto tempo!... Além disso, a miséria não tinha ouvidos; convinham-lhe os campos e neles ficaria. Que lhe importavam as velhas histórias de D. Salvador e do Tio Barret?

Minimizava e esquecia tudo isso ao contemplar as suas terras. Batiste sentia-se possuído de doce êxtase ao ver-se cultivador da várzea fecunda que tantas vezes invejara ao passar pela estrada de Valência a Sagunto.

Aquilo é que eram terras! Sempre verdes, com as entranhas incansáveis engendrando uma colheita após outra e a água vermelha a circular a todas as horas como sangue vivificador pelas inúmeras acéquiias e regueiras que lhe sulcavam a superfície como uma complicada rede de veias e artérias. Tão fecundas que alimentavam famílias inteiras com talhões que, de tão pequenos, pareciam lenços de folhagem. Recordava os campos secos de Sagunto como um inferno de sede, do qual felizmente selibertara.

Agora sentia-se deveras no bom caminho. Toca a trabalhar! Havia muito que fazer nos campos, mas quando se tem boa vontade... E, espreguiçando-se, aquele homenzarrão rijo, musculoso, de ombros de gigante, cabeça redonda e rapada e rosto bondoso sustido pelo largo pescoço de frade, estendia os fortes braços, habituados a erguer no ar os sacos de farinha e os pesados odres que transportava.

Tão absorto andava com as suas terras que mal reparava na curiosidade dos vizinhos.

Enfiando as cabeças inquietas por entre os caniçais, ou estendidos de bruços nos aterros, contemplavam-no homens, rapazes e até mulheres das cabanas vizinhas.

Batiste não fazia caso deles. Era a curiosidade, a expectativa hostil, que inspiram sempre os recém-chegados. Compreendia-o e tinha a certeza de que se iriam habituando. Além disso, talvez lhes interessasse ver como ardia a miséria que dez anos de abandono tinham amontoado nos campos de Barret.

Ajudado pela mulher e pelos filhos, começou a queimar, no dia seguinte à sua chegada, toda a vegetação parasita.

Os arbustos, depois de se retorcerem entre as chamas, desfaziam-se em brasas, de cujas cinzas fugiam nojentos bichos chamuscados. A cabana surgia como que esbatida entre as nuvens de fumo das fogueiras, que despertavam uma cólera surda em toda a várzea.

Uma vez limpas as terras, Batiste procedeu ao seu cultivo, sem perda de tempo. Estavam muito duras, mas ele, como lavrador entendido, tencionava trabalhá-las pouco a pouco, por secções, e, marcando um canteiro perto da cabana, começou a revolver a terra, ajudado pela família.

Os vizinhos zombavam de todos eles com uma ironia que denunciava a sua irritação surda. Que família! Eram ciganos como os que dormiam debaixo das pontes.

Viviam na velha cabana como náufragos que se aguentam num barco destruído: tapando um buraco aqui,

escorando ali, fazendo verdadeiros prodígios para que o telhado de palha se aguentasse e distribuindo os seus pobres tarecos, cuidadosamente esfregados, por todos os quartos, antes lura de ratazanas e vermes.

Quanto a trabalho, pareciam um bando de esquilos, incapazes de permanecer quietos enquanto o pai trabalhava. Teresa, a mulher, e Roseta, a filha mais velha,

com as saias presas entre as pernas e a enxada na mão, cavavam com mais afinco do que um jornaleiro, descansando apenas para puxarem para trás as grenhas que

lhes caíam para a testa suada e vermelha. O filho mais velho ia constantemente a Valência com a alfofa ao ombro e de lá trazia esterco e entulho, que colocava em dois montes, como colunas de honra, à entrada da cabana. Os três mais pequenos, sérios e laboriosos, como se compreendessem a grave situação da família, iam de gatas atrás dos cavadores, arrancando dos torrões as duras raízes dos arbustos queimados.

Esta faina preparatória durou mais de uma semana, durante a qual a família souou e arquejou da alvorada até à noite. Metade das terras estavam revolvidas. Batiste

dividiu-as e lavrou-as com a ajuda do velho e esforçado rocim, que até parecia da família.

Havia que tratar do cultivo; estava-se no S. Martinho, época da sementeira, e o lavrador dividiu a terra

alqueivada em três partes: a maior para o trigo, um talhão mais pequeno para favas e outro para forragem, pois não se podiam esquecer do Morrut, o velho e querido cavalo. Bem o merecia.

Com a alegria de quem, depois de navegar penosamente, avista o porto, a família procedeu à sementeira.

Era o porvir assegurado. As terras da várzea não enganavam; dali sairia o pão para todo o ano.

Na tarde em que terminaram a sementeira, viram avançar pelo caminho mais próximo algumas ovelhas de sujos velos, que se detiveram, medrosas, no limite do campo.

Atrás delas apareceu um velho chupado, amarelento, com os olhos enterrados nas órbitas profundas e a boca circundada por uma auréola de rugas. Avançava lentamente, em passadas firmes, mas tacteando o caminho, à frente, com o cajado.,

A família observou-o com atenção. Era o primeiro que, naquelas duas semanas, se atrevia a aproximar-se das terras. Ao aperceber-se da hesitação das ovelhas, o velho gritou-lhes que avançassem.

Batiste foi ao seu encontro. Não se podia passar; as terras já estavam cultivadas. Não sabia?

O Tio Tomba ouvira dizer qualquer coisa, mas nas duas semanas anteriores levava o rebanho a pastar para o barranco de Carraixet, sem se preocupar com aqueles campos... Era verdade que estavam cultivados?

E o ancião esticava a cabeça, fazendo tremendos esforços para ver, com os olhos quase mortos, o homem audaz que se atrevia a fazer o que toda a várzea considerava impassível.

Ficou um bom bocado em silêncio e depois começou a murmurar, tristemente:

Má coisa. Na sua juventude, ele também fora atrevido, também gostara de contrariar todos. Mas quando os

inimigos são muitos... Má coisa, muito má; metera-se em grandes trabalhos. Aquelas terras, depois do que acontecera ao pobre Barret, estavam amaldiçoadas. Podia

acreditar nele, que era velho e experiente: só lhe trariam desgraça.

E o pastor chamou o seu rebanho, fê-lo meter pelo caminho e, antes de se afastar, atirou a manta para trás, ergueu os braços descarnados e, com certa entonação de feiticeiro que augura o porvir, ou de profeta que fareja ruína, gritou a Batiste:

- Acredita, meu filho, trar-te-ão desgraça!

Deste encontro resultou mais um motivo de cólera para toda a várzea.

O Tio Tomba já não podia levar as suas ovelhas para aquelas terras, depois de dez anos de pacífico desfrute dos seus pastos.

Ninguém dizia uma palavra sobre a legitimidade da recusa do seu ocupante, em virtude de o terreno estar cultivado. Todos falavam unicamente do respeito que

merecia o velho pastor, um homem que na sua mocidade comera os franceses vivos, que vira muito mundo e cuja sabedoria, demonstrada por meias palavras e conselhos incoerentes, inspirava um respeito supersticioso à gente dascabanas.

Quando Batiste e a família viram cheias de fecunda semente as entranhas das suas terras, pensaram na cabana, à falta de trabalho mais urgente.

O campo cumpriria o seu dever. Chegara a altura de pensarem neles.

E, pela primeira vez desde a sua chegada à várzea, Batiste saiu das terras para ir a Valência, a fim de carregar no seu carro todos os desperdícios da cidade que lhe pudessem ser úteis.

Aquele homem era uma formiga infatigável, a recolher refugo. Os montões formados por Batiste aumentaram consideravelmente com as expedições do pai.

O monte de esterco, que formava uma cortina defensiva diante da cabana, cresceu rapidamente, enquanto mais adiante se amontoavam centenas de azulejos partidos, tábuas carcomidas, portas partidas, janelas estilhaçadas, enfim, todos os desperdícios das demolições da cidade.

A gente da várzea contemplou com espanto o desembaraço e a astúcia dos laboriosos intrusos para arranjam a sua casa.

A cobertura de palha da cabana ficou direita num instante; as vigas do tecto, carcomidas pelas chuvas, foram reforçadas, umas, e substituídas, outras; uma camada de palha nova cobria os dois lados inclinados do exterior. Até as cruzinhas dos extremos foram substituídas por outras que a navalha de Batiste afeiçoou

airosamente, adornando-lhes as arestas de entalhes. Por fim, não houve nas redondezas telhado que se erguesse com mais garbo.

Os vizinhos, ao verem como se reconstruía a cabana de Barret, achavam nisso algo de zombaria e de desafio.

Depois começou a obra da parte de baixo. Que maneira de utilizar os escombros de Valência! As gretas desapareceram e, rebocadas as paredes, a mulher e a filha caíram-nas de um branco deslumbrante. A porta nova e pintada de azul parecia a mãe de todas as janelinhas que assomavam pelos buracos das paredes as suas caras quadradas da mesma cor. Sob a latada,

Batiste fez um pequeno terraço pavimentado com ladrilhos encarnados, para que as mulheres lá costurassem

nas horas da tarde. O poço, após uma semana de descidas e de penosas subidas com carregamentos, ficou limpo de todas as pedras e de todo o lixo com que a garotada da várzea o atulhara durante dez anos, e a sua água limpa e fresca voltou a subir no musgoso balde, com alegre chinar da roldana, que parecia rir-se das pessoas das imediações com uma estridente gargalhada de velha maliciosa.

Os vizinhos devoravam a sua raiva em silêncio.

Ladrão, mais que ladrão! Mas que maneira de trabalhar!... Os musculosos braços daquele homem pareciam duas varinhas de condão, que transformavam tudo em que tocavam.

Dez semanas depois da sua chegada, ainda não saíra das suas terras meia dúzia de vezes. Estava sempre nelas,

com a cabeça metida entre os ombros e a espinha dobrada, a embriagar-se no trabalho. E a cabana de Barret ostentava um aspecto atrevido e risonho, como nunca tivera quando em poder do seu antigo ocupante.

O curral, antigamente cercado por canas apodrecidas, tinha agora paredes de estacas e barro, pintadas de branco, e no seu interior as galinhas vermelhas davam corridinhas e o galo inflamava-se todo, esticando a rubra cabeça... No pequeno terraço, defronte da cabana, floresciam maciços de bons-dias e trepadeiras. Uma enfiada de

panelas esbeçadas, pintadas de azul, serviam de vasos em cima do banco de ladrilhos vermelhos, e pela porta entreaberta - ah, o fanfarrão! - via-se o poial novo, com as suas placas de azulejos brancos e os seus cântaros verdes, de reluzente bojo: um conjunto de reflexos insolentes, que cegavam quem passava pelo caminho mais próximo.

Na sua fúria crescente, todos procuravam Pimentó. Poderia consentir-se tal coisa? Que pensava fazer o temível marido de Pepeta?

E Pímentó coçava a testa, enquanto os ouvia com certa confusão.

Que havia de fazer?... O seu propósito era dizer duas palavrinhas àquele forasteiro que se atrevera a cultivar o que não era seu; aconselhá-lo-ia muito a sério a "não ser parvo" e regressar à sua terra, pois não tinha ali nada que fazer. Mas o tal sujeito não saía dos seus campos e não podia pensar em ir ameaçá-lo em sua própria casa. Isso seria "dar demasiado o corpo", tendo em conta o que poderia acontecer depois. Era preciso ser cauteloso e proteger a retirada, como se dizia. Enfim, tivessem um pouco de paciência. O que ele podia garantir era que o tal sujeito não colheria o trigo, nem as favas, nem nada do que semeara nos campos de Barret. Seria tudo para o Demónio.

As palavras de Pimentó tranquilizavam os vizinhos, que acompanhavam com olhar atento os progressos da maldita família, desejando em silêncio que chegasse depressa a hora da sua ruína.

Uma tarde, Batiste regressou de Valência muito contente com o resultado da sua viagem. Não queria em casa braços inúteis. Batistet, quando não havia trabalho no campo, procurava ocupação indo à cidade recolher esterco. Restava a rapariga, uma mocetona que, terminado o arranjo da casa, não servia para grande coisa.

Agora, graças à protecção dos filhos de D. Salvador, que se mostravam contentíssimos com o novo arrendatário,

acabava de conseguir que a admittissem numa fábrica de sedas.

A partir do dia seguinte, Roseta faria parte do rosário de raparigas que, despertando com a aurora, invadiam

todos os caminhos com as saias ondulantes e o cestinho no braço, direitas à cidade, para fiarem o sedoso casulo entre os dedos grossos de filhas da várzea.

Quando Batiste se aproximava da taberna de Copa, apareceu um homem vindo de uma das travessas vizinhas que caminhava lentamente ao seu encontro, dando

a entender o seu desejo de lhe falar.

Batiste parou, lamentando no seu íntimo não trazer consigo nem uma navalha, nem uma foice, mas sereno, tranquilo, erguendo a cabeça redonda com a expressão imperiosa tão temida pela família e cruzando no peito os robustos braços de antigo moço de moleiro.

Conhecia aquele homem, embora nunca tivesse falado com ele. Era Pimentó.

Dava-se, finalmente, o encontro que tanto temera.

O valentão mediu o odiado intruso de alto a baixo e falou-lhe em voz suave, esforçando-se por imprimir à sua ferocidade e às suas más intenções um ar de bondoso conselho.

Queria dar-lhe duas palavras: havia tempo que desejava fazê-lo, mas como conseguiu, se nunca saía das suas terras?

E disse as duas palavrinhas, aconselhando-o a sair quanto antes das terras do Tio Barret. Devia acreditar nos homens que eram seus amigos, nos conhecedores dos costumes da várzea. A sua presença ali era uma ofensa e a cabana quase nova um insulto à pobre gente. Devia seguir o seu conselho e ir com a família para outro lado.

Batiste sorria ironicamente enquanto Pimentó falava e, por fim, este pareceu confundido com a serenidade do intruso, surpreendido por encontrar um homem que não sentia medo na sua presença.

Ir-se embora, ele? Não havia valentão que o obrigasse a abandonar o que era seu, o que regara com o seu suor e haveria de dar pão à sua família. Era um homem pacífico, hem? Mas, se lhe faziam chegar a mostarda ao nariz, era tão valente como o mais valente. Que se metesse cada qual na sua vida, que a dele já lhe dava bastante que fazer, sem precisar de se preocupar com a dos outros.

E, passando pela frente do ferrabrás, seguiu o seu caminho, virando-lhe as costas com uma confiança depreciativa.

Pimentó, habituado a fazer tremer toda a várzea, sentia-se cada vez mais desconcertado com a serenidade de Batiste.

- É a última palavra! - gritou Pimentó quando o outro já se encontrava a certa distância.

- A última - respondeu-lhe Batiste, sem se voltar.

E seguiu em frente, até desaparecer numa curva do caminho. Ao longe, na antiga cabana de Barret, o cão ladrava, farejando a proximidade do dono.

Ao ficar só, Pimentó recuperou a soberba. Jesus, como troçara dele aquele fulano! Resmungou algumas maldições e, cerrando o punho, apontou ameaçador para a curva do caminho por onde desaparecera Batiste.

- Tu mas pagarás!... Mas pagarás!

Na sua voz trémula de raiva vibraram, concentrados, todos os ódios da várzea.

Era quinta-feira e, segundo um costume já com cinco séculos, o Tribunal das águas ia reunir-se na Porta dos Apóstolos da Catedral de Valência.

O relógio da torre conhecida por "El Miguelete" marcava pouco mais de dez horas. Os habitantes da

várzea juntavam-se em pequenos grupos ou sentavam-se no rebordo da taça da fonte que adorna o largo, formando uma animada grinalda de mantas azuis e brancas, lenços encarnados e amarelos ou saias de indiana de cores claras.

Uns chegavam puxando os seus cavalicoques, com o ceirão carregado de esterco, contentes com a colheita feita nas ruas; outros, vinham nos carros vazios e tentavam enternecer os guardas municipais, para que os deixassem parar ali. Entretanto, os velhos conversavam com as mulheres e os jovens metiam-se no café próximo, para entreterem o tempo com um copo de aguardente e um cigarro de três centavos.

Toda a várzea que tinha agravos a vingar se encontrava ali, gesticulante e carrancuda falando dos seus

direitos, impaciente por desfiar perante os síndicos ou juízes das sete acéquias o interminável rosário das suas queixas.

O aguazil do tribunal, que contava mais de cinquenta anos de luta com aquela malta insolente e agressiva, colocava à sombra da portada ogival um sofá de damasco velho e depois dispunha uma espécie de gradeamento baixo, isolando o espaço de passeio que serviria de sala de audiência.

A Porta dos Apóstolos, velha, avermelhada, carcomida pelos séculos e expondo as suas corroídas belezas à luz do Sol, constituía um fundo digno para o antigo tribunal: era como um dossel de pedra feito para cobrir uma instituição de cinco séculos.

No timpano via-se a Virgem com seis anjos de rígidas alvas e asas de plumagem miúda, bochechudos, de flamejantes topetes e pesados caracóis, tocando violas e flautas, charamelas e tambores. Corriam pelos três arcos sobrepostos da porta três grinaldas de figurinhas, anjos, reis e santos, abrigados sob pequenos dosséis entalhados. Sobre robustos pedestais exibiam-se os doze apóstolos, mas tão desfigurados, tão maltratados, que nem Jesus os teria reconhecido: os pés corroídos, os narizes partidos, as mãos decepadas, em suma, uma série de figurões que, mais do que apóstolos, pareciam doentes fugidos de uma clínica mostrando dolorosamente os seus informes cotos. Em cima, no fecho da portada, abria-se, qual gigantesca flor coberta de rede de arame, a roseta colorida que iluminava a igreja. Em baixo, na base das colunas adornadas com escudos de Aragão, a pedra estava gasta e as arestas e as folhagens apagadas pelo atrito de inúmeras gerações.

Nesse desgaste da portada adivinhava-se a passagem da revolta e do tumulto. Junto daquelas pedras aglomerara-se e confundira-se todo um povo; ali se agitara noutros séculos, vociferante e vermelho de raiva, o valencianismo levantino, e os santos da portada, mutilados e lisos como múmias egípcias, ao olharem para o céu com as cabeças partidas, pareciam ouvir airída o sino revolucionário da Unión ou as arcabuzadas da Germanías.

O aguazil acabou de preparar o tribunal e postou-se à entrada da cerca, à espera dos juízes.

Estes iam chegando, solenes, com uma majestade de labregos ricos, vestidos de preto, com aspargatas brancas

e lenço de seda sob o largo chapéu. Cada um trazia atrás de si um cortejo de guardas de acéquia, de importunos que, antes da hora da justiça, tentavam predispor o ânimo do tribunal a seu favor.

As gentes lavradores olhavam com respeito aqueles juízes saídos da sua classe, cujas deliberações não admitiam recurso. Eram os donos da água; nas suas mãos

estavam a vida das famílias, o alimento dos campos, a rega oportuna, cuja carência mata uma colheita. E os habitantes da extensa várzea cortada pelo rio alimentador, como uma espinha eriçada pelas farpas que eram os seus canais, designavam os juízes pelo nome das acéquias que representavam.

Um velho seco, curvado, cujas mãos vermelhas e cobertas de escamas tremiam ao apoiar-se no grosso cajado, era Cuart de Faitanar; o outro, gordo e majestoso, cujos olhinhos mal se viam sob o matagal branco das

sobrancelhas, era Mislata; pouco depois vinha Rascafia, um mocetão de blusa engomada e cabeça redonda de leigo; atrás deles foram chegando os demais, até fazerem sete: Favara, Robella, Tormos e Mestalla.

Já se encontrava presente a representação das duas várzeas: a da esquerda do rio, a das quatro acéquias, que encerra a huerta de Ruzafa com os seus caminhos de frondosa folhagem, que se extinguem nos limites do lago da Albufera; e a da direita do Turia, a poética, a dos morangos de Benimaclet, das chufas de Alboraya e dos jardins sempre luxuriantes de flores.

Os sete juízes saudaram-se como pessoas que não se viam havia uma semana e depois falaram dos seus assuntos particulares junto da porta da catedral. De vez em quando, os guarda-ventos cobertos de anúncios religiosos abriam-se e no ambiente cálido do largo espalhava-se uma lufada fresca de incenso, semelhante ao hálito húmido de um lugar subterrâneo.

às onze e meia, terminados os ofícios divinos e quando já só saía da basílica alguma beata atrasada, o tribunal começou a funcionar.

Os sete juízes sentaram-se no velho sofá e de todo o largo correu a gente da várzea, que se aglomerou em torno da vedação, comprimindo os corpos suados, que cheiravam a palha e a lã grosseira. O aguazil postou-se, rígido e majestoso, junto do mastro rematado por um

gancho de bronze, símbolo da aquática justiça.

Os sete "acéquias" descobriram-se, ficando com as mãos nos joelhos e de olhos baixos, e o mais velho pronunciou a frase do costume:

Está aberto o tribunal.

Silêncio absoluto. Num recolhimento religioso, toda aquela multidão estava ali, em pleno largo, como num templo. O barulho dos carros e dos eléctricos, todo o estrépito da vida moderna, soava sem perturbar aquela instituição antiquíssima, que permanecia tranquila, como quem em sua casa, insensível ao passar do tempo, sem reparar na mudança radical operada em quanto a rodeava e incapaz da mínima reforma.

Os da várzea mostravam-se orgulhosos do seu tribunal. Aquilo era fazer justiça. A pena era sentenciada

imediatamente e nada de papéis, pois estes só serviam para enganar os homens honrados.

A ausência do papel selado e do aterrorizador escrivão era o que mais agradava àquelas pessoas habituadas a olhar com medo supersticioso a arte de escrever, precisamente por a desconhecem. Ali não havia secretários, nem canetas, nem dias de angústia à espera da sentença, nem guardas assustadores: não havia nada além de palavras.

Os juízes fixavam na memória as declarações das testemunhas e sentenciavam imediatamente, com a tranquilidade de quem sabe que as suas decisões terão de ser cumpridas. Ao que se mostrava insolente com o tribunal, multa; ao que se negava a cumprir a sentença, tiravam-lhe a água para sempre e morria de fome.

Com aquele tribunal ninguém brincava. Era a justiça patriarcal e simples do bom rei das lendas, que vinha de manhã à porta do palácio para decidir quanto às queixas dos seus súbditos; era o sistema judicial do chefe de tribo sentenciando à entrada da sua tenda. É assim que se castigam os velhacos, triunfa o homem honrado e há paz. E, não querendo perder pitada, homens, mulheres e

crianças comprimiam-se contra a vedação, retrocedendo por vezes com violentos movimentos de ombros, para escaparem à asfixia.

Os litigantes iam comparecendo do outro lado da vedação, perante aquele sofá tão venerável como o tribunal.

O aguazil recolhia-lhes as varas e os cajados, que considerava armas ofensivas, incompatíveis com o respeito pelo tribunal. Depois empurrava-os, até os deixar

especados a poucos passos dos juízes, com a manta dobrada sobre as mãos. E, se se mostravam tardios em descobrir-se, arrancava-lhes o lenço da cabeça com dois repelões. Tinha de ser duro. Aquela gente manhosa só tratada assim.

O desfile era uma exposição contínua de questões intrincadas, que os leigos juízes resolviam com espantosa facilidade.

Os guardas das acéquias e os atandadores encarregados de estabelecer os turnos de rega formulavam as suas

denúncias e os acusados apresentavam as suas razões, tentando defender-se. O velho deixava falar os filhos, que sabiam exprimir-se com mais energia; a viúva

apresentava-se acompanhada por algum amigo do defunto, protector decidido que falava por ela.

Em todos os juízos vinha ao de cima o ardor meridional: a meio da denúncia do guarda, o acusado não podia conter-se e protestava. Era mentira! O que diziam contra ele era falso e perverso. Queriam perdê-lo!

Mas as sete acéquias acolhiam tais interrupções com furibundos olhares. Ali ninguém podia falar enquanto não chegasse a sua vez. Nova interrupção e pagaria tantos soldos de multa. E havia cabeçudo que pagava soldos e mais ssoldos, impelido por uma furiosa veemência que não lhe permitia ficar calado enquanto o acusador falava.

Sem abandonar o seu lugar, os juizes uniam as cabeças, como cabras brincalhonas, cochichavam durante alguns segundos e por fim o mais velho, em voz repousada e solene, pronunciava a sentença, calculando as multas em libras e soldos, como se a moeda não tivesse sofrido nenhuma transformação e ainda fosse a passar pelo centro do largo o majestoso Justícia, governador popular da Valência antiga, com a sua batina vermelha e a sua eséolta de besteiras da Pluma.

Passava do meio-dia e as sete acéquias começavam a mostrar-se cansadas de tanto derramar prodigamente o caudal da sua justiça, quando o aguazil chamou, em altos gritos, Batiste Borrull, acusação de infracção e desobediência na rega.

Pimentó e Batiste transpuseram a vedação e as pessoas ainda se comprimiram mais contra os ferros.

Encontravam-se entre a multidão muitos dos que viviam nas imediações das antigas terras de Barret.

Aquele julgamento tardio ia ser interessante. O detestado novato fora denunciado por Pimentó, que era o atandador da partida, ou distrito.

Metendo-se em eleições e armando em galo pimpão em toda a área, o brigão lograra conquistar o cargo, que lhe dava certo ar de autoridade e consolidava o seu prestígio entre os vizinhos, que o obsequiavam e convidavam em dias de rega, para o terem propicio.

Batiste estava estupefacto com a injusta denúncia e a indignação tornava-o pálido. Olhou com raiva todas as caras conhecidas e trocistas, que se comprimiam para lá da vedação. Depois virou o olhar para o seu inimigo Pimentó, que se empertigava altivamente, como homem acostumado a comparecer perante o tribunal e que se julgava possuidor de uma pequena parte da sua indiscutível autoridade.

- Fale você! - ordenou, avançando um pé, a acéquia mais velha, pois, por vício secular, o tribunal, em vez de utilizar as mãos, assinalava com a alpargata branca quem devia falar.

Pimentó fez a sua acusação. Aquele homem que estava junto dele, talvez por ser novo na várzea, julgava que a repartição da água era coisa de brincadeira e que podia fazer a sua santíssima vontade.

Ele, Pimentó, o atandador que representava a autoridade da acéquia na sua área, indicara a Batiste a hora

para regar o seu trigo: às duas da manhã. Mas, certamente não querendo levantar-se a tal hora, o senhor

deixara perder o seu turno e às cinco, quando a água já era de outros, levantara a comporta, sem autorização de ninguém (primeiro delito), roubara a rega aos demais vizinhos (segundo delito) e pretendia regar os seus campos, tentando opor-se à viva força às ordens do atandador, o que constituía o terceiro e último delito. O delinquente triplo fez-se de mil cores e, indignado com as palavras de Pimentó, não se pôde conter e exclamou:

Mentira y recontramentira!

O tribunal indignou-se com a energia e a falta de respeito dos protestos daquele homem.

Se não se calava, aplicavam-lhe uma multa. Mas que

importavam as multas perante a sua cólera acumulada de homem pacífico? Continuou a protestar contra a injustiça dos homens e contra o tribunal, que tinha por servidores velhacos e mentirosos como Pimentó. Perturbou-se o tribunal; as sete acéquias encrespavam-se.

- Quatro soldos de multa! - decidiu o presidente.

Dando-se conta da sua situação, Batiste calou-se, assustado por ter incorrido em multa, enquanto do outro lado da vedação soavam os risos e os gritos de alegria dos seus adversários.

Ficou imóvel, de cabeça baixa e olhos embaçados por lágrimas de cólera, enquanto o seu brutal inimigo acabava de formular a denúncia.

- Fale você! - ordenou-lhe o tribunal.

Mas nos olhares dos juizes notava-se pouco interesse por aquele intruso agitador, que perturbava com os seus protestos a solenidade das deliberações.

Trémulo de ira, Batiste gaguejou, sem saber por onde começar a sua defesa, ainda que a considerasse justíssima.

Tinha sido enganado; Pimentó era um mentiroso e, além disso, seu inimigo implacável. Dissera-lhe que a sua rega era às cinco horas (lembrava-se muito bem) e agora afirmava que era às duas. Tudo para o fazer incorrer em multa, para lhe matar uns trigos de que dependia o sustento futuro da sua família... Para o tribunal valia de alguma coisa a palavra de um homem honrado? Pois, se valia, ele acabava de dizer a verdade, embora não pudesse apresentar testemunhas. Parecia impossível que os senhores síndicos, todos boas pessoas, se fiassem num velhaco como Pimentó!...

A alpargata branca do presidente bateu num ladrilho do passeio, esconjurando a avalanche de protestos e faltas de respeito que antevia.

- Cale-se.

E Batiste calou-se, enquanto o monstro de sete cabeças sentado no sofá de damasco cochichava, preparando a sentença.

- O tribunal sentenciou - começou a acéquia mais velha, e reinou um silêncio absoluto.

Toda a gente da várzea mostrava no olhar certa ansiedade, como se fossem eles os sentenciados. Estavam suspensos dos lábios do velho síndico.

- Pagará Batiste Borrull duas libras como pena e quatro soldos de multa!

Percorreu o público um murmúrio de satisfação e uma velha até começou a bater palmas e a gritar: "Viva! Viva! ", entre os risos da multidão.

Batiste saiu cego do tribunal, com a cabeça baixa, como se fosse investir, e Pimentó manteve-se prudentemente atrás dele.

Se as pessoas não se afastassem, abrindo-lhe caminho, certamente teria usado os seus punhos de homem

corpulento, esmurrando ali mesmo a canalha hostil.

Afastou-se logo. Ia a casa dos amos contar-lhes o sucedido, a má vontade daquela gente empenhada em lhe amargar a existência. Uma hora depois, já mais sereno com as boas palavras dos senhores, pôs-se a

caminho de casa.

Insuportável tormento! Encontrou muitos dos que tinham presenciado o julgamento ao longo do caminho de Alboraya, agora andando junto aos carros carregados de esterco ou montados nos burricos, sobre os ceirões vazios.

Era gente inimiga, vizinhos a que nunca dava a salvação.

Quando passava junto deles, calavam-se, esforçavam-se por manter a gravidade, embora lhes brilhasse nos

olhos alegre malícia. Mas, quando se afastava, estalavam nas suas costas gargalhadas insolentes e um rapazola até arremedou o tom grave do presidente do tribunal e gritou:

- Quatro soldos de multa!

Viu ao longe, à porta da taberna de Copa, o seu inimigo Pimentó, com o porrón na mão, ocupando o centro de uma roda de amigos, gesticulando e rindo como se imitasse os protestos e as queixas do denunciado. A sua condenação era motivo de regozijo para a várzea. Todos se riam.

Deus! Homem de paz e pai bondoso, compreendia agora porque matavam os homens.

Os seus braços possantes estremeceram e sentiu uma comichão desagradável nas mãos. Moderou o passo, ao aproximar-se da casa de Copa. Sempre queria ver se troçavam dele na sua presença.

Até pensou - novidade estranha - em entrar pela primeira vez na taberna e beber um copo de vinho cara a

cara com os seus inimigos; mas as duas libras de multa estavam-lhe atravessadas no coração e arrependeu-se logo da ideia. Malditas duas libras! Aquela multa era uma ameaça ao calçado dos filhos, ia levar-lhe o montinho de oitavos juntos por

Teresa para comprar alpargatas novas aos pequenos.

Quando passava defronte da taberna, Pimentó ocultou-se, a pretexto de encher o porrón, e os seus amigos fingiram não ver Batiste.

O seu aspecto de homem decidido a tudo impunha respeito aos inimigos.

Mas esse triunfo enchia-o de tristeza. Como as pessoas o odiavam! A várzea inteira erguia-se diante dele a todas as horas, carrancuda e ameaçadora. Aquilo não era viver. Até de dia evitava abandonar os campos, fugindo de qualquer contacto com os vizinhos.

Não os temia, mas, como homem prudente, evitava questões com eles.

De noite dormia em sobressalto e muitas vezes, ao menor ladrar do cão, saltava da cama e corria para fora da cabana, de espingarda na mão. Em mais de uma ocasião julgara ver vultos negros, que fugiam pelos caminhos próximos.

Temia pela colheita, pelo trigo, que era a esperança da família e cujo crescimento todos na cabana acompanhavam silenciosamente, com olhares ávidos.

Conhecía as ameaças de Pimentó, o qual, apoiado por toda a várzea, jurava que aquele trigo não seria segado pelo seu sementeiro. Batiste quase esquecia os filhos para só pensar nos seus campos, na folhagem verde que

crescia sob os raios do Sol e se transformaria em montes de louras espigas.

O ódio silencioso e concentrado acompanhou-o pelo caminho fora. As mulheres afastavam-se e franziam os lábios, sem se dignarem dar-lhe a salvação, como era costume na várzea. Os homens que trabalhavam nos campos chegados ao caminho chamavam-se uns aos outros com expressões insolentes, indirectamente destinadas a Batiste, e os rapazelhos gritavam, de longe:

- Brutamontes! Judeu! - sem acrescentarem mais nada a tais insultos, como se eles só pudessem ser aplicados ao inimigo da várzea.

Ah, se não tivesse aqueles punhos de gigante, aqueles largos ombros e aquela expressão de poucos amigos, como a várzea teria dado conta dele depressa! Assim, esperando cada qual que o vizinho fosse o primeiro a atrever-se, contentavam-se com hostilizá-lo de longe.

No meio da tristeza que tal vazio lhe infundia, Batiste experimentou ligeira satisfação. Perto da cabana, quando já ouvia o ladrar do seu cão, que havia adivinhado -a sua chegada, viu um rapaz, um adolescente

corpulento, sentado num aterro com uma foice entre as pernas e, ao lado, uns feixes de erva cortada. O jovem levantou-se, para o cumprimentar:

- Bom dia, senhor Batiste!

A saudação e a voz trémula de rapaz tímido impressionaram-no agradavelmente.

Pouco significava o afecto do adolescente, e, no entanto, Batiste experimentou a doce impressão da pessoa febril ao sentir a frescura da água.

Fitou com simpatia os seus grandes olhos azuis e a sua cara rosada, coberta de penugem loura, e procurou na memória quem poderia ser o moço. Por fim lembrou-se de que era o neto do Tio Tomba, o pastor cego

respeitado por toda a várzea. Bom rapaz, criado do carniceiro de Alboraya, de cujo rebanho o ancião cuidava.

- Graças, moço, graças !- murmurou, agradecendo a saudação.

Seguiu o seu caminho e foi recebido pelo cão, que começou a saltar à sua frente e a esfregar-se-lhe pela bombazina das calças.

Junto da porta da cabana encontrava-se a mulher cercada pelos filhos, esperando impacientemente, pois já passava da hora de comerem.

Batiste olhou para os seus campos e toda a raiva sofrida uma hora antes, perante o Tribunal das águas, voltou bruscamente, como uma onda furiosa, a invadir-lhe o cérebro.

O seu trigo padecia de sede. Bastava olhá-lo para perceber. Tinha as folhas enrugadas e o tom verde anteriormente tão lustroso, adquirira uma amarelidão transparente. Faltava-lhe a rega, a tinda que Pimentó

lhe roubara com as suas astúcias de homem mau e que só voltaria a caber-lhe dentro de quinze dias, porque a água escasseava. E, comq se tal desdita não bastasse, o rosário da condenação de libras e soldos... Jesus!

Comeu sem apetite, enquanto contava à mulher o

sucedido no tribunal.

A pobre Teresa escutou-o, pálida, com a emoção da camponesa que sente punhaladas no coração todas as vezes que tem de desatar o nó da meia onde guarda o dinheiro, no fundo da arca. Virgem soberana! Estavam decididos a arruiná-los! Que desgosto, à hora da refeição!...

Abandonou a colher na sertã do arroz e choramingou amargamente bebendo as lágrimas. Depois ruborizou-se de súbita raiva, olhou para o pedaço de várzea que se via através da porta, com as suas cabanas brancas e a sua folhagem verde, e exclamou, de braços estendidos: "Velhacos! Velhacos! "

A miudagem, assustada com a cara franzida do pai e os gritos da mãe, não se atrevia a comer. Olhavam-se uns aos outros com indecisão e estranheza, esgaravataavam o nariz para fazer qualquer coisa, e acabaram por imitar a mãe a chorar.

Enervado com o coro de gemidos, Batiste levantou-se, furioso, quase virou a mesa com um dos seus murros e saiu da cabana.

Que tarde! A sede do seu trigo e a recordação da multa eram dois cães ferozes agarrados ao seu coração. Quando um, cansado de o morder, começava a dormir, chegava o outro a correr e cravava-lhe os dentes.

Quis distrair-se com o trabalho e entregou-se com toda a sua energia à obra que tinha entre mãos: a construção de uma pocilga no curral.

Mas o seu trabalho adiantou pouco. Sufocava entre a cerca; precisava de ver o seu campo, como os que precisam de contemplar a sua desgraça para se afundarem na voluptuosidade da dor.

E, com as mãos sujas de barro, voltou a sair e parou diante do seu emurchecido trigo.

A poucos passos, pela beira do caminho, passava murmurejante a acéquia, cheia de água avermelhada.

O sangue vivificante da várzea ia para longe, para outros campos cujos donos não tinham a desgraça de ser odiados, enquanto o seu pobre trigo se enrugava, enlanguescia, agitava a cabeleira verde como se Jazesse sinal à

água, para que se aproximasse e o adariciasse com um beijo fresco.

Batiste teve a impressão de que o sol era mais quente do que nos outros dias. O astro descia já, no horizonte, mas ao pobre homem pareceu que os seus raios eram verticais e incendiavam tudo.

A sua terra ressequia-se, abria-se em tortuosas fendas, formando mil bocas que em vão esperavam um sorvo.

O trigo não suportaria a sede até à próxima rega.

Antes disso morreria, seco, e a família ficaria sem pão. E depois de tanta miséria, multa! E ainda falavam quando os homens se perdiam!...

Andava furioso de um lado para o outro, nos limites da sua leira. "Ah, Pimentó, grandíssimo canalha!... Se não houvesse Guarda Civil!..."

E como os naufragos agonizantes de fome e sede que, no seu delírio, só vêem mesas de banquetes e claríssimas fontes, Batiste contemplava imaginariamente trigais de hastes verdes e altas e a água a entrar em borbotões pelas bocas dos aterros, alastrando com um tremor

luminoso, como se risse suavemente ao sentir as cócegas da terra sedenta.

Quando o Sol se ocultou, Batiste experimentou certo alívio, como se o astro se tivesse apagado para sempre e a sua colheita estivesse, assim, salva.

Afastou-se dos seus campos, da sua cabana, encaminhando-se insensível e lentamente na direcção da taberna de Copa. Já não pensava na existência da Guarda Civil e encarava com prazer a possibilidade de um encontro com Pimentó, que não devia andar longe da taberna.

Em sentido contrário, pelas beiras do caminho, vinham dois rosários de raparigas, de cesta no braço e saía

esvoaçante, de regresso das fábricas da cidade.

A várzea tornava-se azulada, sob o crepúsculo. Ao fundo, sobre as escuras montanhas, as nuvens iluminavam-se com um fulgor de incêndio longínquo; do lado do mar tremiam no infinito as primeiras estrelas; ladravam os cães tristemente, e com o canto monótono de rãs e grilos confundia-se o chiar de carros invisíveis, que se afastavam por todos os caminhos da imensa planura.

Batiste viu vir a filha, separada das outras raparigas e caminhando lentamente. Mas não sozinha. Pareceu-lhe que falava com um homem, o qual seguia na mesma direcção que ela, mas um pouco afastado, como andam sempre os noivos na várzea, pois a aproximação é para eles sinal de pecado.

Ao avistar Batiste no meio do caminho, o homem afrouxou o passo e encontrava-se longe quando Roseta chegou junto do pai.

Este ficou imóvel, desejando que o desconhecido se aproximasse, para o conhecer.

- Boa noite, senhor Batiste!

Era a mesma voz tímida que o saudara de tarde: o neto do Tio Tomba. O demónio do moço não parecia ter mais que fazer senão vaguear pelos caminhos para lhe dar a salvação e meter-se-lhe pelos olhos, com doce suavidade.

Olhou para a filha, que corou e baixou a cabeça.

- Para casa!

E com a terrível majestade do pai latino, senhor absoluto dos filhos e mais propenso a infundir medo do que a inspirar afecto, começou a andar, seguido pela trémula Roseta, que, ao acercar-se da cabana, julgava esperá-la uma tarefa segura.

Enganava-se. Naquele momento, o pobre pai não tinha no mundo outros filhos que não fossem a sua colheita, o trigo enfermiço, enrugado, sequioso, que lhe gritava pedindo uma pouca de água para não morrer. Batiste pensou nisso enquanto a mulher preparava o jantar. Roseta andava de um lado para o outro, fingindo ocupações para não dar nas vistas, sempre à espera, de um momento para o outro, do trovão da cólera paterna. E Batiste continuava a pensar no seu campo, sentado à pequena mesa e rodeado por toda a miúda família, que, à luz da candeia, olhava com malcontida gula uma panela fumegante de bacalhau com batatas.

A mulher ainda suspirava, a pensar na multa, e com certeza fazia comparações entre a importância fabulosa

que lhe iam levar e o desembaraço com que toda a família dava aos queixos.

Batiste pouco comeu, atento à voracidade dos seus. Batistet, o mais velho, até se apoderava, com fingida distração, dos restos dos mais pequenos. Quanto a Roseta, a essa o medo dava-lhe um apetite feroz.

Nunca como então compreendeu tão bem a carga que pesava sobre os seus ombros. Aquelas bocas que se abriam para tragar as míseras economias da família ficariam sem alimento se o que estava lá fora secasse.

E tudo porquê? Tudo por causa da injustiça dos homens, porque havia leis para prejudicar os trabalhadores honrados... Não podia consentir que acontecesse tal

coisa. Primeiro que tudo, a sua família. Não estava disposto a defender os seus dos maiores perigos? Não tinha o dever de os sustentar?... Era até homem para se transformar em ladrão, a fim de lhes dar de comer. Porque havia de submeter-se, quando não se tratava de roubar e, sim, da salvação da sua colheita, do que era muito seu?

A imagem da acéquia, que a pouca distância arrastava para outros o seu caudal murmurante, era um

martírio para ele. Enfurecia-o que a vida passasse junto da sua porta e não a pudesse aproveitar, porque as leis não o queriam.

De repente, levantou-se, como um homem que tomou uma decisão e está disposto a passar por cima de tudo para a cumprir:

- A regar! A regar!

A mulher assustou-se, adivinhando imediatamente todo o perigo de tão desesperada resolução. "Por Deus, Batiste!..." Aplicar-lhe-iam uma multa maior; talvez até, ofendidos com a rebeldia, os do tribunal lhe tirassem a água para sempre. Seria melhor reflectir, esperar...

Mas Batiste tinha a cólera firme dos homens pachorrentos e fleumáticos, que quando perdem a calma levam muito tempo a recuperá-la.

-A regar!A regar!

E Batistet, repetindo alegremente as palavras do pai, pegou nas enxadas e saiu da cabana, seguido pela irmã e pelos pequenos.

Todos queriam tomar parte naquele trabalho, que parecia uma festa.

A família sentia o alvoroço de um povo que recupera a liberdade por meio da rebeldia.

Encaminharam-se todos para a acéquia, que murmurava na sombra. A imensa várzea perdia-se em azulada

penumbra, ondulavam os canaviais como massas rumorosas e escuras e as estrelas piscavam, no céu negro.

Batiste entrou na acéquia até aos joelhos e colocou a barreira que deveria deter a água, enquanto o filho, a mulher e até a filha atacavam o aterro com as enxadas, abrindo bocas por onde a água entrava em borbotões.

Toda a família experimentou uma sensação de frescura e bem-estar.

A terra cantava de alegria, com um guloso gluglu que chegava ao coração de todos. "Bebe, bebe, pobrezinha!"

E, enterrando os pés no barro, iam curvados de um lado ao outro do campo, para verem se a água chegava a todos os lados.

Batiste riu-se com a satisfação cruel que produz o gozo do proibido. Que peso tirava de cima!... Agora os do Tribunal poderiam vir e fazer o que quisessem. O seu campo bebia, e isso é que importava.

E como o seu apurado ouvido de homem habituado à solidão julgou captar certo rumor inquietante nos canaviais vizinhos, foi a correr à cabana e voltou empunhando a espingarda nova.

Com a arma no braço e o dedo no gatilho, passou mais de uma hora junto da barreira da acéquia.

A água não passava dali: espalhava-se pelos campos de Batiste, que bebiam, e bebiam, com a sede do ffidrópico.

Talvez os lavradores mais lá de baixo se queixassem; talvez Pimentó, avisado na sua qualidade de atandador, rondasse pelas imediações, indignado com o insolente ataque à lei.

Mas Batiste estava ali como sentinela da sua colheita, herói desesperado da luta pela vida, defendendo os

seus, que se açodavam no campo a conduzir a rega, disposto a disparar um tiro contra o primeiro que tentasse tirar a barreira e restabelecer o curso legal da água.

Era tão feroz a sua atitude, ali recortado no meio da acéquia, adivinhava-se naquele fantasma negro tal resolução de receber a tiro quem se apresentasse, que

ninguém assomou dos canaviais próximos e os campos beberam durante uma hora sem protesto nenhum.

E, mais estranho ainda, na quinta-feira seguinte o atandador não o fez comparecer de novo perante o Tribunal das águas.

A várzea tomara conhecimento de que o único objecto de valor da antiga cabana de Barret era uma espingarda de dois canos, comprada recentemente pelo intruso com a paixão africana do valenciano, que de bom grado se priva de pão para ter atrás da porta uma arma nova que excite invejas e inspire respeito.

Todos os dias, ao amanhecer, Roseta, a filha e Batiste, saltava da cama com os olhos inchados pelo sono, estendia os braços em suaves espreguiçamentos que lhe faziam estremecer todo o corpo de loura esbelta abria a porta da cabana.

Gemia a roldana do poço, saltava, ladrando de alegria em volta da sua saia, o cãozito feio que passava a noite fora da cabana, e Roseta, à luz das últimas estrelas, despejava pela cara e pelas mãos um balde cheio de água fria, tirada daquele buraco redondo e lúgubre, coroadado na parte superior por espesso tapete de hera.

Depois, à luz da candeia, cirandava pela cabana, a preparar a partida para Valência.

Da cama, sem a ver, a mãe acompanhava todos os seus gestos e dava-lhe toda a espécie de recados. Podia levar para o almoço os restos do jantar e três sardinhas que estavam na prateleira. Cuidado, não partisse o

tacho, como no outro dia! Ah, e não se esquecesse de comprar linha, agulhas e umas alpargatas para o mais pequeno, que era um desalmado a dar cabo de calçado... O dinheiro estava na gaveta da mesinha...

E enquanto a mãe dava uma volta na cama, docemente acariciada pelo calor do estudo e decidida a dormir

mais meia hora ao lado do corpulento Batiste, que ressonava sonoramente, Roseta continuava as suas voltas. Metia o modestíssimo almoço num cestinho, passava

o pente pelos cabelos de um louro tão claro que diz-se-ia ter-lhes o sol devorado a cor, atava o lenço debaixo do queixo e, antes de sair, virava-se com uma ternura de irmã mais velha, para ver se os rapazes estavam bem tapados, preocupada com aquela miudagem que dormia no chão do estudo, deitada por ordem de tamanhos: desde o calmeirão do Batiste até ao mais novinho, que mal falava ainda. Lembrava os tubos de um órgão.

- Até à noite! - gritava a corajosa

rapariga, enfiando o braço na asa do cesto, e fechava a porta da cabana, cuja chave metia pela greta inferior.

Já era dia. Sob a luz viva do amanhecer, azinhagas e caminhos enchiam-se de gente laboriosa, que seguia numa única direcção, atraída pela vida da cidade.

Passavam grupos de airosas fiandeiras, caminhando com passo certo e movendo garbosamente o braço direito, que cortava o ar como um remo. Riam todas em coro sempre que algum mocetão as saudava dos campos vizinhos com palavras amorosas.

Roseta dirigia-se sozinha para a cidade. Sabia muito bem, pobre dela, o que eram as suas companheiras, filhas e irmãs dos inimigos da sua família.

Algumas delas trabalhavam na sua fábrica e, fazendo das tripas coração, a pobre lourita tivera mais de uma vez de se defender com unhas e dentes. Quando a apanhavam distraída, deitavam-lhe porcarias para o cesto do almoço, já lhe tinham partido o tacho diversas vezes e nunca passavam por ela, na oficina, sem a empurrarem para a enorme caldeira fumegante onde lançavam os casulos, além de lhe chamarem esfomeada e dedicarem outros "mimos" parecidos à sua família.

No caminho fugia de todas elas como de um tropel de fúrias e só se sentia tranquila quando se via dentro da fábrica, um casarão antigo, perto do mercado, cuja fachada, ornamentada com frescos no século XVIII, ainda conservava entre buracos e gretas alguns grupos de pernas cor-de-rosa e caras de perfil bronzeado, restos de medalhões e de pinturas mitológicas.

Roseta era, de toda a família, a mais parecida com o pai: "uma fera para o trabalho", como Batiste dizia a seu próprio respeito. O vapor acre das caldeiras onde escaldavam os casulos subia-lhe à cabeça e fazia-lhe arder os

olhos, mas isso não a impedia de permanecer firme no seu posto, a procurar no fundo da água a ferver os fios soltos daquelas cápsulas de seda mole, de suave cor de caramelo, em cujo interior acabava de morrer escaldado o bicho laborioso, a larva de preciosa baba, castigado

assim pelo crime de construir uma masmorra rica para nela se transformar em borboleta.

Reinava no casarão um estrépito de trabalho ensurdecador e cansativo para as filhas da várzea, habituadas

à calma da imensa planura, onde a voz se transmitia a enormes distâncias. Em baixo rugia a máquina a vapor, cujos estrondos assustadores se transmitiam pela múltipla tubagem; rodavam roldanas e tornos, com um

barulho de mil demónios, e como se tanto barulho não

bastasse, as fiandeiras, obedecendo a um costume tradicional, cantavam em coro, com voz fanhosa, o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Glória, com a mesma toada do chamado Rosário da Aurora, procissão que todos os domingos ao amanhecer desfila pelos cantinhos da várzea.

Tal devoção não as impedia de rirem enquanto

cantavam nem de, baixinho e entre orações, se insultarem e marcarem encontro para umas esgatanhadelas à

saída, pois aquelas jovens morenas, escravizadas pela

rígida tirania característica da família labrega e obrigadas, por hábito hereditário, a baixarem sempre os olhos

na presença dos homens, ali, juntas e sem freio,

transformavam-se em verdadeiros demónios e

compraziam-se em repetir todos os palavrões ouvidos

pelo caminho a carreteiros e lavradores,

Roseta era a mais calada e trabalhadeira. Para não se

distrair do trabalho, abstinha-se de cantar e nunca

provocava rixas. Aprendia tudo com tanta facilidade que decorridas poucas semanas já ganhava três reais por dia, quase o salário máximo, com grande inveja das outras.

Enquanto os bandos de moças despenteadas saíam da

fábrica à hora do almoço para engolirem o conteúdo dos

seus tachos nos portais próximos, provocando os homens

com olhares insolentes, para os obrigarem a dizer qualquer coisa e depois gritarem falsamente escandalizadas,

trocando com eles um tiroteio de poucas-vergonhas,

Roseta ficava num canto da oficina, sentada no chão,

com duas ou três jovens da outra várzea, da margem

direita do rio, que não queriam saber para nada da

história do Tio Barret nem dos ódios das suas

companheiras.

Nas primeiras semanas, Roseta aguardava com certo

terror o anoitecer e, com ele, a hora da saída...

Receando as companheiras que seguiam o mesmo

caminho que ela, entretinha-se na fábrica mais algum

tempo, deixando-as sair à frente como um pé-de-vento,

entre gargalhadas escandalosas, esvoaçar de saias, dichotes atrevidos e cheiro a saúde, a membros ásperos e duros.

Caminhava vagarosamente pelas ruas da cidade, nos

frios crepúsculos de Inverno, fazia as compras de que a

mãe a encarregara e parava, embasbacada, diante das montras, que começavam a iluminar-se. Por fim, passada

a ponte, metia pelos escuros becos dos arrabaldes e

desembocava no caminho de Alboraya.

Até aí tudo corria bem. Mas depois chegava à várzea

escura, com os seus ruídos misteriosos e os seus vultos

negros e assustadores, que passavam por ela e a saudavam com um lúgubre "Bóna nit!". Então começavam o

medo e o bater de dentes.

Não a intimidavam o silêncio nem a escuridão, pois como boa filha do campo estava habituada a eles. A certeza de que não encontraria ninguém no caminho dar-lhe-ia, até, confiança. No seu terror, nunca pensava, como as suas companheiras, em mortos, bruxas ou fantasmas. Quem lhe metia medo eram os vivos.

Recordava com pavor certas histórias ouvidas na várzea: o medo que as jovens tinham de Pimentó e outros patifes que se reuniam na taberna de Copa: desalmados que, aproveitando-se da escuridão, empurravam as raparigas sozinhas para o fundo das regueira-secas ou as derrubavam atrás de palheiros. E Roseta, que deixara de ser inocente desde que entrara para a fábrica, dava curso à imaginação até aos últimos limites horríveis, vendo-se assassinada por um desses monstros, com o ventre aberto e esvaziado, como os meninos de que falavam as lendas da várzea e aos quais misteriosos verdugos tiravam as gorduras, a fim de fazerem medicamentos milagrosos para os ricos.

Nos crepúsculos de Inverno, escuros e muitas vezes, chuvosos, Roseta percorria mais de metade do caminho, a correr e a tremer de medo. Mas o transe mais cruel, o obstáculo mais temível, ficava quase no fim do trajecto, já perto da sua cabana, e era a famosa taberna de Copa.

Era aí o covil da fera, era essa a extensão de caminho mais concorrida e iluminada. Rumor de vozes, estalar de gargalhadas, toque de guitarras e quadras cantadas em altos gritos saíam por aquela porta vermelha como a boca de um forno, que projectava no caminho negro um quadrado de luz cortado pela agitação de sombras grotescas. Ao aproximar-se, a pobre fiandeira detinha-se

indecisa e trémula como as heroínas dos contos de fadas diante da caverna do ogro, disposta a dar a volta por trás

do edifício, a entrar na acéquia que bordejava o caminho e arrastar-se, encolhida, por entre os aterros, disposta, em suma, a tudo, menos a passar diante da bocarra vermelha da qual saía o fragor da embriaguez e da brutalidade.

Por fim, decidia-se. Com um tremendo esforço de vontade, como quem vai atirar-se de muito alto, seguia pela beira da acéquia e, com passo ligeiríssimo e com o portentoso equilíbrio proporcionado pelo medo, passava velozmente diante da taberna.

Era uma exalação, uma sombra branca que, de tão veloz, não chegava a fixar-se nos torvos olhos dos fregueses de Copa.

Passada a taberna, a moça desatava a correr com quantas forças tinha, julgando que lhe iam no encalço e esperando a todo o momento ser agarrada pela saia.

Só serenava quando ouvia o ladrar do cão da sua cabana, animal feíssimo a que, certamente por antítese, chamavam Lucero e que a recebia no meio do caminho, a cabriolar e a lamber-lhe as mãos.

Em casa nunca imaginaram os terrores que Roseta passava no caminho. A pobre rapariga serenava, ao entrar em casa, e às perguntas da mãe inquieta respondia, armando-se em valente, que viera com umas companheiras.

Não queria que o pai tivesse de sair à noite para a ir esperar. Estava ao corrente do ódio da vizinhança e a taberna de Copa, com os seus provocadores, metia-lhe muito medo.

E no dia seguinte voltava à fábrica para, no regresso, sofrer os mesmos terrores, animada apenas pela esperança de que a Primavera não tardaria, com as suas

tardes maiores e os seus crepúsculos luminosos, que lhe permitiriam regressar à cabana antes de escurecer.

Uma noite, sentiu certo alívio. Ainda perto da cidade, saiu-lhe ao caminho um homem que começou a caminhar com o mesmo passo que ela.

- Boa noite!

E enquanto a fiandeira seguia pelo alto do aterro que bordejava o caminho, o homem seguia em baixo, entre os sulcos profundos abertos pelas rodas dos carros, tropeçando em ladrilhos partidos, painéis esbeçados e até

objectos de vidro, com os quais mãos previdentes tentavam tapar os buracos de remota origem.

Roseta sentiu-se tranquila, pois reconheceu o companheiro mal ele a saudara: era Tonet, o neto do Tio

Tomba, o pastor. Bom moço, que trabalhava como criado do carnicheiro de Alboraya e de quem as fiandeiras troçavam ao encontrá-lo, devido à maneira como corava e virava a cara à mínima palavra que lhe diziam.

Era um rapaz tão tímido! Não tinha no mundo outros parentes além do avô e até aos domingos trabalhava: além de ir a Valência apanhar estrume para os

campos do patrão, ainda o ajudava na matança das reses, lhe lavrava a terra ou levava carne às quintas ricas.

Tudo a troco de mau comer para ele e para o avô e de andar feito esfarrapado com as roupas velhas do patrão.

Não fumava, entrara duas ou três vezes em toda a vida na taberna de Copa e, aos domingos, se tinha algumas horas livres, em vez de, como os demais, se acocorar no largo de Alboraya a ver os rapazes jogar à bola, ia para o campo, por cujo emaranhado de carneiros vagueava sem rumo e, se topava com alguma árvore cheia de pássaros, parava embasbacado com o esvoaçar e o gorjear daqueles boémios da várzea.

As pessoas viam nele algo de excentricidade misteriosa do avô, o pastor, e consideravam-no um pobre diabo, tímido e dócil.

A fiandeira sentiu-se animada com a sua companhia.

Era mais seguro para ela caminhar ao lado de um homem, sobretudo tratando-se de Tonet, que inspirava confiança.

Falou-lhe, perguntando-lhe donde vinha, e o jovem só lhe soube responder vagamente, com a habitual timidez:

"Tenho andado por aí..." Depois calou-se, como se as palavras lhe tivessem custado um esforço tremendo.

Seguiram o resto do caminho em silêncio e separaram-se perto da cabana.

- Boa noite e obrigada - agradeceu a rapariga.

- Boa noite! - redarguiu Tonet, e desapareceu, a caminho da povoação.

Para ela foi um incidente sem importância, um encontro agradável, que lhe tirou o medo. No entanto, nessa noite, Roseta jantou e deitou-se a pensar no neto

do Tio Tomba.

Recordava as vezes que o encontrara de manhã, no caminho, e até lhe parecia que Tonet tentava acompanhar-lhe o passo, ainda que um pouco afastado, para não atrair a atenção das mordazes fiandeiras. Em certas ocasiões, ao virar bruscamente a cabeça, parecera-lhe surpreendê-lo com os olhos fixos nela.

E, como se fiasse um casulo, a moça pegava nesses fios soltos da sua memória e ia puxando, puxando, recordando tudo quanto na sua existência se relacionava com Tonet: a primeira vez que o vira e a compaixão que lhe inspirara por causa das zombarias das fiandeiras, que ele suportava cabisbaixo e tímido, como se o bando de harpias lhe inspirasse medo; depois, os frequentes encontros no caminho e os olhares do rapaz, que pareciam querer dizer-lhe qualquer coisa.

Na manhã seguinte, à ida para Valência, não o viu; mas à noite, ao iniciar o caminho de regresso à cabana, não sentiu medo, apesar de o tempo estar escuro e chuvoso. Pressentia que o tranquilizador companheiro aparecia, e, efectivamente, ele saiu-lhe ao caminho quase no mesmo sítio da véspera.

. Mostrou-se tão expansivo como sempre - "Bóna nit!" - e pôs-se a andar ao lado dela.

Roseta mostrou-se mais faladora. Donde vinha? Que coincidência, encontrarem-se dois dias seguidos! E ele, todo trémulo, sempre como se as palavras lhe custassem grande esforço, respondeu com o mesmo: "Tenho andado por aí..."

Embora, na realidade, fosse tão tímida como ele, Roseta sentiu vontade de rir da sua perturbação. Falou do seu medo, dos sustos que apanhava no caminho durante o Inverno, e Tonet, encantado com o serviço que lhe prestava, despegou finalmente os lábios e disse-lhe que passaria a acompanhá-la com frequência. Tinha

sempre assuntos do amo a tratar, que o obrigavam a passar pela várzea.

Despediram-se com o laconismo do dia anterior. Mas nessa noite a jovem virou-se e revirou-se na cama, inquieta, nervosa, sonhando mil disparates e vendo-se num caminho muito, muito escuro, acompanhada por um enorme cão que lhe lambia as mãos e tinha a cara de Tonet. Depois um lobo, com um focinho que lembrava vagamente o odiado Pimentó, atirava-se a ela, os dois animais brigavam, à dentada, o pai aparecia com um cacete e ela chorava, como se recebesse nas costas as cacetadas dadas ao seu pobre cão. E a sua imaginação continuava a desenrolar-se, mas mostrando-lhe sempre, nas confusas cenas dos seus sonhos, o neto do Tomba, com os seus olhos azuis e a sua cara de menina coberta por uma penugem loura, que era o primeiro sinal da idade viril.,

Levantou-se fatigada, como se despertasse de um delírio. Era domingo e não ia à fábrica. O sol entrava pela janelinha do seu estudo e já estava toda a gente fora da cama. Roseta começou a arranjar-se para ir com a mãe à missa.

Ainda se sentia perturbada pelo maldito sonho.
Achava-se outra, com pensamentos diferentes, como se a noite anterior fosse uma parede que dividia a sua existência em duas partes.

Cantarolava, alegre como um passarinho, enquanto tirava a roupa da arca e a punha em cima da cama, ainda quente e com as marcas do seu corpo.

Gostava muito dos domingos, por causa da possibilidade de se levantar mais tarde, das horas de descanso e

da caminhadazinha até Alboraya, para ouvir a missa.

Aquele domingo, porém, era melhor do que os outros, o sol brilhava mais, os pássaros cantavam com mais força e pela janela entrava um ar que cheirava maravilhosamente... Enfim, a manhã tinha para ela algo de novo E extraordinário.

Censurou-se a falta de cuidados que até então tivera consigo mesma. Com dezasseis anos, já tinha idade para pensar em se arranjar. Que estúpida fora ao rir-se sempre que a mãe lhe chamava desalinhada!

E, qual luxo novo que via pela primeira vez, enfiou pela cabeça com mil cuidados, como se de finíssima seda fora feita, a saia de percal de todos os domingos. Depois apertou muito o espartilho, como se não a oprimisse bastante aquela armação de grandes barbas, um verdadeiro espartilho de lavradora, que lhe acachapava com crueldade o nascente peito, pois na huerta valenciana é impudor as solteiras não ocultarem os sedutores adornos da natureza, para que ninguém possa antever pecaminosamente na virgem a maternidade futura.

Pela primeira vez na vida passou a fiandeira mais de um quarto de hora do meio palmo de espelho, com moldura de pinho envernizado, que o pai lhe oferecera e em que, por tão pequeno, tinha de ver a cara por partes.

Reconhecia que não era grande coisa, mas na várzea encontravam-se mais feias às dezenas. E, sem saber porquê, deleitou-se a contemplar os olhos verde-claros; as faces salpicados de sardas provocados pelo sol na pele bronzeada; o cabelo muito louro, fino e flexível como seda; o nariz de asas palpitantes, por cima da boca sombreada pela penugem de um fruto maduro e que, ao entreabrir-se, mostrava uma dentadura forte e certa, de brancura de leite, cujo brilho parecia iluminar-lhe o rosto: uma dentadura de pobre.

A mãe teve de esperar. Em vão a pobre mulher se apressou, andando, impaciente, de um lado para o outro, como que espícaçada pelo sino que tocava ao longe. Iam perder a missa! Entretanto, Roseta penteava-se com toda a calma, para logo a seguir voltar ao princípio, .descontente com o resultado. Depois punha a mantilha e puxava ora daqui, ora dali, enfadada, nunca a achando a seu gosto.

Ao entrar na igreja e ao sair, no largo de Alboraya, a jovem levantou momentaneamente os olhos e observou, rápida, a porta do talho, onde as pessoas se acotovelavam em redor do balcão.

Lá estava ele a ajudar o patrão, passando-lhe pedaços de carneiro esfolado e sacudindo as nuvens de mosca,

que cobriam a carne.

Como corou ao vê-la, o pateta! Quando ela passou pela segunda vez, ficou como que pasmado, com uma perna de carneiro na mão e sem a dar ao barrigudo do patrão, que em vão a esperava e que, de tão furioso, chegou a ameaçá-lo com a faca.

A tarde foi triste. Sentada à porta da cabana, julgou avistá-lo diversas vezes, rondando por caminhos distantes ou escondendo-se entre os canaviais para a observar.

A fiandeira só desejava que a segunda-feira chegasse depressa, para voltar à fábrica e, no regresso, percorrer o assustador caminho na companhia de Tonet.

E, de facto, o rapaz não deixou de aparecer, ao anoitecer do dia seguinte, mais perto ainda da cidade do que nos outros dias.

- Boa noite!

Mas depois da saudação do costume não se calou. O tímido moço parecia ter progredido muito durante o dia de descanso.

E desajeitadamente, acompanhando as palavras com caretas e coçando as pernas das calças, lá se foi explicando, embora decorressem por vezes dois minutos entrE

uma palavra e outra. Alegrava-se por vê-la boa... (Sorriso de Roseta e um "obrigada" murmurado baixinho.,

Divertira-se muito no domingo?... (Silêncio.) Ele não

Aborrecera-se. Por causa do hábito, sem dúvida... parecia que lhe faltava qualquer coisa... Acostumara-se ao

caminho... não, ao caminho não; do que gostava era de a acompanhar...

E, dito isso, embatucou. Roseta até teve a impressão de que mordida nervosamente a língua, para a castigar do seu atrevimento, e se beliscava nos sovacos, por ter ido tão longe.

Caminharam muito tempo em silêncio. A rapariga também não falava; seguia o seu caminho com o balanceio airoso das fiandeiras, de cesto apoiado no quadril esquerdo e o braço direito a cortar o ar, com um vaivém de pêndulo.

Pensava no seu sonho. Julgava-se em pleno delírio, vendo coisas extravagantes, e virou diversas vezes a cabeça, parecendo-lhe vislumbrar na escuridão o cão que lhe lambia as mãos e tinha a cara de Tonet, recordação que ainda lhe dava vontade de rir. Mas não, quem ia a seu lado era um bom moço, capaz de a defender. Um pouco tímido e envergonhado. sim, e de cabeça baixa, como se as palavras que ainda tinha para lhe dizer lhe, houvessem deslizado até ao peito e o atormentassem.

Roseta ainda o atrapalhou mais com as perguntas que decidiu fazer-lhe. Porque procedia assim? Porque a acompanhava no caminho? Que diriam as pessoas? Se o seu pai soubesse, que desgosto!...

- Porquê? - insistia a jovem.

E o rapaz, cada vez mais triste e mais envergonhado, como um réu culpado que ouve ler a acusação, não respondia. Continuava a acompanhar o passo da jovem, mas ia afastado dela e tropeçava constantemente. Roseta até teve a impressão de que chorava.

Mas, já perto da cabana, quando se iam despedir, Tonet teve uma daquelas arrancadas dos tímidos e falou com a mesma violência com que se calara. Como se não tivessem decorrido já muitos minutos, respondeu à pergunta da rapariga:

- Porquê?... Porque te quero.

Ao dizê-lo, aproximou-se dela, tanto que o seu hálito lhe bafejou a cara. Os seus olhos brilhavam como se por eles saísse toda a verdade. Depois, novamente arrependido, medroso, apavorado com as suas palavras, desatou a fugir como um garoto.

Tonet gostava dela! Havia dois dias que Roseta esperava ouvir tais palavras e, mesmo assim, causaram-lhe o efeito de uma revelação inesperada. Também ela

lhe queria. Toda a noite, mesmo a sonhar, ouviu mil vozes murmurarem-lhe ao ouvido a frase: "Porque te quero."

Tonet não esperou pela noite seguinte. De manhãzinha, Roseta viu-o no caminho, quase oculto atrás duma amoreira e a olhá-la com angústia, como um garoto que teme a reprimenda e está arrependido, pronto a fugir ao primeiro gesto de desagrado.

Mas a fiandeira sorriu, ruborizada, e pronto.

Estava tudo dito; não voltaram a confessar que se queriam, mas o namoro era tácito e Tonet não faltou nem uma única vez para a acompanhar a casa.

O barrigudo carnicheiro bem bramava de fúria com repentina mudança operada no criado, dantes tão diligente e agora sempre a inventar pretextos para passar

horas e horas na várzea, sobretudo ao anoitecer.

Mas, com o egoísmo da sua felicidade, Tonet preocupava-se tanto -com os bofetões e as ameaças do patrão como a fiandeira com o seu temível pai, diante do qual costumava sentir ainda mais medo do que respeito. Roseta passou a ter sempre no estudo um ou outro ninho, que dizia ter encontrado no caminho. O namorado não sabia apresentar-se de mãos vazias e explorava todos os canaviais e árvores da várzea para presentear a fiandeira com ninhos de palha e caminhos, em cujo fundo piavam desesperadamente alguns passarinhos com a pele rosada coberta de finíssima penugem e o traseiro pelado, os quais abriam um bico descomunal, que jamais se fartava de migalhinhas.

Roseta guardava o presente no quarto, como se fosse a própria pessoa do namorado, e chorava quando seus irmãos, a miudagem que tinha por ninho a cabana, à força de admirar os passarinhos, acabavam por lhe torcer o pescoço.

Outras vezes, Tonet aparecia com um volume no ventre: era a cinta cheia de tremoços e amendoims comprados na taberna de Copa. E lá caminhavam lentamente, a comer e a verem-se nos olhos um do outro, sorrindo como patetas sem saberem porquê e sentando-se muitas vezes num aterro, sem darem por isso.

Ela era mais ajuizada e, por isso, repreendia-o.

Sempre a gastar dinheiro! Naquela semana já deixara na taberna quase dois reais, com tantos obséquios! Mas ele mostrava-se generoso. Para que queria o dinheiro, a não ser para ela? Quando se casassem - alguma vez haveria

de ser! -, então, sim, poupá-lo-ia. Mas isso seria para dali a dez ou doze anos; não havia pressa. Todos os noivados da várzea duravam que tempos.

A menção do casamento fazia Roseta voltar à realidade. No dia em que o pai soubesse... Virgem santíssima, desancá-la-ia à cacetada! E falava da futura tarefa serenamente, sorrindo como uma rapariga forte acostumada a esse gênero de autoridade paternal rígida, imponente e honrada que se manifesta à bofetada e à cacetada.

As suas relações eram inocentes. Jamais houvera entre eles o desejo pungente, a audácia da carne. Seguiam pelo caminho quase deserto, na penumbra do anoitecer, e a própria solidão parecia afastar-lhes do pensamento todos os propósitos impuros.

Numa ocasião em que, involuntariamente, Tonet tocou na cintura de Roseta, corou como se fosse ele a rapariga.

Estavam ambos muito longe de pensar que nos seus encontros diários pudesse haver, alguma vez, algo mais do que falarem e olharem-se. Era o primeiro amor, o entusiasmo da juventude ainda mal desperta, que se contenta com ver, falar e rir, sem sombra alguma de desejo.

A fiandeira, que nas suas noites de pavor tanto desejara a chegada da Primavera, viu com inquietação começarem os crepúsculos longos e luminosos.

Agora encontrava-se com o namorado em pleno dia, e nunca faltavam no caminho companheiras da fábrica ou mulheres da vizinhança, que, ao vê-los juntos, sorriam maliciosamente, adivinhando tudo.

Na fábrica, começaram as troças das suas inimigas, que lhe perguntavam ironicamente quando se casava e a alcunhavam de "Pastora", por causa dos seus amores com o neto do Tio Tomba.

Tremia de inquietação, a pobre Roseta. Que tarefa ia levar! Qualquer dia, a novidade chegava aos ouvidos do pai... E foi por essa altura que, no dia da sua condenação pelo Tribunal das águas, Batiste a viu no caminho, acompanhada por Tonet.

Mas não aconteceu nada. O feliz incidente da rega livrou a jovem. O pai, contente por ter salvado a colheita, limitou-se a olhá-la diversas vezes de cenho franzido.

Depois, em voz lenta, indicador estendido e tom imperioso, recomendou-lhe que, de futuro, voltasse sozinha da

fábrica, pois de contrário ficaria a saber quem ele era.

E sozinha voltou Roseta durante uma semana. Tonet tinha certo respeito pelo Sr. Batiste e, por isso, contentava-se com emboscar-se perto do caminho, para ver passar a fiandeira ou segui-la depois, de longe.

Como os dias eram maiores, havia muita gente no caminho.

Mas tal afastamento não podia prolongar-se para os namorados impacientes, e, certa tarde de domingo, Roseta, inactiva e cansada de andar de um lado para o outro diante da porta da cabana, julgando ver Tonet em todos quantos passavam pelos carreiros distantes, agarrou num cântaro envernizado de verde e disse à mãe que ia buscar água à Fonte da Rainha.

A mãe deixou-a ir. Precisava de se distrair, coitadinha. Não tinha amigas e havia que respeitar os seus direitos da juventude.

A Fonte da Rainha era o orgulho daquela parte da várzea, condenada à água dos poços e ao líquido vermelho e barrento que corria pelas acéquias, Ficava defronte de uma quinta abandonada e era "coisa antiga e de muito mérito", no dizer dos maisentendidos da várzea: obra dos Mouros, segundo Pimentó; monumento da época em que os apóstolos andavam a baptizar velhacos pelo mundo, segundo afirmava com majestade de oráculo o Tomba.

Ao entardecer, metiam pelos caminhos orlados de álamos de inquieta folhagem prateada grupos de moças de cântaro imóvel e direito à cabeça, lembrando, com o seu andar rítmico e a sua figura esbelta, as canéforas gregas.

Esse desfile emprestava à huerta valenciana um certo sabor bíblico. Recordava a poesia árabe que cantava a mulher junto da fonte, com o cântaro aos pés, unindo num só quadro as duas paixões mais veementes do Oriental: a beleza e a água.

A Fonte da Rainha era um tanque quadrado, com muros de pedra vermelha e o nível da água muito mais baixo do que o do solo. Descia-se ao fundo por seis degraus, sempre escorregadios e esverdeados, de humidade. No rectângulo de pedra fronteira à escada havia um baixo-relevo com figuras apagadas que era impossível identificar sob as camadas de cal.

Devia ser a Virgem rodeada de anjos, obra de arte tosca e ingénua da Idade Média, talvez um voto do tempo da conquista. Mas o trabalho de algumas gerações que haviam picado a pedra para marcar melhor as figuras apagadas pelos anos e de outras que a haviam branqueado com escrúpulos de bárbaro asseio tinham-na deixado de tal modo que só se distinguia um vulto informe de mulher, "a rainha" que dava o nome à fonte "rainha dos Mouros", como têm todas de ser, forçosamente, nas histórias do campo.

Aos domingos à tarde, não escasseavam por ali a algazarra e a confusão, com mais de trinta raparigas acotovelando-se com os cântaros, todas elas desejosas de serem as primeiras a encher, mas sem pressa de partirem. Empurravam-se na escada estreita, com as saias presas entre as pernas, para se poderem inclinar e meter o cântaro no pequeno tanque. Os cântaros estremeciam, com os borbotões aquáticos que subiam constantemente do fundo arenoso, onde cresciam punhados de plantas gelatinosas, verdes cabeleiras ondulantes que os impulsos da corrente agitavam na sua prisão de cristal líquido.

Uns insectos chamados "tecelões" percorriam com as patas inquietas a clara superfície.

As que já tinham os cântaros cheios sentavam-se na borda do tanque, de pernas pendentes para a água, mas apressavam-se a encolhê-las com escandalizados gritinhos sempre que algum rapaz descia para beber e olhava para cima.

Era uma reunião de gorriões irrequietos. Falavam todas ao mesmo tempo e, enquanto algumas trocavam insultos, outras cortavam na casaca dos ausentes, tornando públicos todos os

escândalos da várzea. A juventude, liberta da severidade paterna, abandonava também a expressão hipócrita fabricada em casa e mostrava-se com toda a agressividade de uma rudeza carecida de expandir-se. Aqueles anjos morenos, que tão mansamente cantavam louvores à Virgem na igreja de Alboraya, quando se celebravam as festas das solteiras, endureciam ao ficarem sós umas com as outras, salpicavam a sua conversa de pragas de carreteiro e falavam de coisas íntimas com o desembaraço de parteiras.

Aí foi parar Roseta com o seu cântaro, sem ter encontrado o namorado no caminho, apesar de ter vindo devagar e de olhar com frequência para trás, esperando a todo o momento vê-lo sair de um carreiro.

A ruidosa tertúlia da fonte calou-se ao vê-la. No primeiro momento, a presença de Roseta causou estupefacção, foi algo assim como a entrada de um mouro na

igreja de Alboraya, em plena missa maior. Que ia ali fazer aquela " esfomeada"?...

Roseta saudou duas ou três que eram da fábrica e que mal lhe responderam, de lábios comprimidos e tom de desprezo.

As outras, refeitas da surpresa, continuaram a falar como se nada tivesse acontecido, pois nem a honra do silêncio queriam conceder à intrusa.

Roseta desceu à fonte e, depois de encher o cântaro, lançou, ao endireitar-se, um olhar ansioso a toda a várzea, por cima do muro.

- Olha, olha, que não virá.

Quem tal disse foi uma sobrinha de Pimentó, filha de uma irmã de Pepeta, moreninha nervosa, de nariz arrebitado e insolente, orgulhosa de ser filha única e de o pai não ser rendeiro de ninguém, pois os quatro campos que amanhava eram muito seus.

Sim, podia olhar à vontade, que não viria. Não sabiam quem ela esperava? O namorado, o neto do Tio Tomba. Que rico arranjo!

E as trinta bocas cruéis desataram a rir como se mordessem. Não por acharem grande graça ao caso, mas, sim, para aborrecerem a filha do odiado Batiste.

- A "Pastora"!... - exclamaram algumas. - A "Divina Pastora"!...

Roseta encolheu os ombros, indiferente. Já esperava a alcunha. Além disso, as troças na fábrica tinham-lhe embotado a susceptibilidade.

Pegou no cântaro e subiu os degraus, mas quando chegou ao último a voz esganiçada da sobrinha de Pimentó deteve-a. Como mordida, a maldita!

Nunca seria a mulher do neto do fio Tomba. O rapaz era um infeliz, um "morto de fome", mas muito honrado e incapaz de aparentar com uma família de ladrões.

Roseta quase deixou cair o cântaro. Corou, como se as palavras, rasgando-lhe o coração, lhe lançassem todo o sangue para a cara, e depois ficou pálida como a morte.

- Quem é ladrão? Quem? - perguntou em voz trémula, que fez rir todas as outras.

Quem? Ora, o pai! Pimentó, o seu tio, bem o sabia, e na casa de Copa não se falava de outra coisa. Julgavam que o passado ficaria oculto? Tinham fugido da sua povoação por lá os conhecerem demasiado bem e, por

isso, haviam vindo para a várzea, para se apoderarem do que não era deles. Até constava que o Sr. Batiste estivera preso por coisas feias...

E a viborazinha continuou a falar, repetindo tudo quanto ouvia em sua casa e na várzea: as mentiras forjadas pelos desgraçados da taberna de Copa, toda uma cadeia de calúnias inventada por Pimentó, que cada vez se sentia menos tentado a atacar Batiste cara a cara e pretendia hostilizá-lo, cansá-lo e feri-lo pelo insulto.

A firmeza do pai surgiu, de súbito, em Roseta, que estava trêmula, sufocada de raiva e com os olhos injectados de sangue. Largou o cântaro, o qual se partiu e molhou as raparigas mais próximas, que protestaram em coro e lhe chamaram besta. Mas em bom estado se encontrava ela para se preocupar com tais coisas!

- Meu pai! - gritou, avançando para a insolente. - Meu pai ladrão? Torna a repeti-lo e parto-te as ventas!

Mas a moreninha não pôde repeti-lo, pois antes de abrir a boca levou um soco nela, ao mesmo tempo que Roseta lhe agarrava o carrapato, com a outra mão. Instintivamente, impelida pela dor, a rapariga agarrou também os cabelos louros da fiandeira e, durante alguns minutos, mantiveram-se as duas curvadas, soltando gritos de dor e raiva, com a cara perto do chão e arrastando-se mutuamente com os fortes puxões que cada uma dava à cabeleira da outra. As tranças desfaziam-se e caíam os ganchos. As opulentas cabeleiras pareciam estandartes guerreiros, não ondulantes e vitoriosos e, sim, amarrotados e martirizados pelas mãos do inimigo.

Mas Roseta, mais forte ou mais furiosa, conseguiu libertar-se e ia arrastar a adversário, dar-lhe talvez uma boa surra, pois com a mão livre tentava descalçar um sapato, quando aconteceu algo inaudito, brutal.

Sem acordo prévio, como se os ódios das suas famílias e as maldições ouvidas nas suas cabanas lhes subissem de súbito à cabeça, todas as outras raparigas se atiraram ao mesmo tempo à filha de Batiste.

- Ladra! ladra!...

Roseta desapareceu sob os braços ameaçadores e a sua cara ficou coberta de arranhões. Zurzida com tantas pancadas, nem sequer pôde cair, pois as próprias inimigas mantinham-na de pé. Empurrada, porém, de um lado para o outro, acabou por rolar pelos degraus escorregadios e

bateu com a testa numa aresta da pedra.

Sangue! Foi como uma pedrada numa árvore cheia de pássaros. Desataram todas a fugirem várias direcções, de cântaro à cabeça, e pouco depois, nas imediações da Fonte da Rainha, só se encontrava a pobre Roseta, que, despenteada, de saia amarrotada e cara suja de sangue e pó, se dirigia, chorosa, para casa.

Como gritou de angústia a mãe, ao vê-la chegar, e como protestou logo, ao tomar conhecimento do sucedido! Aquela gente era pior do que judeus! Senhor,

Senhor! Podia acontecer tal crime em terra de cristãos?

Já não bastava, aos da várzea, que os homens incomodassem o seu pobre Batiste, caluniando-o perante

o tribunal para que o condenassem a multas injustas. Agora eram as filhas desses homens que perseguiam a pobre Roseta, como se a infeliz tivesse alguma culpa. E tudo porquê? Porque eles queriam viver trabalhando, sem ofender ninguém, como Deus manda!

Ao ver a filha ensanguentada e chorosa, Batiste empalideceu e deu alguns passos no caminho, com os olhos fixos na cabana de Pimentó, cujo telhado espreitava entre os canaviais.

Mas deteve-se e acabou por ralhar docemente a Roseta. O que acontecera devia servir-lhe de lição, para que não passeasse por prazer na várzea. Tinham de evitar todo o contacto com os demais, de viver juntos e unidos na sua cabana, não se afastando nunca daquelas terras que eram a sua vida.

Os inimigos não se atreveriam a ir buscá-los dentro de casa.

Era um rumor de vespeiro, um sussurro de colmeia, o que, de manhã e à tarde, ouvia quem passasse defronte do Moinho da Cadeia, pelo caminho que vai dar ao mar. Uma densa cortina de álamos fechava o largozinho formado pelo caminho ao alargar diante do amontoado de velhos telhados, paredes cheias de fendas e janelos negros do moinho, edifício antigo e em ruínas, erguido sobre a acéquia e apoiado em dois grossos pilares, por entre os quais a corrente caía em espumosa cascata.

O ruído lento e monótono que vinha de entre as árvores era da escola de D. Joaquín, instalada numa cabana oculta pelo renque de álamos.

Nunca o saber se viu melhor alojado, apesar de, geral mente, não habitar em palácios.

Era uma cabana velha, tendo como única luz a que entrava pela porta e pelas gretas do telhado, e as suas paredes eram de duvidosa brancura, pois a senhora professora, mulher obesa que parecia viver presa à cadeira de esparto, passava o dia a olhar e a admirar o esposo. Havia uns bancos, três mapas sebosos, do abecedário, esfacelados nas pontas e colados à parede com pão mastigado, e na divisão contígua à sala de aula uns tarcos, poucos e velhos, que pareciam ter percorrido meia Espanha.

Só existia uma coisa nova em toda a escola: a cana comprida que o professor tinha atrás da porta e que renovava de dois em dois dias no canavial vizinho - era uma felicidade aquele material ser tão abundante e

barato, pois gastava-se rapidamente nas cabeças duras e rapadas daqueles pequenos selvagens.

Livros, só se viam três na escola: a mesma cartilha servia para todos. Para quê mais? Ali imperava o método mouro: canto e repetição, até, à força de martelar no mesmo, meter as coisas nas rudes cabeças.

Por isso, desde manhã até ao anoitecer saía pela porta da velha cabana uma melopeia enfadonha, de que troçavam todos os pássaros das imediações.

- Pai... nosso, que... estás no Céu...

- Santa... Maria...

- Dois vezes dois... quatro...

E os gorriões, os pardais e as malandras, que fugiam dos rapazes como do Demónio quando os viam em bando pelos caminhos, pousavam com a maior tranquilidade nas árvores próximas e até passeavam, saltitantes, defronte da porta da escola, rindo-se com atrevidos gorjeios dos seus ferozes inimigos, ao verem-nos assim enjaulados e sob a ameaça da cana, condenados a olhá-los de soslaio, sem se poderem mexer e repetindo uma toada tão enfadonha e tão feia.

De vez em quando, o coro emudecia e soava, majestosa, a voz de D. Joaquín, num jorro de sabedoria.

- Quantas são as obras de misericórdia?

- Dois vezes sete, quantos são?

E era raro ficar satisfeito com as respostas.

-São umas bestas. Ouvem-me como se lhes falasse em grego. E pensar que os trato com toda a delicadeza, como num colégio da cidade, para que aprendam boas palavras e saibam falar como as pessoas! Enfim, têm com quem se parecer: são tão brutos como os senhores vossos pais, que ladram, têm dinheiro para ir à taberna e inventam mil desculpas para não me darem, ao sábado, os dois quartos que me pertencem.

E passeava indignado de um lado para o outro, especialmente ao queixar-se dos esquecimentos dos sábados. Os efeitos desses esquecimentos estavam bem patentes no aspecto da sua pessoa, que parecia dividida em

duas partes.

Em baixo, alpargatas rotas e sempre manchadas de barro, velhas calças de bombazina e mãos escamosas, ásperas, conservando nas gretas da pele a terra da sua hortazinha, um canteiro de hortaliças que tinha defronte da cabana e que eram muitas vezes a única coisa que lhe enchia a panela. Mas da cintura para cima era o senhor, apresentava "a dignidade do sacerdote da instrução", como afirmava, que o distinguia de toda a gente das cabanas, uns vermes dobrados constantemente para a terra: gravata de cores berrantes sobre o peitilho sujo, bigode branco e cerdoso a dividir-lhe o rosto bochechudo

e corado e um boné azul, com pala de oleado, recordação de um dos muitos empregos que tivera na sua acidentada vida.

Era isso que o consolava da sua miséria, sobretudo gravata, adorno que ninguém usava em toda a vizinhança e que ele ostentava como uma espécie de símbolo

de suprema distinção, como algo parecido com o Tosão de Ouro da huerta.

A gente das cabanas respeitava D. Joaquín, embora se mostrasse remissa e indolente no tocante a aliviar-lhe a miséria. O que aquele homem tinha visto! Quanto mundo correrá! Uma vez fora funcionário dos caminhos-de-ferro, outras ajudara a cobrar contribuições, nas províncias mais longínquas de Espanha... Até se dizia que estivera em Cuba como guarda civil. Enfim, era um pássaro gordo a quem as coisas tinham acabado por correr mal.

D. Joaquín - dizia a sua gorda mulher, que era a primeira a manter-lhe o tratamento - nunca se viu como

se vê hoje. Somos de muito boas famílias. A desgraça trouxe-nos para aqui, mas já vimos melhores dias.

E as comadres da várzea, embora esquecendo-se um sábado por outro dos quartos da escola, respeitavam.

D. Joaquín como um ser superior, ainda que rindo-se um bocadinho da curta casaca verde de abas quadradas que vestia nos dias de festa, quando cantava no coro da igreja de Alboraya, durante a missa maior.

Impelido pela miséria, caíra ali com a sua enorme e molengona metade como podia ter caído noutro lado.

Ajudava o secretário da povoação vizinha nos trabalhos extraordinários e preparava com ervas só por ele conhecidas certas poções que operavam milagres nas cabanas.

Todos reconheciam que "aquele tipo sabia muito". E, sem título de professor, nem receio de que alguém se lembrasse disso para lhe tirar uma escola que não dava nem para o pão, lá ia conseguindo, à força de repetições e ponteiradas, que soletrasse e estivesse quieta toda a matula dos cinco aos dez anos que, em dias de festa, apedrejava os pássaros, roubava a fruta e perseguia os cães nos caminhos da huerta.

Donde era o professor? Todas as vizinhas o sabiam: de muito longe, de além da churreda. E em vão se pediam mais explicações, pois para a ciência geográfica da huerta tudo quanto não fala valenciano é da churreda.

Não eram poucos os trabalhos sofridos por D. Joaquín para se fazer entender pelos seus discípulos e para

que não recuassem perante o idioma castelhano. Havia alguns que, já com dois meses de escola, ainda abriam desmesuradamente os olhos e coçavam o pescoço sem perceberem o que o professor queria dizer com umas palavras jamais ouvidas na sua cabana.

Como o pobre senhor sofria! Ele, que resumia os triunfos do ensino na sua "finura", na sua distinção de maneiras, no "bem lante" que era, segundo afirmação da esposa!

Cada palavra que os seus discípulos pronunciavam mal -e não diziam bem uma única - fazia-o bufar e levantar as mãos de indignação, até tocar no tecto enfumado da cabana. Orgulhava-se da urbanidade com que tratava os seus discípulos.

- Esta cabana humilde - dizia aos trinta garotos comprimidos nos estreitos bancos, a ouvi-lo entre aborrecidos e receosos da cana - deveis considerá-la como se

fosse o templo da cortesia e da boa criação. Que digo, o templo ? É a tocha que brilha e dissolve as sombras de barbaria desta huerta! Sem mim, que serieis? Umas bestas, perdoai a palavra, umas bestas como os senhores vossos pais, a quem não quero ofender. Mas com a ajuda de Deus haveis de sair daqui como pessoas urbanas, sabendo apresentar-vos em qualquer lado, já que tivestes a sorte de encontrar um professor como eu. Não é verdade?...

.Os rapazes respondiam com furiosos acenos de cabeça

- chocando alguns a própria com a do vizinho - e até a

mulher, comovida com a história do templo e da tocha, parava de fazer meia e inclinava a cadeira de esparto para trás, a fim de envolver o marido num olhar de admiração.

Interpelava toda aquela miudagem ronhosa, de pé descalço e fralda ao léu, com desmesurada urbanidade.

- Vejamos, Sr. Llopis, levante-se.

E o "Sr. Llopis", um malandreco de sete anos, com as calças pelas canelas e presas por uma corda, atirava-se do banco abaixo e plantava-se diante do professor, a olhar de soslaio para a temida cana.

-Há bocado que o vejo escarafunchar o nariz e fazer bolinhas. Vício feio, Sr. Llopis, acredite no que lhe diz o seu professor. Desta vez escapa, porque é aplicado e sabe a tabuada de multiplicar, mas a sabedoria de pouco vale quando não acompanhada pela boa educação. Não o esqueça, Sr. Llopis.

E o das bolinhas aprovava tudo, contente por se sair daquela sem uma canada, quando um matulão que estava a seu lado no banco, e lhe devia guardar antigos ressentimentos, ao vê-lo de pé e com o traseiro a jeito, lhe aplicou um beliscão traidor.

-Ai! Ai! - gritou o rapaz. - Sr. Professor, " Ventas de Égua" beliscou-me.

Que explosão de cólera a de D. Joaquín! O que mais o irritava era a mania que os rapazes tinham de se chamarem pelas alcunhas dos pais, quando não de inventarem novas.

Quem é "Ventas de Égua"? O Sr. Peris, quererá você dizer. Que modo de falar, meu Deus! Como se isto fosse uma taberna... Cansa-se wma pessoa a ensinar estes imbecis... Brutos!

E, brandindo a cana, começou a repartir sonoras pancadas, a um pelo beliscão e ao outro por "impropriedade de linguagem", como dizia, resfolegando, sem parar

de bater. As pancadas eram desferidas tão às cegas que os restantes rapazes se comprimiam nos bancos, se encolhiam, escondendo cada qual a cabeça no ombro do vizinho, e um garotito, o filho mais novo de Batiste, assustado com o barulho da cana perdeu os fechos.

Isso abrandou o professor e fê-lo recuperar a perda majestade, enquanto a garotada tapava o nariz.

- D. Pepa - ordenou à mulher -, leve o Sr. Borrull, que está indisposto, e limpe-o atrás da escola.

E a intilheraça, que tinha certo afecto pelos três filhos de Batiste, em virtude de pagarem todos os sábados, agarrou pela mão o "Sr. Borrull", o qual saiu da aula cambaleando nas pernas fracas, chorando ainda do susto e mostrando, pela abertura traseira dos calções, algo mais do que a fralda da camisa.

Terminados estes incidentes, recomeçava a lição cantada, e o arvoredo parecia estremecer de enfado ao coar por entre as suas raniarias a monótona ladainha.

Certas tardes ouvia-se uma melancólica chocalhada e toda a escola se agitava, de contente. Era o rebanho do Tio Tomba que se aproximava. Todos sabiam que quando o velho chegava com as suas ovelhas havia umas

duas horas de recreio.

Se o pastor era tagarela, o professor não lhe ficava atrás. Iniciavam ambos uma conversa interminável e os alunos levantavam-se dos bancos para os ouvirem de perto ou então iam brincar com as ovelhas, que ruminavam a erva dos aterros vizinhos.

D. Joaquín sentia grande simpatia pelo velho. Correra mundo, tinha a deferência de lhe falar sempre em

castelhano, era entendido em ervas medicinais, sem com isso lhe roubar os clientes, enfim, tratava-se da única pessoa da huerta capaz de conversar com ele.

As coisas passavam-se sempre do mesmo modo.

Primeiro chegavam as ovelhas à porta da escola, enfiavam a cabeça pela abertura, aspiravam o ar, curiosas, e

afastavam-se com certo desdém, convencidas de que ali não havia outro pasto além do intelectual, e esse valia pouco. Depois surgia o Tio Tomba, caminhando com segurança por aquela terra conhecida, mas sempre com o cajado à frente, único auxílio dos seus olhos moribundos.

Sentava-se no banco de mosaicos contíguo à porta, e professor e pastor falavam, admirados em silêncio por

D. Josefa e pelos mais creciditos, que se iam aproximando lentamente e formavam um círculo.

O Tio Tomba, que até pelas veredas ia sempre a conversar com as suas ovelhas, falava ao princípio com lentidão, como homem que receia revelar o seu vício

mas as réplicas do professor iam-no encorajando e não tardava a lançar-se no imenso mar das suas eternas histórias. A Espanha ia pessimamente, lamentava, depois repetia as notícias dos que vinham da cidade censurava os maus governos, culpados das más colheitas e acabava com as palavras de sempre:

- Os meus tempos, D. Joaquín, os meus tempos eram outros! O senhor não os conheceu, mas os seus também foram melhores do que estes. Vamos de mal a pior... Nem quero pensar no que espera toda essa gente miúda quando crescer!

Todos sabiam que era esse o exórdio da sua história.

- Se nos tivesse visto, aos do grupo do Flaire! -

o pastor não era capaz de dizer Fraile. - Esses, sim, eram espanhóis. Agora só há valentaços na casa de Copa. E tinha dezoito anos, um morrião com uma águia de cobre que tirara a um morto, e uma espingarda maior do que eu. E o Flaire!... Que homem! Agora falam do género Fulano e de Cicrano. Mentira, tudo mentira! Onde estava o padre Nevot não podia existir outro! Só queria que o visse montado na égua, de hábito arregaçado, sabre curvo e pistolas! Por onde andávamos! Uma vez aqui, outras na província de Alicante, depois nas proximidades

de Albacete... Iam-nos sempre no encalce, mas nós francês que topávamos fazíamos-lo em pó. Ainda parece que os estou aver: "Musiú... perdão!" E eu, zás! zás, baioneta em cheio.

O enrugado velho levantava-se, de olhos mortiços a brilhar como amodorradas faúlhas, e brandia o cajado como se ainda estivesse a traspasar os inimigos. Depois vinham os conselhos e atrás do velho bondoso erguia-se

um homem feroz, de entranhas endurecidas, formado numa guerra sem quartel. Vinham ao de cima os seus instintos ferozes, petrificados em plena juventude e insensíveis ao passar do tempo. Falava aos garotos em valenciano, oferecendo-lhes o fruto da sua experiência. Deviam acreditá-lo, pois vira muito. Na vida era preciso paciência para um homem se vingar do inimigo, aguardar a bola e quando esta viesse a jeito jogá-la com força. E ao dar tão ferozes conselhos entortava os olhos, que, no fundo das

órbitas profundas, pareciam estrelas moribundas, prestes a extinguir-se. Revelava com a sua malícia senil um passado de lutas travadas na huerta, de emboscadas e ardis, um completo desprezo pela vida dos semelhantes.

O professor, receando que isso prejudicasse a moral da sua gente, mudava de conversa e falava da França, a grande recordação do tio Tomba.

Era tema para muitas horas. Conhecia esse país como se nele houvesse nascido. Quando Valência se rendera ao marechal Suchet, tinham-no levado prisioneiro, com mais uns quantos milhares, para uma grande cidade:

Tolosa de França. E misturava na conversa, horrivelmente deformadas, as palavras francesas de que ainda

conseguia recordar-se passados tantos anos. Que país! Lá os homens usavam uns chapéus brancos e felpudos, casacas de cor com gola até ao colete e botas altas como as da cavalaria. Quanto às mulheres, usavam umas saias como estojo de flauta, tão apertadas que desenhavam tudo quanto dentro continham. E lá ia falando dos trajes e dos costumes do tempo do Império, julgando que na França actual continuava tudo como no princípio do século.

Enquanto o pastor desfiava as suas recordações, o professor e a mulher escutavam-no atentamente e alguns rapazes, abusando da inesperada folga, afastavam-se da cabana, atraídos pelas ovelhas, que fugiam deles como do Demónio. Puxavam-lhes pelo rabo, agarravam-nas pelas pernas, obrigavam-nas a andar apoiadas

apenas nas patas dianteiras, empurravam-nas pelos aterros abaixo ou tentavam cavalgá-las, atirando-se de um salto para cima do seu velo sujo. Os pobres animais protestavam em vão, com débeis balidos, pois o pastor não os ouvia, entretido em contar, cheio de gozo, a agonia do último francês por ele morto.

-E quantos caíram?-perguntava o professor no final do relato.

- Uns cento e vinte ou cento e trinta. Não me lembro bem.

O casal entreolhava-se, sorrindo. Desde a última conversa tinham aumentado vinte franceses. à medida que os anos passavam, aumentavam as façanhas e o número de vítimas do pastor.

Os queixumes do rebanho despertavam finalmente a atenção do professor.

-Meus senhores-gritava aos atrevidos discípulos, ao mesmo tempo que pegava na cana-, todos para dentro. Julgam que não há mais que fazer, além de passarem o dia a divertir-se? Aqui trabalha-se!

E, para o demonstrar com o exemplo, brandia a cana

que era um regalo, introduzindo à canada, no redil da sabedoria, todo o rebanho de mãlandretes foliões.

-Com sua licença, Tio Tomba, mas há mais de duas horas que conversamos. Tenho de continuar a lição.

E enquanto o pastor, cortesmente despedido, conduzia as ovelhas na direcção do moinho, onde repetiria as

suas histórias, na escola recomeçava a lengalenga da tabuada de multiplicar, que era para os alunos de D. Joaquín o máximo alarde de sabedoria.

Ao pôr do Sol, entoavam o último cântico, dando graças ao Senhor " por os ter ajudado com as suas luzes", e pegava cada um no saquitol do almoço, pois, como na várzea as distâncias não eram brincadeira nenhuma, os garotos saíam pela manhã de casa com provisões para passarem o dia todo na escola. Isso levava alguns inimigos de D. Joaquín a dizerem que o professor tinha o hábito de castigar os alunos reduzindo-lhes a ração, para remediar desse modo as deficiências da cozinha de D. Pepa.

às sextas-feiras, ao saírem da escola, ouviam invariavelmente o mesmo discurso:

-Meus senhores, amanhã é sábado. Recordai-o às senhoras vossas mães eizei-lhes que, amanhã, quem não trouxer os dois quartos não entrará na escola. Esta recomendação é especialmente para si, "Sr. Fulano", e para si, "Sr. Cicrano"...-e dizia uma dezena de nomes.-Há três semanas que não trazem o estipêndio

combinado e assim não é possível a instrução, nem pode a ciência produzir frutos, nem combater-se com coragem a barbaria nativa destes campos. Eu entro com tudo: a

minha sabedoria e os meus livros -e apontava as três cartilhas que a mulher recolhia cuidadosamente, para as guardar na velha cómoda-, vós não trazeis nada.

Repito: aquele que, amanhã, chegar com as mãos vazias, não transporá aquela porta. Avisai as senhoras vossas mães.

Os rapazes formavam aos pares, de mão dada -como nos colégios de Valência, que julgavam? e saíam da cabana, beijando primeiro a destra escamosa de D. Joaquín e repetindo, ao passar junto dele:

- Passe bem. Até amanhã, se Deus quiser!

O professor acompanhava-os até ao largo do moinho, que era um entroncamento de caminhos e veredas, e aí a formação desfazia-se em pequenos grupos, que seguiam para diferentes pontos da várzea.

- Cuidado, meus senhores, pois não os perco de vista! -gritava D. Joaquín, numa última advertência. -Nada de roubar fruta, andar à pedrada ou saltar

acéquiás. Tenho um passarinho que me conta tudo, e se amanhã souber alguma coisa má a cana não terá descanso.

E, parado no pequeno largo, seguia durante muito tempo, com o olhar, o grupo maior, que se afastava a caminho de Alboraya.

Esses alunos eram os que pagavam melhor e entre eles contavam-se os três filhos de Batiste, para os quais o caminho se transformava muitas vezes numa rua da amargura.

De mãos dadas, tentavam os três ir ficando para trás

dos outros rapazes, que Por serem das cabanas vizinhas da sua sentiam o mesmo ódio dos pais contra Batiste e a família e não perdiam nenhum ensejo de lhes fazer mal.

Os dois mais crescidos sabiam defender-se e, com mais arranhão, menos arranhão, em certas ocasiões até saíam vencedores das pelejas. Mas o mais pequeno, Pascualet, um garotinho gordo e barrigudo, só com cinco anos e adorado pela mãe, devido à sua ternura e mansidão - ela até prometera a si mesma fazer dele capelão. Pascualet chorava assim que via os irmãos engalfinhados em luta terrível com os condiscípulos.

Muitas vezes, os dois mais crescidos chegavam a casa suados e cheios de poeira, como se se tivessem rebolado pelo caminho, com as calças rotas e a camisa desabotoada. Eram os sinais do combate. O mais pequeno contava

tudo, a chorar, e de quando em quando a mãe tinha de tratar um dos outros, apertando-lhe bem uma moeda de dois quartos contra o alto provocado por uma pedrada traiçoeira.

Inquietava-se Teresa ao saber os ataques de que os filhos eram vítimas e, como mulher rude e corajosa, nascida no campo, só se tranquilizava quando lhe diziam que os seus se tinham sabido defender, deixando o inimigo maltratado.

Mas pedia-lhes por amor de Deus que tomassem conta de Pascualet, antes de mais nada. Quanto ao irmão mais velho, indignado com o relato dos mais novos, prometia dar uma valente tarefa a todos os trastes inimigos, quando os encontrasse nos caminhos.

Todas as tardes, mal D. Joaquín perdia o grupo de vista, começavam as hostilidades.

Os inimigos, filhos ou sobrinhos dos que, na taberna, juravam acabar com Batiste, iam afrouxando o passo, para diminuir a distância entre eles e os três irmãos.

Ainda soavam aos seus ouvidos as palavras do professor: a ameaça do maldito pássaro que via tudo e tudo

contava. Alguns riam-se incredulamente, embora lá por dentro... Aquele tipo sabia tanto!...

Mas, à medida que se afastavam, iam-se desvanecendo as ameaças do professor. Começavam por cabriolar

à volta dos três irmãos, por correr, rindo, uns atrás dos outros - pretexto malicioso inspirado pela hipocrisia instintiva da infância-, a fim de, ao passarem, os empurrarem para a acéquia que contornava o caminho. Depois, quando essa manobra falhava, começavam os puxões e os empurrões, dados em corrida.

- Ladrões! Ladrões!

E, lançando-lhes o insulto, puxavam-lhes as orelhas e afastavam-se correndo, para um pouco mais adiante retrocederem e repetirem as mesmas palavras.

Essa calúnia, inventada pelos inimigos do pai, era o que mais enfurecia os rapazes. Os dois mais crescidos, largando Pascualet, que se escondia a choramingar atrás de uma árvore, apanhavam pedras e lá se desencadeava uma batalha, a meio do caminho.

Os calhaus assobiavam entre os ramos, fazendo cair

uma chuva de folhas ou chocando com troncos e aterros. Os cães das cabanas assomavam a ladrar ferozmente, atraídos pelo barulho da luta, e as mulheres, à porta das suas casas, erguiam os braços ao céu e gritavam, indignadas:

- Condenados! Demónios!

Tais escândalos indignavam D. Joaquín e faziam-no manejar a cana inexorável, no dia seguinte. Que diriam da sua escola, templo de boa criação...

A luta só terminava quando passava algum carreteiro que brandia o chicote ou saía de uma cabana algum velho de cacete na mão. Os agressores fugiam, debandavam, e, arrependidos da façanha, ao verem-se sós, pensavam aterrados, com a fácil mudança de opinião da infância, no passarinho que sabia tudo e no que D. Joaquín lhes reservava para o dia seguinte.

Entretanto, os três irmãos seguiam o seu caminho, coçando as esfoladuras da peleja.

Uma tarde, a pobre mulher de Batiste clamou em altos gritos por Deus e pelos santos, ao ver o estado em que chegavam os seus filhos.

Naquele dia, a batalha fora dura. Ali, os bandidos! Os dois mais crescidos estavam magoados, como sempre, mas isso não tinha grande importância. O mais pequenino, porém, o bispo, como a mãe lhe chamava carinhosamente, estava encharcado dos pés à cabeça e chorava, a tremer de medo e de frio.

A feroz matula atirara-o para uma acéquia de águas paradas, donde os irmãos o tinham retirado coberto de nauseabundo lodo.

Teresa deitou-o na sua cama, ao ver que o pobrezinho continuava a tremer-lhe nos braços, agarrado ao seu pescoço e a murmurar, em voz semelhante a um balido:

- Mamã! Mamã!

A mãe reatou as lamentações.

- "Senhor, dai-nos paciência. Toda aquela gentalha, grandes e pequenos, estava decidida a acabar com a família.

Triste e carrancudo como se fosse a um enterro, Batiste pôs-se a caminho de Valência, certa quinta-feira de manhã. Era dia de mercado de animais no leito do rio, e ele levava na cinta o saquinho de serapilheira com o resto das suas economias.

Choviam desgraças sob a cabana. Só faltava que o telhado se abatesse sobre eles e os esmagasse a todos. Que gente! Onde se tinham metido!

O pequenito estava cada vez pior, tremia de febre nos braços da mãe, que passava a vida a chorar, e era visitado pelo médico duas vezes por dia. Em resumo, uma doença que lhe ia custar doze ou quinze duros, assim sem mais nem menos!

O mais crescido, Batistet, quase não podia sair dos seus campos. Ainda tinha a cabeça ligada e a cara cheia de golpes em consequência da luta descomunal que uma manhã travara no caminho com outros da sua idade que iam, como ele, recolher estrume a Valência. Todos os lixeiros da zona se tinham unido contra ele e o pobre rapaz não podia chegar sequer ao caminho.

Os dois mais pequenos já nem iam à escola, com medo

das lutas que tinham de travar no regresso.

E Roseta -pobre pequena! - era a que se mostrava mais triste.

O pai, com expressão rígida e olhar severo, recordava-lhe mudamente que se devia mostrar indiferente, já que

as suas mágoas eram um atentado à sua autoridade paterna. A sós, porém, o bom Batiste lamentava a tristeza da filha, coitada. Ele também fora jovem e sabia como eram pesadas as penas de gostar.

Descobrira-se tudo. Depois da famosa briga na Fonte da Rainha, a várzea inteira levava dias a falar dos amores de Roseta com o neto do tio Tomba.

O carnicheiro de Alboraya bufou de cólera contra o criado. Ah, o grandíssimo patife! Agora compreendia porque descorava os seus deveres, porque passava as tardes vadiando pela várzea, como um cigano! O senhor permitia-se ter namorada, como se fosse um homem capaz de a manter! E que namorada, santo Deus! Bastava ouvir os fregueses, quando tagarelavam junto do seu balcão! Todos diziam o mesmo: admiravam-se de que um homem como ele, religioso, honrado e sem outro defeito que não fosse roubar um bocadinho no peso, consentisse que o seu criado acompanhasse a filha do inimigo da várzea, um homem mau, que se dizia ter estado na cadeia.

E como tudo isso, no conceito do barrigudo patrão, fosse uma desonra para o seu estabelecimento, ao escutar as murmurações das comadres enfurecia-se de novo, ameaçava o tímido criado com a faca ou ordenava ao Tio Tomba que corrigisse o tratante do neto.

- Em resumo: o carnicheiro despediu o rapaz e o avô arranjou-lhe colocação em Valência, noutro talho, rogando que não lhe dessem folga nem nos dias de festa,

para que não voltasse a ir esperar ao caminho a filha de Batiste.

Tonet partiu submisso, de olhos húmidos, como os borregos que tantas vezes levava de rastos até à faca do patrão. Não voltaria à várzea. Entretanto, na cabana, a pobre rapariga escondia-se no seu estudo para gemer, fazendo grandes esforços para não demonstrar a sua dor na presença da mãe, que, irritada com tantas contrariedades, se mostrava intratável, nem na presença do pai, que falava em desfazê-la se voltasse a ter namorado e a dar com isso que falar aos inimigos das vizinhanças.

Ao pobre Batiste, tão severo e ameaçador, o que mais lhe doía, de todas as suas desgraças, era o desconsolo da pobre filha. Esta não tinha apetite, andava olheirenta e amarela, esforçava-se por se mostrar indiferente e quase não dormia, o que não a impedia de sair todas as manhãs para a fábrica, pontualmente, tendo no olhar uma expressão vaga, denunciadora de que o seu pensamento andava longe, de que passava a vida a sonhar.

Seriam possíveis mais desgraças? Sim, ainda havia outras. Naquela cabana, nem os animais escapavam à atmosfera envenenada de ódio que parecia pairar sobre o seu telhado. Aquilo a que não faziam directamente mal deitavam, com certeza, mau olhado. Por isso o pobre Morrut, o cavalo velho, um animal que era como se fosse

da família e que, nas peregrinações de miséria, arrastara pelos caminhos os pobres tarecos e os garotos, enfraquecera pouco a pouco no estábulo novo, o melhor alojamento que tivera durante toda a sua longa vida de trabalho.

Portara-se como uma pessoa honrada na pior época, quando, recém-instalada a família na cabana, houvera que arar a terra maldita, empedernida por dez anos de abandono; quando houvera que ir constantemente a Valência, buscar o entulho das demolições e as madeiras velhas; quando o pasto não era muito e o trabalho extenuante. E agora, que, defronte do janelo do estábulo, se erguia um grande campo de fresca e ondulante erva, toda para ele, agora, que tinha a mesa posta, com aquele tapete verde e sumarento que cheirava deliciosamente, agora, que engordava, que as suas ancas ossudas e o seu dorso nodoso se arredondavam, agora é que morria do pé para a mão, sem se saber porquê, talvez no uso do seu perfeito direito ao descanso, depois de ter tirado a família de apuros.

Um dia deitara-se na palha, recusando-se a sair e olhando Batiste com uns olhos vidrados e amarelados, que emudeceram nos lábios do dono as pragas e as ameaças. Parecia uma pessoa, o pobre Morrut. Ao recordar o seu olhar, Batiste sentia muitas vezes desejos

de chorar. Foi grande o sofrimento, na cabana, e tal desgraça até fez que a família esquecesse momentaneamente o pobre Pascualet, que tremia de febre na cama.

A mulher de Batiste não conteve o pranto. Esticando o manso focinho, aquele animal vira vir ao mundo quase todos os seus filhos. Ainda se recordava, como se fora ontem, quando o tinham comprado no mercado de Sagunto, pequeno sujo, cheio de crostas e imundície, como uma pileca de refugo. Era alguém da família que partia. E quando uns indivíduos repugnantes chegaram com uma carroça para levarem o cavalo para a caldera onde converteriam o seu esqueleto em osso polido e reluzente e as suas carnes em adubo fecundante, os garotos desataram a chorar, lançando da porta um adeus interminável ao pobre Morrut, que se afastava com as patas rígidas e a cabeça oscilante, enquanto a mãe, como se tivesse um horrível pressentimento se lançava de braços abertos para o doentinho.

Recordava os filhos quando entravam no estábulo e puxavam Morrut pela cauda, e como o animal suportava, com doce passividade, todas as brincadeiras dos rapazes. Recordava o mais pequenino, quando o pai o montava no duro lombo do cavalo e os seus pezinhos batiam nos lustrosos flancos, enquanto ele gritava, na sua vozinha infantil: "Arre, arre!" Teresa estava convencida de que, com a morte do pobre animal, se abriria uma brecha por onde saíam outros. Senhor, que a enganassem os seus pensamentos de madre dolorosa! Que fosse só aquele paciente animal a partir, que não levasse no lombo, a caminho do Céu, o pobre menino, como noutros tempos o levava pelos carreiros da várzea, agarrado às crinas e a passo lento, para que não caísse!

O pobre Batiste, com o pensamento ocupado por

tantas desgraças, baralhando na imaginação o petiz doente, o cavalo morto, o filho agredido e a filha pesarosa, chegou aos arredores da cidade e atravessou a ponte de Serranos.

No extremo da ponte, numa planície entre dois jardins, defronte das torres octogonais que erguiam por cima do arvoredado as suas arcadas ogivais, as suas barbacãs e a coroa das suas ameias, aí se deteve Batiste, a passar as mãos pelo rosto. Tinha de visitar os amos, os filhos de D. Salvador, para lhes pedir emprestado o que lhe faltava para comprar um cavalo que substituísse Morrut. E, como o asseio é o luxo do pobre, sentou-se num banco de pedra, à espera que chegasse a sua vez de rapar a barba de duas semanas, negra e dura como arames.

As barbearias da gente da huerta, os barbeiros de "cara ao sol", funcionavam à sombra dos altos plátanos. Um par de cadeirões com assento de esparto e braços polidos pelo uso, um fogareiro onde fervia a panela da água, as toalhas de cor duvidosa e as navalhas com bocas, que arranhavam a pele dura dos fregueses quase até os fazer gritar, constituíam toda a fortuna daqueles estabelecimentos ao ar livre.

Rapazes rústicos, que aspiravam a ser artistas nas barbearias da cidade, faziam ali a recruta, por assim dizer. E enquanto eles se treinavam fazendo lanhos ou povoando as cabeças de peladas, o patrão conversava com os fregueses sentados no banco do passeio ou lia um jornal em voz alta, leitura que o auditório escutava impassível, com o queixo apoiado em ambas as mãos.

Aos que se sentavam na cadeira dos tormentos passavam-lhes um pedaço de sabão de pedra pela cara, esfrega que esfrega, até fazer espuma. Depois seguia-se a navalha cruel, os golpes que o freguês aguentava firmemente, com a cara manchada de sangue. Um pouco mais

adiante soava a enorme tesoura, num movimento contínuo, passando e tornando a passar pela cabeça redonda

de algum moço presumido, que ficava tosquiado como um cão-de-água. Cúmulo da elegância: grande grenha à frente e a metade traseira da cabeça cuidadosamente rapada.

Batiste foi barbeado com bastante sorte, enquanto escutava, afundado na cadeira de esparto e de olhos semicerrados, a leitura do "mestre", feita em voz nasalada e monótona, e os seus comentários de homem

experiente da coisa pública. Não apanhou mais de três arranhões e um golpe na orelha. Já tinha sido pior.

Pagou o meio real e entrou na cidade pela porta de Serranos.

Duas horas depois, voltou a sair e sentou-se no banco de pedra, entre o grupo de clientes, para ouvir de novo o "mestre", enquanto esperava pela hora do mercado. Os amos tinham-lhe emprestado o que lhe faltava para comprar o cavalo. O importante, agora, era ter olho para escolher, serenidade para não se deixar enganar pela astuta ciganagem que lhe passava pela frente com os animais e descia uma rampa, a caminho do leito do rio.

Onze horas. O mercado devia estar no auge. Batiste ouvia um rumor confuso, de mistura com relinchos e vozes vindos do fundo do álveo. Hesitante, continuava

sentado, como quem deseja adiar o mais possível o momento de tomar uma resolução importante. Por fim, decidiu-se e desceu ao mercado.

O leito do Turia estava, como sempre, quase seco. Alguns veios de água, escapados dos açudes e das represas que refrescavam a várzea, serpenteavam, formando curvas e ilhas no chão poeirento, quente, que mais parecia deserto africano do que leito de rio. Àquela hora estava tudo inundado de sol, sem a menor mancha de sombra.

Os carros dos labregos, com os seus toldos claros, formavam uma espécie de acampamento no centro do álveo, e ao longo da margem de pedra enfileiravam-se os animais para venda: mulas negras e escouceadoras, com coberturas vermelhas e ancas reluzentes, agitadas por nervosa inquietude; cavalos de trabalho, fortes mas tristes, quais servos condenados a eterno labor, fitando os olhos sem brilho em quantos passavam, como se adivinhassem neles um novo tirano, e éguas pequenas e vivas, a levantar o pó do chão com os cascos e puxando a corda que as prendia ao muro.

Junto à rampa de descida estavam os animais de refugio: asnos sem orelhas, de pêlo sujo e pústulas repugnantes; cavalos tristes, cujos ossos pareciam furar-lhes a pele; mulas míopes, com pescoço de cegonha - enfim, toda a miséria do mercado, os náufragos do trabalho que, com o lombo marcado de pauladas, o estômago contraído e as feridas inflamadas pelas gordas varejeiras verdes, esperavam a chegada do contratador das corridas de touros ou do mendigo, que ainda os saberiam utilizar.

Junto aos veios de água, no centro do álveo e nas margens que a humidade cobria de tênue capa de erva, trotavam as manadas de potros por domar, de longa crina ao vento e arrastando a cauda pelo chão. Para lá das pontes, através dos seus arcos de pedra, viam-se as manadas de touros, com as patas encolhidas, runinando tranquilamente a erva que os tratadores lhes atiravam ou caminhando vagarosamente pelo chão esbraseado, sentindo a nostalgia das frescas devesas e firmando-se bem, como que para investir, todas as vezes que os rapazes lhes assobiavam dos parapeitos.

A animação do mercado aumentava. Em torno de cada cavalgadura que estava a ser ajustada formavam-se, grupos de rústicos gesticuladores e tagarelas, em mangas de camisa e com uma vara de freixo na mão direita. Os ciganos, secos, bronzeados, de pernas compridas e arqueadas, samarra remendada e gorro de pêlo, sob o qual

luziam uns olhos de brilho febril, falavam sem cessar, respirando para a cara do comprador como se quisessem hipnotizá-lo.

-Repare bem na égua! Repare nas suas linhas... Até parece uma donzela!

E o labrego, insensível às palavras meladas do cigano, fechado em si mesmo, pensativo e hesitante, olhava para o chão, olhava para o animal, coçava o pescoço e acabava por repetir, com teimosia:

- Bem, mas não dou mais.

Para se chegar a acordo e solenizar as vendas,

procurava-se o amparo de uma ramada, debaixo da qual uma mulherança vendia bolos enfeitados pelas moscas ou enchia pegajosos copos com o conteúdo de meia dúzia de garrafas alinhadas em cima de uma mesa forrada de zinco.

Batiste passou várias vezes por entre os animais, sem fazer caso dos vendedores que o assediavam, adivinhando a sua intenção.

Nenhum lhe agradava. Ah, pobre Morrut! Como era difícil escolher-lhe um sucessor! Não fora a necessidade acossá-lo, e teria partido sem comprar, pois julgava ofender o defunto ao fixar a atenção naquelas antipáticas cavalgadas.

Por fim, parou diante de um cavalo branco, não muito gordo, nem lustroso, com algumas esfoladelas nas pernas e um certo ar de cansaço. Era um animal de trabalho que, não obstante o seu aspecto triste, parecia forte e enérgico.

Mal passou a mão pelas ancas do animal, apareceu a seu lado um cigano obsequioso e afável, que se lhe dirigiu como se o tivesse conhecido toda a vida:

- Uma pérola de animal! Bem se vê que conhece uma boa besta... E é barato, creio que não discutiremos...

Monote! Fá-lo dar uns passos, para que o senhor veja com que garbo anda.

E o dito Monote, um ciganito de traseiro ao léu através dos buracos dos fundilhos e cara cheia de crostas, pegou na corda e desatou a correr pelos altos e baixos de areia, seguido pela pobre cavalgada, que trotava, displicente, como que fatigada de uma operação muitas vezes repetidas.

Acercou-se gente curiosa, que se agrupou em redor de Batiste e do cigano, os quais seguiam com o olhar a marcha do animal. Quando Monote voltou, Batiste examinou o cavalo demoradamente. Meteu-lhe os dedos entre os dentes amarelos, passou-lhe as mãos pelas ancas, levantou-lhe as patas para lhe examinar os cascos e observou-o cuidadosamente entre as pernas.

- Veja bem, veja bem-convidava o cigano.-Veja bem, que para isso ele aí está. Mais limpo do que a patena. Aqui não se engana ninguém, é tudo natural. Não se enfeitam os animais, como outros fazem, que disfarçam um burro num abrir e fechar de olhos. Comprei-o a semana passada e nem tive tempo de lhe tratar dessas coisitas que tem nas pernas. Bem viu com que garbo anda. E a puxar uma carroça? Nem um elefante tem a sua força! Pode ver os sinais no pescoço...

Batiste não ficou descontente com o exame, mas esforçou-se por se mostrar desagradado, recorrendo a caretas e tosses. Os seus infortúnios como carreteiro tinham-lhe ensinado a conhecer os animais e, por isso, ria-se interiormente de alguns curiosos que, influenciados pelo mau aspecto do cavalo, discutiam com o cigano, dizendo-lhe que só prestava para a caldera. O seu aspecto triste e cansado era o dos animais de trabalho que obedecem com resignação enquanto se podem aguentar.

Por fim, chegou o momento decisivo: ficaria com ele!

- Quanto?

- Por ser para si, que é um amigo -respondeu o cigano, dando-lhe uma palmada nas costas-, por ser para si, pessoa simpática, que saberá tratar bem esta prenda... deixá-lo emos por quarenta duros, e está o negócio fechado.

Batiste aguentou a investida com calma, como homem acostumado a tais discussões, e sorriu manhosamente.

-Pois por seres tu que vendes, baixarei um pouco.

Queres vinte e cinco!

O cigano abriu os braços num gesto de teatral indignação, retrocedeu uns passos, coçou o gorro de pêlo e fez uma série de gestos grotescos, para exprimir o seu espanto.

-Mãe de Deus, vinte e cinco duros!... Já viu bem o animal? Nem roubado lho poderia vender por tal preço!

Mas Batiste respondia sempre o mesmo a todas as lamentações:

- Vinte e cinco... nem mais um chavo.

E o cigano, expostas as suas razões, que não eram poucas, recorreu ao argumento supremo:

- Monote, leva o animal, para o senhor ver bem.

E lá foi Monote, de novo correndo e puxando pela corda à frente do pobre cavalo, cada vez mais aborrecido com tantos passeios.

- Que meneio, hen? - ilugiu o cigano. - Parece uma marquesa num baile. E você acha que só vale vinte e cinco duros?

-Nem mais um chavo-respondeu Batiste, obstinado.

- Volta, Monote. Já chega.

E, fingindo indignação, o cigano virou as costas ao comprador, como se desse por falhado todo o regateio.

Mas, ao ver que Batiste se ia mesmo embora, mudou de tática:

- Vamos, senhor... Qual é a sua graça?...Batiste? Pois olhe, Sr. Batiste, para que veja que sou seu amigo e quero e desejo que essa jóia seja sua, vou fazer o que não faria a ninguém. Vai por trinta e cinco duros? Juro-lhe pela saúde que nem ao meu pai o faria!

Desta vez, o seu protesto ainda foi mais vivo e gesticulante, ao ver que o lavrador não se comovia com a redução e só a muito custo lhe oferecia mais dois duros.

-O quê, tão pouco interesse lhe inspira esta bela pérola? Não terá olhos para a apreciar ? Monote, toca a passeá-lo outra vez!

Mas Monote não teve de se cansar, pois Batiste afastou-se, fingindo ter desistido da compra.

Vagueou pelo mercado, olhando de longe outros animais, mas vigiando sempre o cigano pelo rabo do olho. O outro, fingindo também indiferença, observava-o igualmente.

Aproximou-se de um cavalo forte e de pêlo brilhante, mas que não pensava comprar, pois adivinhava o seu alto preço. Mal lhe passou a mão pelas ancas, sentiu junto ao ouvido um bafo quente e ouviu um murmúrio:

- Trinta e três... Pela saúde dos seus pequenos, não diga que não! Bem vê que sou razoável...

-Vinte e oito -replicou Batiste, sem se virar.

Quando se fartou de admirar o formoso cavalo, seguiu o seu caminho e, um pouco adiante, entreteve-se a ver uma velha lavradora regatear um burrico.

O cigano voltara para junto do seu cavalo e olhava-a de longe, a sacudir a corda, como se o chamasse. Batiste aproximou-se devagar, fingindo-se distraído e olhando para as pontes, pelas quais deslizavam as sombrinhas coloridas das mulheres da cidade.

Já era meio-dia. A areia estava esbraseada e o ar contido entre os parapeitos, não era perturbado pela mais leve brisa. Naquela atmosfera quente e asfíxiante, o sol, de chapa, fazia arder a pele e secava os lábios.

O cigano avançou alguns passos na direcção de Batiste, a oferecer-lhe a ponta da corda, como se convidasse a tomar posse do animal:

-Não será o seu preço nem o meu. Trinta, e sabe Deus que não ganho nada... Trinta, não me diga que não, pois morrerei de raiva. Vamos... toque.

Batiste pegou na corda e estendeu a mão ao vendedor, que lha apertou energicamente. Negócio fechado.

O lavrador foi tirando da cinta toda a indigestão de economias que lhe inchava o ventre: uma nota que lhe emprestara o amo, diversas moedas de duro e um punhado de prata miúda, embrulhada num papel. Completada a conta, não pôde furtar-se a ir com o cigano

debaixo da ramada, a fim de lhe pagar um copo, nem dar uns centavos a Monote, em paga dos seus trotes.

- Leva a jóia do mercado. Hoje é um bom dia para s. Sr. Batiste! Benzeu-se com a mão direita e a Virger ouviu-o.

Ainda teve de beber segundo copo, obséquio de cigano, e por fim, cortando cerce a sua enfiada de oferecimentos e salamaleques, pegou na corda do seu novo cavalo e, ajudado pelo ágil Monote, subiu-lhe para o lombo nu e saiu a passo curto do barulhento mercado:

la satisfeito com o animal: não perdera o dia. Já não se lembrava do pobre Morrut e sentiu o orgulho de proprietário quando, na ponte e no caminho, alguns da huerta se voltaram para trás, para examinarem o cavalo branco.

A maior satisfação sentiu-a ao passar diante da casa de Copa. Conduziu o animal num trotezinho presunçoso, como se fosse um cavalo de casta, e notou que, depois de passar, assomaram à porta, com olhos arregalados de assombro, Pimentó e todos os vadios da região. Miseráveis! Já deviam estar convencidos de que era difícil

cravar-lhe o dente, de que sabia defender-se sozinho.

Estava ali à vista: cavalo novo. Oxalá o que se passava na cabana pudesse resolver-se tão facilmente!

O seu trigo, alto e forte, forcejava como que um lago de ondas inquietas na margem do caminho; a alfaia estava louçã, com um perfume que dilatou as narinas do cavalo. Não se podia queixar das suas terras; era dentro da cabana que temia encontrar a desgraça, eterna companheira da sua existência, à espera de lhe cravar as garras.

Ao ouvir o trote do cavalo, correu Batiste, de cabeça entrapada, a fim de pegar na corda, enquanto o pai desmontava. O rapaz mostrou-se entusiasmado com

o novo animal. Acariciou-o, meteu-lhe as mãos entre as orelhas e, na sua ânsia de tomar posse dele, apoiou um pé no curvejão, agarrou-se à cauda e montou pela garupa, como um mouro.

Batiste entrou na cabana, branca e limpa como sempre, com os azulejos a reluzir e todos os móveis no seu lugar, mas que parecia envolta na tristeza de uma sepultura, também limpa e reluzente.

A mulher veio à porta do quarto, com os olhos inchados e vermelhos e o cabelo em desordem, a denunciar com o ar cansado as várias noites passadas de vigília.

O médico acabava de sair e dissera o mesmo de sempre: poucas esperanças. Depois de examinar um bocado o menino, partira sem receitar mais nada. Dissera apenas que voltaria ao anoitecer, ao montar na égua. O menino continuava como sempre, com uma febre que lhe devorava o corpinho cada vez mais exausto.

Era o mesmo de todos os dias. Já se tinha habituado àquela desgraça: a mãe não fazia outra coisa senão chorar e os outros, com expressão triste, continuavam a dedicar-se às ocupações do costume.

Depois, mulher interessada pelos negócios da sua casa, Teresa interrogou o marido acerca do resultado da viagem e quis ver o cavalo, e até a triste Roseta esqueceu os seus pesares amorosos para o ver também.

Grandes e pequenos, foram todos ao curral ver o cavalo, que Batistet acabava de instalar no estábulo. O doentinho ficou abandonado na grande cama do estudo, agitando-se, com os olhos amortecidos pela doença e a gemer debilmente: "Mãe! mãe! "

Entretanto, Teresa examinava, com rosto grave, a compra do marido, a tentar decidir se valia trinta duros; a filha procurava diferenças entre o novo animal e Morrut, de feliz memória, e os pequenos, com repentina confiança, puxavam-lhe a cauda e acariciavam-lhe o ventre, pedindo em vão ao irmão mais velho que o montasse no lombo branco.

Decididamente, todos gostavam do novo membro da família, que farejava o casebre com estranheza, como se encontrasse nele algum cheiro vago do companheiro.

A família sentou-se toda à mesa, para almoçar, e tão grande era a febre da novidade, o entusiasmo pela

aquisição, que Batistet e os mais novos se levantaram várias vezes, para irem espreitar ao estábulo, como se receassem que tivessem nascido asas ao cavalo e ele já lá não estivesse.

A tarde passou sem nenhum acidente. Batiste tinha de lavar uma parte do terreno ainda inculto, a fim de o preparar para as hortaliças, e ele e o filho atrelaram o cavalo, orgulhando-se com a sua mansa obediência e com a força com que puxava o arado.

Ao anoitecer, quando já se iam recolher, Teresa chamou-os em altos gritos da porta da cabana, como se pedisse socorro:

-Batiste! Batiste! Vem depressa!

E Batiste desatou a correr através do campo, assustado com o tom de voz da mulher,

que gemia e

arrepelava os cabelos.

O menino morria, bastava vê-lo para ter disso a certeza. Ao entrar no estudo e debruçar-se sobre o leito, Batiste foi sacudido por um estremecimento gelado,

como se lhe tivessem despejado um balde de água pelas costas abaixo. O pobre "Obispo" mal se movia; só o seu peito continuava a agitar-se, nas garras de doloroso estertor. Os seus lábios tinham uma tonalidade violácea e os seus olhos quase fechados deixavam entrever um globo vítreo e imóvel. Eram olhos que já não viam, e a sua carinha morena parecia obscurecida por misteriosa escuridão, como se sobre ela se projectasse a sombra das asas da morte. A única coisa que brilhava na sua cabeça era o cabelito louro, espalhado na almofada, cabeleira ondulada onde se quebrava com estranha luminosidade a luz da candeia.

A mãe soltava gemidos desesperados, uivos de fera enlouquecida. A filha, que chorava silenciosamente, tinha de a agarrar, para que não se atirasse para cima do menino ou batesse com a cabeça na parede. Fora do quarto, os pequenos choramingavam, sem se atreverem a entrar, como se os lamentos da mãe lhes infundissem terror. Junto da cama, de punhos cerrados e a morder os lábios, Batiste olhava fixamente aquele corpinho ao qual custava tantas angústias e tantos estremecimentos abandonar a vida. A falsa calma do homenzarrão, os seus olhos secos agitados por um pestanejar nervoso e a fronte inclinada para o filho constituíam um quadro ainda mais doloroso do que os lamentos da mãe.

De súbito, reparou que Batistet estava junto dele. Seguiu-o, alarmado pelos gritos da mãe. Batiste aborreceu-se, ao saber que deixara o cavalo abandonado no meio do campo, e o rapaz enxugou as lágrimas e saiu a correr, para meter o animal no estábulo.

Pouco depois, novos gritos arrancaram Batiste do seu doloroso entorpecimento:

- Pai! Pai!

Era Batistet, que o chamava da porta da cabana. O pai, pressentindo nova desgraça, correu atrás dele, sem compreender as palavras atropeladas do filho: "O cavalo... o pobre Blanco... estava caído...

Poucos passos adiante, viu de facto o animal caído sobre as ancas, ainda atrelado ao arado, mas tentando em vão levantar-se, esticando o pescoço e gemendo

dolorosamente, enquanto do flanco, junto de uma das patas dianteiras, corria lentamente um líquido escuro, que ia empapando os sulcos recém-abertos.

Tinham-no ferido; talvez fosse morrer. Cristo! Um animal que lhe era tão necessário como a própria vida e que o obrigara a empenhar-se com o amo!

Olhou à sua volta, à procura do criminoso. Ninguém. Na várzea, que o crepúsculo azulava, ouvia-se apenas um ruído longínquo de carros, o sussurro dos canaviais e os gritos com que as pessoas se chamavam de uma cabana para outra. Nos caminhos imediatos, nos carreiros, nem

vivalma.

Batistet tentou desculpar-se do descuido. Quando corria para a cabana, assustado com os gritos da mãe, vira aproximar-se no caminho um grupo de homens, gente alegre que ria e cantava, regressando sem dúvida da taberna. Talvez tivessem sido eles.

O pai não quis ouvir mais nada. Pimentó! Quem mais poderia ser? O ódio da várzea assassinava-lhe um filho e agora aquele ladrão matava-lhe a cavalgada, adivinhando quanto era necessária para a sua existência.

Cristo O que acontecera não era já suficiente para que um cristão se perdesse?

E, sem pensar mais, sem saber o que fazia, regressou à cabana, tirou a espingarda de trás da porta e abalou a correr, enquanto, instintivamente, abria a câmara da arma, para ver se os dois canos estavam carregados.

Batistet ficou junto do cavalo, a tentar estancar-lhe o sangue com o lenço da cabeça.

Teve medo, ao ver o pai correr pelo caminho com a espingarda, ansioso por matar para dar largas ao seu furor.

Era terrível o aspecto daquele homenzarrão, sempre tranquilo e fleumático. A fera que existia nele despertava, devido ao cansaço de ser hostilizado dia após dia. Nos seus olhos injectados de sangue brilhava a febre do assassinio, todo o seu corpo estremecia de cólera, da terrível cólera do pacífico, que quando ultrapassa o

limite da mansidão cai na ferocidade.

Meteu pelos campos como um javali enfurecido, pisando as plantas, saltando os sulcos de rega e partindo as canas, na ânsia de chegar mais depressa à cabana de Pimentó.

Estava alguém à porta. A cegueira da cólera e a penumbra do anoitecer não lhe permitiram distinguir se era homem ou mulher, mas viu que, quem quer que fosse, se meteu para dentro de um salto e fechou a porta assustado com aquela aparição que se preparava para levar a espingarda à cara.

Batiste parou diante da cabana fechada.

- Pimentó!... Ladrão!, aparece!

Estranhou a própria voz, como se fora de outro. Era uma voz trémula e esganiçada pela sufocação da cólera.

Ninguém respondeu. A porta continuou fechada, assim como fechadas continuaram as janelas e as três fendas do remate da fachada, que, iluminavam o andar superior, a chamma, onde eram guardadas as colheitas.

Talvez o bandido o estivesse a observar por algum buraco; talvez preparasse a espingarda para disparar traiçoeiramente de um dos janelos altos... Instintivamente, com aquela desconfiança moura que leva a suspeitar

no inimigo toda a espécie de traições, Batiste protegeu o corpo com o tronco da enorme figueira que sombreava a cabana de Pimentó.

O nome daquele ecoava sem cessar no silêncio do crepúsculo, acompanhado por toda a espécie de insultos:

- Baixa, covarde! Aparece!

Mas a cabana permanecia silenciosa e fechada, como se a tivessem abandonado.

Batiste julgou ouvir gritos abafados de mulher, choque de móveis, algo que lhe fez adivinhar uma luta da pobre Pepeta a tentar deter Pimentó, que queria sair para responder aos insultos. Depois não ouviu mais nada além dos seus próprios impropérios, que continuaram a soar num silêncio desesperante.

Isso enfurecia-o ainda mais do que se o inimigo se tivesse apresentado. Parecia-lhe que a cabana silenciosa troçava dele. Abandonando o esconderijo, atirou-se contra a porta, à coronhada.

A madeira estremecia com aquele bater louco. Queria a sua raiva na cabana, já que não podia fazer o morador em fanicos, e tão depressa esmurrava a porta como dava coronhadas nas paredes, arrancando-lhes enormes bocados de argamassa. Várias vezes chegou até a levar a espingarda à cara, para disparar os dois tiros contra as fendas da chamma, mas deteve-o o medo de ficar desarmado.

A sua cólera subia. Rugia insultos, os seus olhos injectados de sangue não o deixavam ver e todo o seu corpo tremia, como se estivesse bêbado. Breve cairia ao chão, apoplético, agonizante de cólera, asfixiado pela raiva. Salvou-se, porém, pois de repente as nuvens vermelhas que o envolviam rasgaram-se e ao furor sucedeu a fraqueza. Teve consciência de toda a sua desgraça e sentiu-se aniquilado. A sua cólera, finalmente quebrantada por tão horrível tensão, começou a desvanecer-se, e Batiste, repetindo o rosário de insultos, sentiu a voz afogar-se-lhe e transformar-se num soluço. Por fim, desatou a chorar.

Deixou de injuriar o bandido e foi retrocedendo pouco a pouco, até chegar ao caminho, onde se sentou num aterro, com a espingarda aos pés. Chorou, chorou, sentindo nisso grande alívio, acariciado pelas sombras da noite, que pareciam compartilhar a sua mágoa, pois tornavam-se cada vez mais densas e ocultavam o seu pranto infantil.

Como era desgraçado! Sozinho contra todos!... Ao regressar a casa, encontraria o menino morto e o cavalo, que era a sua vida, inutilizado por aqueles traidores. O mal atacava-o por todos os lados, surgindo dos caminhos, das casas e dos canaviais, aproveitando-se de todas as ocasiões para ferir os seus. E ele tolhido, sem se poder defender daquele inimigo que desaparecia mal tentava enfrentá-lo, cansado de sofrer.

Santo Deus, que fizera para padecer tanto?

Sentia-se cada vez mais aniquilado pela dor. Ficaria ali, imobilizado no aterro. Podiam vir os seus inimigos, que não teria forças para apanhar a espingarda caída a seus pés.

Ressoou no caminho um lento guizalhar que povoou a escuridão de misteriosas vibrações. Batiste pensou no seu pequenito, no pobre Obispo, que já devia ter morrido.

Talvez aquele som tão suave fosse dos anjos, que tinham descido para o levar e pairavam pela várzea sem encontrar a sua pobre cabana. Ah, se não fossem os outros... os

que precisavam dos seus braços para viver!... O pobre homem ansiava por desaparecer. Pensou na felicidade que seria de ir ali mesmo, junto do aterro, aquele corpanzil cujo sustento tanto lhe custava e, agarrado à alminha do filho, daquele inocente, voar, voar como os bem-aventurados que vira, conduzidos por anjos, nos quadros das igrejas.

O melancólico guizalhar soou junto dele e começaram a passar pelo caminho vultos informes, que a

sua vista turvada pelas lágrimas não lograva definir.

Sentiu que lhe tocavam com a ponta de um pau e, levantando a cabeça, viu uma figura magra, uma espécie de espectro que se inclinava para ele.

Reconheceu o Tio Tomba, o único da huerta a quem não devia nenhum pesar.

O pastor, tido por bruxo, possuía a assombrosa adivinhação dos cegos. Mal reconheceu Batiste, pareceu compreender toda a sua desgraça. tocou, com o cajado, na espingarda caída a seus pés e virou a cabeça, como se, na obscuridade, procurasse a cabana de Pimentó.

Falava com lentidão, com uma tristeza repousada, como homem habituado às misérias de um mundo do qual sairia em breve. Adivinhou o pranto de Batiste.

Tudo quanto acontecia agora o esperara ele. Filho meu! Dissera-lho no primeiro dia em que o encontrara instalado-nas terras malditas: trar-lhe-iam desgraça!

Acabava de passar defronte da sua cabana e vira luzes, através da porta aberta... Depois ouvira gritos de desespero e o cão a uivar. O pequenito morrera, não é verdade? E o pai ali, julgando estar sentado num aterro, quando na realidade onde estava era com um pé no

presídio. Assim se perdiam os homens e se desmanchavam as famílias. Acabaria matando estupidamente como

o pobre Barret e como ele morrendo, em perpétua

reclusão. Era fatal, aquelas terras tinham sido amaldiçoadas pelos pobres e só poderiam dar frutos de maldição.

E, murmurando as suas terríveis profecias, o pastor afastou-se atrás das ovelhas, a caminho da povoação, enquanto aconselhava o pobre Batiste a que partisse também, mas para longe, para muito longe, onde não tivesse de ganhar o pão lutando contra o ódio de tantas misérias coligadas.

Já invisível, confundido com as sombras, Batiste ainda lhe ouviu a voz lenta e triste:

- Crê, filho meu, caíste em desgraça!

Batiste e a família não repararam como se iniciou o acontecimento inaudito, inesperado, não viram quem foi o primeiro que se decidiu a atravessar a pontezinha que unia o caminho aos odiados campos.

Não estavam na cabana para dar conta de tais pormenores. Abatidos pela dor, viram que a huerta ia repentinamente até eles; e não protestaram, porque a desgraça precisa de consolo, mas também não agradeceram o inesperado movimento de aproximação.

A notícia da morte do pequeno propagara-se rapidamente por toda a vizinhança,

graças à estranha rapidez

com que as notícias circulam na várzea, saltando de cabana em cabana nas asas da mexeriquilce, o mais rápido dos telégrafos.

Naquela noite, muitos dormiram mal. Dir-se-ia que o menino, ao abandonar o mundo, deixara uma espinha cravada na consciência dos vizinhos. Não poucas mulheres se mexeram e remexeram na cama, perturbando com

a sua inquietação o sono dos maridos, que protestavam, indignados: "Não te resolves a dormir, maldita?" Não, não podiam dormir. Aquele menino perturbava-lhes o sono. Coitadinho! Que contaria ao Senhor quando entrasse no Céu?

Todos tinham uma certa responsabilidade naquela morte, mas cada um, com egoísmo hipócrita, atribuía ao vizinho a culpa principal da teimosa perseguição, cujas consequências se haviam abatido sobre o pequenito. Cada comadre inventava uma responsabilidade para assacar a outra, que considerava sua inimiga. Por fim, adormeceram, depois de tomarem a decisão de, no dia seguinte, desfazerem todo o mal causado e irem de manhãzinha oferecer-se à família, chorar o pobre menino - e, entre as névoas do sonho, julgavam ver Pascualet,

branco e luminoso como um anjo, fitando com olhos carregados de censura os que tinham sido tão duros com ele e com a sua família.

Todos os vizinhos se levantaram a pensar na maneira de se aproximarem da cabana de Batiste e entrarem nela.

Era um exame de consciência, uma explosão de arrependimento que afluía à pobre cabana de todos os extremos da várzea.

Mal acabava de amanhecer, entraram na cabana duas velhas que viviam num campo vizinho. A família, consternada, quase não demonstrou estranheza pela apresentação das duas mulheres numa casa onde ninguém entrara durante seis meses. Queriam ver o menino,

o pobre albaet. E, entrando no estudo, contemplaram-no ainda na cama, com o lençol puxado até ao pescoço, a cabeça loura inerte na almofada e o corpinho quase

sumido sob a coberta. A mãe não fazia outra coisa senão chorar, encolhida num canto do quarto, pequena como uma menina, como se fizesse esforços para se aniquilar e desaparecer.

Depois dessas mulheres vieram outras e outras. Um rosário de comadres chorosas, vindas de todos os lados da huerta, rodeavam a cama, beijavam o pequeno cadáver e pareciam apoderar-se dele como se fosse seu, pondo de lado Teresa e a filha. Estas, extenuadas pela insônia e pelo pranto, pareciam apatetadas e deixavam pender para o peito a cara corada e quente das lágrimas.

Batiste, sentado numa cadeira de esparto no meio da cabana, observava estupidamente o desfilar daquela gente que tanto o maltratara. Não os odiava, mas também não sentia gratidão. A crise da véspera deixara-o como que entorpecido, e, por isso, olhava tudo aquilo com indiferença, como se a cabana não lhe pertencesse nem fosse seu filho o pobrezinho que estava na cama.

Só o cão, enroscado a seus pés, parecia conservar recordações e sentir ódio. Farejava hostilmente a procissão de saias que entrava e

saía e rosnava como se

desejasse morder, mas contendo-se para não desgostar os donos.

A gente miúda compartilhava a antipatia do cão.

Batistet fazia má cara a todas aquelas "safardanas" que tantas vezes se tinham rido dele, quando passava diante das suas cabanas, e acabou por se refugiar noestábulo, para não perder de vista o pobre cavalo e continuar a tratá-lo de acordo com as instruções do veterinário,

chamado na noite anterior. Gostava muito do irmãozinho, mas a morte não tem remédio e agora o que o

preocupava era que o cavalo não ficasse coxo.

Os dois mais novos, satisfeitos, no fundo, com uma desgraça que atraía para a cabana a atenção de toda a várzea, guardavam a porta, vedando a entrada aos rapazes que, como bandos de gorriões, chegavam por caminhos e veredas, com a doentia e excitada curiosidade de ver o pequenino morto. Agora era a sua vez, agora quem mandava eram eles. E, com a coragem de quem está em sua casa, ameaçavam e despediam uns e deixavam entrar outros, concedendo-lhes a sua protecção, de

acordo com a maneira como os haviam tratado nas sangrentas e acidentadas lutas no caminho (la escola.

Velhacos! Até havia alguns que teimavam em entrar, embora tivessem participado na briga em que o pobre Pascualet caíra à acéquia e apanhara assim a sua doença mortal.

A chegada de uma mulherzinha débil e pálida foi como uma lufada de penosas recordações para a família.

Era Pepeta, a mulher de Pimentó. Até aquela aparecia!...

Batiste e a mulher sentiram um assomo de rebelião, mas faltavam forças à sua vontade. Para quê? Bem-vinda. E se estava ali para gozar com a sua desgraça,

que risse até se faltar. Eles estavam exaustos, esmagados pela dor. Deus, que tudo via, não deixaria de dar a cada um o merecido.

Mas Pepeta dirigiu-se directamente para a cama, afastando as outras mulheres. Levava nos braços um enorme ramo de flores e folhas, que espalhou pelo leito.

Os primeiros perfumes da nascente Primavera derramaram-se pelo quarto que cheirava a remédios e cuja atmosfera pesadíssima parecia carregada de insônia e suspiros.

Pepeta, o pobre animal de trabalho, morta para a maternidade e casada sem esperança de ser mãe, perdeu a serenidade ao ver aquela cabecinha de marfin envolta na cabeleira revolta, como uma auréola de ouro.

- Filho meu! Meu pobrezinho!...

E chorou com toda a alma, inclinando-se para o pequenino morto e roçando-lhe com os lábios pela testa pálida e fria, como se receasse despertá-lo

Ao ouvir os seus soluços, Batiste e a mulher levantaram a cabeça, assombrados. Sabiam que era uma boa mulher. O marido, esse, é que não prestava. Nos seus olhos brilhou a gratidão paternal.

Batiste até estremeceu, ao ver como a pobre Pepet, abraçava Teresa e a filha e confundia com as delas as suas lágrimas. Não, ali não havia hipocrisia. Pepeta era uma vítima e, por isso, compreendia a desgraça deles, que também eram vítimas.

A mulherzinha enxugou as lágrimas e voltou a ser a criatura corajosa e forte, habituada a um trabalho brutal para manter a sua casa. Olhou em redor, assombrada. Aquilo não podia continuar assim ! O menino na cama e todo desarranjado! Era preciso adornar o albaet para a sua última viagem, vesti-lo de branco puro e resplandecente como a alva que lhe dava o nome.

E, com um instinto de ser superior nascido para mandar e fazer-se obedecer, começou a dar ordens a todas as mulheres, que rivalizavam entre si para servirem a família anteriormente odiada.

Ela iria à cidade com mais duas, para comprarem a mortalha e o caixão; outras foram à povoação ou espalharam-se pelas cabanas vizinhas, à procura dos objectos que Pepeta as encarregara de arranjar.

Até o odioso Pimentó, que permanecia invisível, teve de trabalhar nos preparativos. A mulher, ao encontrá-lo no caminho, ordenou-lhe que arranjasse músicos, para aquela tarde. Eram, como ele, vadios e borrachos e com certeza os encontraria em casa de Copa. E o matulão, que naquele dia se mostrava pensativo, ouviu a mulher sem replicar e suportou, de olhos no chão e como que envergonhado, o tom imperioso em que ela lhe falava.

Sentia-se outro, desde a noite anterior. Aquele homem que o desafiara, insultando-o impunemente enquanto ele se mantinha fechado na cabana como uma

galinha medrosa; a mulher, que, pela primeira vez, lhe impusera a sua vontade, tirando-lhe a espingarda; a sua falta de coragem, que não lhe permitira colocar-se à frente da vítima, cheia de razão... Tudo isso eram motivos para que se sentisse confuso e atordoado.

Já não era o Pimentó de outros tempos; começava a conhecer-se. Chegou até a pensar se não seria um crime tudo quanto fizera contra Batiste e a família. Momentos houve em que se desprezou. Grande façanha de homem a sua! Todas as suas pulhices e as dos vizinhos só tinham servido para roubar a vida a um pobre garoto. E, obedecendo ao seu costume dos dias negros, quando alguma preocupação lhe franzia a testa, dirigiu-se para a taberna, em busca da consolação que Copa guardava na sua famosa pipa do canto.

às dez da manhã, quando Pepeta regressou de Valência com as duas companheiras, a cabana estava cheia de gente.

Alguns homens dos mais sérios, "homens da sua casa", que mal tinham participado na cruzada contra os forasteiros, faziam companhia a Batiste à porta da cabana: uns de cócoras, à mouro, e outros sentados em cadeiras de esparto, a fumar e a falar lentamente do tempo e das colheitas.

No interior, mulheres e mais mulheres comprimidas em redor da cama, atormentando a mãe com a sua tagarelice, falando, umas, dos filhos que tinham perdido e instaladas, outras, aos cantos, como em sua própria casa, repetindo todos os mexericos das imediações.

Aquele dia era especial; não importava que as suas cabanas estivessem sujas e a

comida por fazer: havia

desculpa. Os garotos agarrados às suas saias choravam e gritavam, querendo, uns, voltar para casa e pedindo, outros, que lhes mostrassem o albaet.

Algumas velhas tinham-se apoderado da despensa e estavam a toda a hora a preparar grandes copos de água com vinho e açúcar, que ofereciam a Teresa e à filha para que chorassem com mais "desafogo". E quando as pobres, já inchadas com aquela inundação açucarada, se repisavam a beber, as prestáveis comadres emborcavam por sua vez os refrescos, pois também precisavam que lhes passasse o desgosto.

Pepeta Começou a gritar, tentando impor a sua autoridade no meio de tal confusão. Que saíssem dali para fora! Em vez de incomodarem, o que deviam era

levar dali as duas pobres mulheres, extenuadas pela dor e aparvalhadas com tanto barulho.

Teresa recusou-se a abandonar o filho, nem que fosse por pouco tempo: não tardaria a deixar de vê-lo, não lhe roubassem as poucas horas que lhe restavam para contemplar o seu tesouro. E, irrompendo em lamentos mais fortes, atirou-se ao frio cadáver, tentando abraçá-lo.

Mas as súplicas da filha e a vontade de Pepeta foram mais fortes e, escoltada por muitas mulheres, saiu da cabana com o avental a tapar a cara, gemendo e cambaleando sem prestar atenção às que a puxavam, querendo cada uma levá-la para sua casa.

Pepeta iniciou então os preparativos da pompa fúnebre. Primeiro colocou no meio da casa a mesinha branca,

de pinho, em que a família comia, cobriu-a com um lençol e prendeu as extremidades com alfinetes. Por cima pôs uma colcha de rendas engomadas, sobre a qual colocou o caixão trazido de Valência e admirado por todas as vizinhas: um esquife branco agalado a ouro e acolchoado no interior como um berço.

Pepeta tirou de um embrulho o último vestuário do pequenino morto: um vestido de gaze com fios de prata, umas sandálias e uma grinalda de flores, tudo branco de neve, como a luz da alva, cuja pureza simbolizava a do pobre albet.

Lentamente, com carinhos maternos, foi amortalhando o cadáver. Apertava o corpinho frio contra o

peito, com arrebatamentos de paixão estéril, enfiava na mortalha, com escrupuloso cuidado, os bracinhos rígidos, como se fossem de vidro e pudessem partir-se ao menor descuido, e beijava os pés de gelo, antes de os meter nas sandálias.

Levando-o nos braços, como uma pomba branca morta de frio, transportou o pobre Pascualet para o caixão, para aquele altar armado no meio da cabana e pelo qual passaria toda a várzea, atraída pela curiosidade.

Mas ainda não estava tudo; faltava o melhor: a grinalda, um barrete de flores brancas com fitas que pendiam para as orelhas, um adorno de selvagem, como o dos índios do teatro. A mão piedosa de Pepeta, empenhada em tenaz batalha com a morte, tingiu as pálidas

faces com rosado carmim e a boca enegrecida do pequenino morto reanimou-se com

uma camada de ardente

vermelhão. Em vão, porém, lutou a ingénua lavradora para lhe abrir desmesuradamente as pálpebras flácidas: estas voltavam logo a cair e a cobrir os olhos embaciados, sem reflexos, com a tristeza cinzenta da morte.

Pobre Pascualet! Infeliz Obispillo! Estava transformado num boneco ridículo com a sua grinalda extravagante e a sua cara pintada. Quanto mais ternura dolorosa inspirara a sua cabecita pálida, com a lividez da morte, caída na almofada da mãe e sem mais adornos que não fossem os seus louros cabelos!

Mas isso não impediu que as boas vizinhas se entusiassem com a obra de Pepeta: "Olhem!... Parece adormecido! Tão bonito! Tão rosadinho!..." Jamais se vira um albaet assim.

E encheram de flores o vazio do caixão: flores sobre o vestido branco, flores espalhadas pela mesa, empilhadas, formando ramos nas extremidades. Era a várzea inteira a abraçar o corpo daquele menino que tantas vezes vira saltar pelos seus caminhos como um passarinho, a estender sobre o seu corpinho frio uma onda de perfumes e cores.

Os dois irmãos mais novos contemplavam Pascualet assombrados, com devoção, como um ser superior que levantaria voo de um momento para o outro. O cão rondava o catafalco, esticando o focinho, querendo lambe as geladas mãozinhas de cera e soltando um lamento quase humano, um gemido de desespero que enervava as mulheres e as levava a enxotarem a pontapé o pobre animal.

Ao meio-dia, fugindo quase à viva força do cativo em que a mantinham as vizinhas, Teresa voltou à cabana. O seu amor de mãe sentiu viva satisfação com os atavios do pequeno. Beijou-lhe a boca pintada e os seus gemidos redobram.

Eram horas de almoço. Batistet e os irmãos, a quem a dor não conseguia calar as exigências do estômago, devoraram uma bucha, escondidos pelos cantos. Teresa e a filha não pensaram em comer. O pai, sempre sentado numa cadeira de esparto debaixo da latada da porta, fumava cigarro atrás de cigarro, impassível como um oriental, de costas viradas para casa, como se temesse ver o branco catafalco que servia de altar ao cadáver do filho.

À tarde, as visitas ainda foram mais numerosas. As mulheres chegaram com os trajes dos dias de festa e de mantilha na cabeça, para assistirem ao enterro; as raparigas disputavam ferozmente a honra de pertencerem ao grupo de quatro que levariam o pobre albaet para o cemitério.

Andando lentamente pela beira do caminho e fugindo do pó como de um perigo mortal, chegaram duas visitas importantes. D. Joaquín e D. Pepa, o professor e a sua "senhora". Naquela tarde, em virtude do "infausto acontecimento" - palavras dele - não havia escola. Bem se adivinhava que assim era vendo a turba de rapazes atrevidos e sujos que tinham conseguido infiltrar-se na cabana e, cansados de contemplar, enquanto escarafunchavam o nariz, o cadáver do companheiro, saíam e corriam uns atrás dos outros pelo caminho próximo ou saltavam as acéquias.

D. Josefa, com um vestido de lã um pouco coçado e uma grande mantilha de um negro já esverdeado, entrou solenemente na cabana e, depois de proferir algumas frases vistosas, aprendidas de passagem com o marido, instalou o robusto corpanzil num cadeirão de corda e aí ficou, muda e sonolenta, a contemplar o ataúde. A boa Mulher, de tão habituada a ouvir e admirar o esposo, não era capaz de manter uma conversa.

O professor, que ostentava a casaca esverdeada dos dias de grande cerimónia e a sua maior gravata, sentou-se cá fora, ao lado do pai. Tinha as manábulas de cultivador metidas numa luva preta, que tinham encanecido com a idade e ficado cor de asa de mosca, e mexia-as constantemente, desejoso de chamar a atenção para as suas prendas das grandes solenidades.

A Batiste dedicava também o seu estilo mais florido e mais sonoro. Era o seu melhor cliente: nem um só sábado deixara de entregar aos filhos os dois quartos para pagamento da escola.

- O mundo é assim, Sr. Batist, temos de nos resignar! Nunca sabemos quais são os desígnios de Deus, que muitas vezes tira do mal o bem para as pessoas.

Interrompendo a enfiada de lugares-comuns, pronunciados pomposamente, como se estivesse na escola, acrescentou em voz baixa, a piscar maliciosamente os olhos:

-Já reparou em toda esta gente, Sr. Batist?... Ontem diziam cobras e lagartos do senhor e da sua família, e Deus sabe quantas vezes lhes censurei essa maldade. Hoje entram nesta casa como se entrassem na deles e esmagam-nos com tantas demonstrações de amizade. A desgraça fá-los esquecer, aproxima-os dos senhores.

E, após uma pausa em que permaneceu cabisbaixo, disse, a bater no peito:

- Acredite-me, pois conheço-os bem: no fundo, são boa gente. Muito estúpidos, lá isso, sim, e capazes das maiores barbaridades, mas com um coração que se comove perante o infortúnio e os obriga a ocultar as garras. Pobre gente! Que culpa têm de haverem nascido para viver como animais, sem que ninguém os liberte da sua condição?

Fez nova pausa, para depois acrescentar, com o fervor de um comerciante que gaba a sua mercadoria:

-Aqui, o que faz falta é instrução, muita instrução. Templos do saber que difundam a luz da ciência por essa várzea, tochas que... que... Enfim, se fossem mais rapazes ao meu templo, quero dizer, à minha escola, e se os pais, em vez de se embriagarem, pagassem pontualmente como o senhor, de outro modo andariam as coisas. E mais não digo, porque não gosto de ofender.

E corria efectivamente esse perigo, pois ali perto estavam muitos dos pais que lhe mandavam alunos sem o lastro dos dois quartos.

Outros labregos, que tinham demonstrado grande hostilidade à família, não ousavam aproximar-se da cabana e permaneciam no caminho, em grupo. Lá se encontrava Pimentó, que acabava de chegar da taberna com cinco músicos, de consciência tranquila depois de

passar algumas horas ao balcão de Copa.

Chegava cada vez mais gente. Já não havia espaço dentro da cabana e as mulheres e as crianças sentavam-se nos bancos de ladrilhos, debaixo da latada, ou nos aterros, à espera da saída do enterro.

No interior soavam lamentos, conselhos dados em voz enérgica e como que um rumor de luta. Era Pepeta que tentava separar Teresa do cadáver do filho. Então, tinha de ser razoável... O albaet não poderia ficar ali para sempre, fazia-se tarde e os maus bocados havia que passá-los depressa.

E lutava com a mãe para a afastar do ataúde, para a obrigar a entrar no estudo a fim de não presenciar o terrível momento da saída, quando o albaet, erguido aos ombros, levantasse voo com as asas brancas da sua mortalha, para nunca mais voltar.

- Meu filho!... Rei da sua mãe! - gemia a pobre Teresa.

Nunca mais o veria. Um beijo... mais um. E a cabeça, cada vez mais fria e lívida, apesar do calor, oscilava de um lado para o outro da almofada, agitando o diadema de flores, entre as mãos ansiosas da mãe e da irmã, que disputavam entre si o último beijo.

O Sr. Vigário, com o sacristão e os meninos de coro, esperavam à entrada da povoação; não os deviam fazer esperar. Pepeta impacientava-se, "Lá para dentro! Lá para dentro!" E, ajudada por outras mulheres, meteu

Teresa e a filha no estudo quase à força. As duas debatiam-se, desgrenhadas, de olhos vermelhos de chorar e peito dorido de protestos magoados, que de gemidos quase se tinham transformado em uivos.

Quatro raparigas de saia farta, mantilha de seda caída para os olhos e ar pudibundo e freiresco agarraram nas pernas da mesa e ergueram, em peso, todo o branco catafalco. Como o disparo que saúda a bandeira que se içá, soou um gemido estranho, prolongado, horripilante, que causou calafrios em muitas costas. Era o cão que se despedia do pobre albaet com um queixume interminável, de olhos lacrimosos e patas estendidas, como se

quisesse prolongar o corpo até onde prolongava o lamento.

Cá fora, D. Joaquín batia as palmas, a chamar a atenção: "Vamos, a escola que forme, toda!" As pessoas que estavam no caminho tinham-se aproximado da cabana. Pimentó capitaneava os seus amigos músicos, que preparavam os instrumentos para saudar o albaet mal transpusesse a porta. Entre a desordem e a gritaria com que se formava o cortejo, gorjeava o clarinete, tocava escalas o cornetim e o trombone bufava como um velho gordo e asmático.

Os garotos iniciaram a marcha, levando erguidos grandes ramos de alfavaca. D. Joaquín sabia fazer bem as coisas. Depois, abrindo caminho entre a multidão, apareceram as quatro donzelas que seguravam o branco e leve altar sobre o qual ia o pobre albaet, deitado no seu ataúde e movendo a cabeça num suave vaivém, como a despedir-se da cabana.

Os músicos começaram a tocar uma valsa brincalhona e alegre, logo atrás do féretro, e depois deles

meterem-se ao caminho, em grupos comprimidos, todos os curiosos.

A cabana, liberta enfim de toda a multidão, ficou muda, sombria, com aquela atmosfera lúgubre dos lugares por onde acaba de passar a desgraça.

Batiste, sozinho debaixo da latada, sem abandonar a sua posição de oriental impassível, mordida o cigarro, seguindo com o olhar o cortejo que se afastava. Este começa a ondular pelo caminho largo, destacando-se o caixão e o seu catafalco como uma enorme pomba branca entre as roupas pretas e os ramos verdes.

Bem iniciava o pobre albaet o caminho do céu dos inocentes! A várzea, espreguiçando-se voluptuosa sob o beijo do sol primaveril, envolvia o pequenino morto no seu hálito oloroso, acompanhava-o até à sepultura, cobrindo-o de impalpável mortalha de perfumes. As velhas árvores germinavam, com uma seiva de ressurreição, e pareciam saudar o pequeno cadáver, agitando,

impelidos pela brisa, os seus ramos carregados de flores.

Nunca a morte passara pela terra com tão formoso disfarce.

Desgrenhadas e rugindo como loucas, esbracejando com fúria, surgiram à porta da cabana as duas infelizes mulheres. As suas vozes prolongavam-se como um gemido interminável na tranquila atmosfera da várzea

impregnada de doce luz.

- Meu filho!... Minha alma!... - gemiam a pobre

Teresa e a filha.

- Adeus, Pascualet, adeus!- gritavam os pequenos, engolindo as lágrimas.

-Auuu! Auuu!- uivava o cão, esticando o focinho, num queixume interminável, que crispava os nervos e parecia fazer estremecer toda a várzea num calafrio lúgubre.

E de longe, por entre a ramaria, arrastando-se pelas ondas verdes dos campos, respondiam os ecos da valsa que acompanhava o pobre albaet à eternidade, embalado no seu barquinho branco agalado a ouro. As escalas arrevesadas do cornetim, as suas cabriolas diabólicas, pareciam uma gargalhada metálica da morte, que, com o menino nos braços, se afastava através dos esplendores da várzea.

Ao cair da tarde, começaram a regressar os participantes no cortejo.

Os pequenos, privados de sono pela agitação da noite anterior, em que os visitara a morte, dormiam nas cadeiras. Teresa e a filha, rendidas pelo pranto, esgotada a energia após tantas noites de insônia, tinham caído inertes na cama, que ainda conservava a marca do corpo do pobre menino. Batistet ressonava no estábulo, perto do cavalo doente.

O pai, sempre silencioso e impassível, recebia as visitas, apertava mãos, agradecia com movimentos de cabeça as frases de consolo e os oferecimentos.

Ao cair da noite., já não restava ninguém. A cabana estava escura, silenciosa. Pela porta aberta ouvia-se, qual longínquo sussurro, a respiração cansada da família,

caídos todos, como mortos da batalha com a dor.

Batiste, sempre imóvel, olhava como um idiota as estrelas que piscavam no azul-escuro da noite.

A solidão reanimou-o. Começava a ter uma noção exacta da sua situação.

A várzea tinha o aspecto de sempre, mas parecia-lhe mais bonita, mais "tranquilizadora", como um rosto carrancudo que se desfranzisse e sorrisse.

As pessoas, cujos gritos soavam ao longe, nas portas das cabanas, já não odiavam, já não perseguiriam os seus. Tinham estado debaixo do seu tecto, apagando com os seus passos a maldição que pesava sobre as terras do Tio Barret. Ia começar uma vida nova. Mas por que preço!

De repente, teve uma visão clara da sua desgraça, pensou no pobre Pascualet, que, àquela hora, estava esmagado sob uma massa de terra húmida e hedionda, lado a lado, na sua branca mortalha, com a corrupção de outros corpos, espiado pelo verme imundo, ele, tão bonito, com aquela pele tão fina pela qual passara a sua mão calosa, com aqueles cabelos louros que tantas vezes acariciara... Ao pensar em tudo isso, sentiu como que uma onda de chumbo subir-lhe do estômago à garganta. Os grilos que cantavam no aterro vizinho calaram-se, assustados com o estranho soluçar que rasgou o silêncio e soou na escuridão durante grande parte da noite, como o estertor de um animal ferido.

Chegara o S. João, a melhor época do ano: o tempo da colheita e da abundância.

O espaço vibrava de luz e de calor. Um sol africano lançava torrentes de ouro sobre a terra, fendendo-a com as suas ardentes caldeiras. As suas flechas de ouro deslizavam por entre a folhagem, toldo de verdura sob o qual ocultava a várzea as rumorosas acéquias e os húmidos sulcos, como temerosa do calor que fazia germinar a vida em toda a parte.

As árvores tinham os ramos carregados de frutos.

Dobravam-se as nespereiras sob o peso dos cachos amarelos, cobertos de folhas envernizadas; espreitavam os alperces entre a folhagem, como faces rosadas de menino; rebuscavam os rapazes, impacientes, as corpu lentas figueiras, procurando, gulosos, os primeiros figos

e nos jardins, por cima das cercas, os jasmineiros exalavam a sua fragrância adocicada e as magnólias, quais incensórios de marfim, espargiam o seu perfume na atmosfera ardente, impregnada do odor da ceifa.

As foices relampejantes iam tonsurando os campos, deitando abaixo as louras cabeleiras do trigo, as grossas espigas que, apopléticas de vida, procuravam o solo, dobrando atrás de si as delgadas hastes.

Nas eiras amontoava-se a palha, formando montes de ouro que reflectiam a luz do Sol; joeirava-se o trigo entre remoinhos de pó e nos campos ceifados, ao longo do restolho, saltavam os gorriões, à cata dos grãos perdidos.

Tudo era alegria e trabalho apetecido. Chiavam

carroças nos caminhos; bandos de rapazes corriam pelos campos ou cabriolavam nas eiras, pensando nos bolos de

trigo novo, na vida de abundância e satisfação que começava nas cabanas ao encher-se o celeiro, e até os velhos rocins mostravam os olhos alegres e andavam com mais desembaraço, como que fortalecidos pelo cheiro dos montes de palha que, lentamente, como um rio de ouro, passaria pelos seus pesebres no decurso do ano.

O dinheiro, cativo nos estudos durante o Inverno, escondido na arca ou no pé de uma meia, começava a circular pela várzea. Ao cair da tarde, as tabernas enchiam-se de homens avermelhados e bronzeados pelo sol, de áspera camisa suada, que falavam da colheita e da paga do S. João, do semestre que tinham de pagar aos donos da terra.

A abundância também trouxera de novo a alegria à cabana de Batiste. A colheita fazia esquecer o albaet. Só a mãe denunciava com lágrimas repentinas ou algum suspiro profundo a fugaz recordação do pequenito.

O trigo, os sacos cheios que Batiste e o filho transportavam para o celeiro e que, ao cair dos seus ombros, faziam estremecer o chão e a cabana toda, isso é que interessava à família.

Começava para todos eles a boa época. Tão abundante como fora até pouco antes a desgraça era agora a fortuna. Os dias passavam em santa calma, com muito trabalho, mas sem que o mais leve contratempo perturbasse a monotonia de uma existência laboriosa.

O afecto demonstrado por todos os vizinhos, aquando do enterro do pequenito, esfriara um pouco. À medida que se desvanecia a recordação daquela desgraça, as pessoas pareciam arrepender-se do seu impulso de ternura e lembravam-se de novo da tragédia do Tio Barret e da chegada dos intrusos.

Mas a paz ajustada espontaneamente perante o branco caixão do menino não se perturbava. Mostravam-se um pouco frios e receosos, sem dúvida, mas todos

davam a salvação à família. Os filhos podiam andar pela várzea sem serem hostilizados e até Pimentó, quando encontrava Batiste, acenava amistosamente com a cabeça, resmoneando qualquer coisa que era uma resposta à sua saudação. Enfim, podiam não gostar deles, mas deixavam-nos em paz, e com isso se contentavam.

No interior da cabana, que abundância, que paz! Batiste estava admirado com a sua colheita. As terras, descansadas, virgens de cultivo durante muito tempo, pareciam ter expelido de uma vez toda a vida acumulada nas suas entranhas durante dez anos de repouso. O grão era grosso e abundante e, segundo rumores que circulavam pela várzea, alcançaria bom preço. Mas havia algo

ainda melhor, e isso fazia sorrir Batiste: não teria de repartir o produto do seu trabalho pagando qualquer arrendamento, pois dele estava isento durante dois anos. Bem pagara esse benefício com largos meses de alarme e de cólera e com a morte do pobre Pascualet, A prosperidade da família parecia reflectir-se na cabana, limpa e reluzente como nunca. Vista de longe, destacava-se das casas vizinhas, como que a revelar a

existência de mais prosperidade. Ninguém teria reconhecido nela a trágica cabana do Tio Barret. Os ladrilhos encarnados do chão, defronte da porta, brilhavam, de tão lavados e esfregados; os maciços de alfavaca e bons-dias, assim como as trepadeiras, formavam pavilhões floridos, por cima dos quais se recortava no céu o frontão triangular e pontiagudo da cabana, de imaculada brancura. No seu interior, chamava logo a atenção o ondular das cortinas engomadas, a tapar as portas dos estudos; as prateleiras com rimas de pratos e travessas côncavas encostadas à parede, a mostrar, pintados no fundo, pássaros fantásticos, flores e tomates, e em cima do poial, semelhante a um altar de azulejos, exibiam-se, quais divindades contra a sede, os barrigudos e envernizados cântaros e, suspensos de uma fila de pregos, jarros de louça e de vidro esverdeado.

Os móveis velhos e mal conservados, recordação perene das antigas peregrinações a fugir da miséria, começavam a desaparecer, dando lugar a outros que a arranjada Teresa adquiria, nas suas idas à cidade. O dinheiro do produto da colheita era utilizado para colmatar as brechas abertas no recheio da cabana durante os meses de espera.

A família sorria, por vezes, ao recordar as palavras ameaçadoras de Pimentó. Aquele trigo, que segundo o valentão ninguém ceifaria, começava a embelezar a família. Roseta tinha mais duas saias e Batistet e os irmãos pavoneavam-se, aos domingos, vestidos de novo dos pés à cabeça,

Quem atravessava a várzea nas horas de mais sol, quando a atmosfera queimava e moscas e besouros zumbiam surdamente, tinha uma sensação de bem-estar diante daquela cabana limpa e fresca. O curral denunciava, através das suas paredes de barro e estacas, a vida nele contida. Cacarejavam galinhas, cantava o galo, saltavam coelhos pelas sinuosidades de um grande monte de lenha verde e, vigiados pelos dois filhos mais novos de Teresa, vogavam patos na acéqw a vizinha e bandos de pintos davam corridinhas pelo restolho, sempre a piar e a bambolear os corpinhos rosados, cobertos de leve plumagem.

Tudo isto sem contar que Teresa, de vez em quando, se fechava no estudo e, depois de abrir uma gaveta da cómoda, desatava lenços e mais lenços, para se extasiar com um montinho de moedas de prata, o primeiro dinheiro que o marido fizera suar às terras. Para tudo é preciso um princípio, e, se as coisas corressem bem, àquele dinheiro juntar-se-ia outro e outro, e, quem sabe se, quando os rapazes chegassem à idade da tropa, não os poderiam livrar, com as economias, de servir o rei como soldados!

A alegria concentrada e silenciosa da mãe também se notava em Batiste. Era vê-lo numa tarde de domingo, a fumar uma rabeta de quarto, em honra do dia de descanso, enquanto passeava diante da cabana e olhava amorosamente os seus campos. Dois dias antes semeara

feijões e milho, como muitos dos seus vizinhos, pois à terra não há que dar descanso.

Com dificuldade cuidava dos dois campos que desbravara e cultivara. Mas, como o defunto Tio Barret, sentia

a embriaguez da terra e cada vez desejava abarcar uma quantidade maior, com o seu trabalho. Embora a época já fosse um pouco adiantada, no dia seguinte pensava surripiar parte do terreno que permanecia inculto atrás da cabana, para nele plantar melões, fruta rendosa; de que a mulher tiraria bom lucro, levando-a, como outras, ao mercado de Valência.

Devia dar graças a Deus por, finalmente, lhe permitir viver tranquilo naquele paraíso. Que terras, as da várzea! Por alguma coisa tinham, segundo a lenda, chorado os mouros ao serem expulsos de lá.

A ceifa limpava a paisagem, derrubando as massas de trigo salpicados de papoulas, que ocultavam a vista por todos os lados, como muralhas de ouro. Agora a várzea parecia muito maior, infinita, e os seus retalhos de terra vermelha, sulcados por carreiros e acéquiás, estendiam-se a perder de vista.

Em todas as casas se respeitava religiosamente o domingo, e, como havia colheita recente e não faltava o dinheiro, ninguém pensava sequer em desrespeitar o preceito. Não se via um só homem a trabalhar nos campos, nem uma cavalgadura nos caminhos. Passavam velhas pelas veredas com a lustrosa mantilha caída para os olhos e uma cadeirinha debaixo do braço, como se as atraísse o sino que tocava longe, muito longe, por cima dos telhados da povoação. Numa encruzilhada corria e gritava um numeroso grupo de garotos; no verde dos aterros destacavam-se as calças vermelhas de alguns soldaditos, que tinham aproveitado o domingo para passar umas horas em casa. Soavam ao longe, como pano que se rasga, os tiros disparados contra os bandos de andorinhas, que voavam para um lado e para outro numa contradança caprichosa, soltando pios agudos e parecendo roçar com as asas pelo cristal azul do céu; zumbiam, por cima das acéquiás, nuvens de mosquitos quase invisíveis, e numa granja verde, sob a velha latada, agitavam-se, num amálgama de cores, saias floridas e lenços vistosos. A cadência dolente das guitarras parecia

arrulhar a um cornetim ruidoso, que lançava para todos os extremos da várzea, adormecida sob o sol, os sons mouriscos da jota valenciana.

Aquela paisagem tranquila era a idealização de uma Arcádia laboriosa e feliz. Ali não podia existir gente má. Batiste espreguiçava-se voluptuosamente, invadido pelo tranquilo bem-estar que parecia impregnar o ambiente. Roseta fora, com os rapazes, ao baile da granja, Teresa dormitava à sombra e ele passeava da porta de casa ao caminho, pelo carreiro de terra inculta que dava passagem à carroça.

De pé na pontezinha, respondia às saudações dos vizinhos, que passavam risonhos, como se fossem presenciar um espectáculo divertidíssimo.

Dirigiam-se todos para a taberna de Copa, a fim de verem de perto a animada "porfia" de Pimentó com os

irmãos Terreróla, tão más cabeças como o marido de Pepeta e que, como ele, tinham jurado ódio ao trabalho e passavam o dia inteiro na taberna. Havia entre eles numerosas rivalidades e apostas, sobretudo naquela época em que o estabelecimento tinha mais freguesia. Os três valentões porfiavam em brutalidade, cada um desejoso de ganhar fama sobre os outros.

Batiste ouvira falar da aposta, que levava as pessoas à famosa taberna como em romaria e que consistia em permanecerem sentados a jogar às cartas, não bebendo outra coisa além de aguardente, até ver qual era o último a cair.

Tinham começado na noite de sexta-feira e no domingo à tarde ainda estavam os três nas suas cadeiras de corda, a jogar a centésima partida, com o jarro de aguardente em cima da mesa de tampo de zinco e abandonando as cartas apenas para comerem as saborosas morcelas que davam grande fama ao taberneiro

Copa, que tão bem sabia conservá-las em azeite.

A notícia, ao espalhar-se pela várzea, fazia vir gente, como em procissão, de uma légua em redor. Os três valentaços não estavam sós nem um momento. Tinham os seus adeptos, que se encarregavam de ocupar o quarto

lugar na partida, e ao chegar a noite, quando a maioria dos espectadores regressavam às suas cabanas, ficavam a ver como jogavam à luz de uma candeia suspensa de um choupo, pois Copa era homem incapaz de aguentar a pesada monotonia da aposta e, assim que chegava a hora de dormir, fechava a porta, deixando os jogadores no largo, depois de lhes renovar a provisão de aguardente. Muitos fingiam indignados com a brutalidade de tal porfia, mas lá bem no fundo sentiam um certo orgulho pelo facto de os seus vizinhos serem homens para ela. Moços de ferro criados pela huerta! A aguardente passava pelos seus copos como se fosse água.

Toda a vizinhança parecia ter os olhos postos na taberna e as notícias acerca do curso da aposta com prodigiosa rapidez. Já se tinham bebido dois cântaros e o efeito não fora nenhum... Já lá iam três... e continuavam firmes. Copa tomava conta do que se bebia e as pessoas, segundo a sua predilecção, apostavam num ou noutro dos contendores.

Essa luta, que apaixonava havia dois dias toda a várzea e ainda não parecia próxima do fim, chegara aos ouvidos de Batiste. Homem sóbrio, incapaz de beber álcool sem sentir náuseas e dores de cabeça, não pôde deixar de sentir um espanto muito próximo da admiração por aqueles brutos, que, na sua opinião, deviam ter o estômago forrado de folha.

E seguia com olhar um pouco invejoso todos quantos se dirigiam para a taberna. Porque não havia de ir também aonde iam os outros? Nunca entrara no estabelecimento de Copa, outrora antro dos seus inimigos; mas

agora o acontecimento extraordinário que lá se passava justificava a sua presença... Além disso -que diabo!-, depois de tanto trabalho e de tão boa colheita, um homem honrado,) tinha direito a um pouco de distracção.

E, gritando a avisar a sua adormecida mulher de que se ia embora, pôs-se a caminho da taberna. A multidão que enchia o largo, defronte da taberna de Copa, parecia um formigueiro humano. Ali estavam todos os homens das imediações, em mangas de camisa, calças de bombazina, larga cinta negra e lenço na cabeça atado em forma de mitra. Os velhos apoiavam-se em grossos cajados de Liria, amarelos e com arabescos negros; a gente nova, de mangas arregaçadas, mostrava os braços robustos e avermelhados e, como contraste, agitava entre os dedos grandes e calejados delgadas varas de freixo. Os grandes choupos que rodeavam a taberna proporcionavam sombra aos animados grupos.

Batiste observou pela primeira vez, detidamente, a famosa taberna com as suas paredes brancas, as suas janelas pintadas de azul e os seus vistosos azulejos de Manises.

Tinha duas portas. Uma era a da adega e por ela se viam as duas filas de enormes tonéis, que chegavam ao tecto, os montões de odres vazios e enrugados, os grandes funis e as medidas de zinco, tingidas de vermelho pelo contínuo passar do líquido. Ao fundo estava o pesado carro que ia até aos limites da província para trazer os abastecimentos de vinho. Aquela casa escura e húmida exalava um bafo a álcool, um perfume de mosto que embriagava o olfacto e toldava a vista, dando a ideia de que a Terra inteira ia ficar inundada de vinho.

Ali se encontravam os tesouros de Copa, dos quais falavam com unção e respeito todos os beberrões da huerta. Só ele conhecia o segredo dos seus tonéis. Traspassando com o olhar as velhas aduelas, avaliava a qualidade do sangue que continham. Era o supremo sacerdote daquele templo do álcool e, quando queria obsequiar alguém, pegava, com tanta devoção como se tivesse entre as mãos a custódia, num copo em que refulgia o líquido cor de topázio, com irisada coroa de brilhantes.

A outra porta era a da taberna e estava aberta desde uma hora antes de nascer o dia até às dez da noite, projectando no caminho escuro o grande rectângulo vermelho da luz do candeeiro a petróleo, pendurado por cima do balcão.

As paredes tinham frisos de ladrilhos vermelhos envernizados, até à altura de um homem, terminando numa orla de azulejos floridos. Daí até ao tecto, o resto das paredes era dedicado à sublime arte da pintura, pois Copa, embora parecesse homem grosseiro e interessado apenas em chegar à noite com a gaveta do balcão cheia, era um verdadeiro Mocenas. Trouxera da cidade um pintor que ali mantivera durante mais de uma semana, capricho de magnata protector das artes que, segundo ele, lhe custara uns cinco duros, mais peseta menos peseta.

E na verdade não se podia olhar para lado nenhum sem topar com uma obra-prima, cujas cores vivas pareciam alegrar os fregueses e incitá-los a beber. árvores azuis em campos roxos, horizontes amarelos, casas

maiores do que as árvores e pessoas maiores do que as casas, caçadores com espingardas que pareciam vassouras e janotas andaluzes de trabuço atravessado nas pernas e montados em briosos corcéis que tinham o aspecto de ratos... Um portento de originalidade que entusiasmava os bebedores. E, aludindo discretamente ao estabelecimento, o artista pintara por cima das portas assombrosas naturezas-mortas: romãs semelhantes a fígados abertos e ensanguentados, melancias que pareciam enormes pimentos e novelos de estambre vermelho, que tentavam passar por pêssegos.

Não faltava quem afirmasse que a preponderância do estabelecimento sobre outras tabernas da huerta se devia a esses assombrosos adornos, e Copa amaldiçoava as moscas, que empanavam tanta formosura com os pontinhos negros das suas evacuações.

Junto da porta principal ficava o balcão, ensebado e pegajoso; atrás dele, a fila tripla de pequenas pipas, coroada por garrafas contendo os diversos e inúmeros líquidos do estabelecimento. Das vigas do tecto pendiam, quais bambolinas gordurentas, enfiadas de linguças e morcelas ou réstias de pequenos pimentos encarnados e pontiagudos como dedos de diabo e, quebrando a monotonia de tal decoração, um ou outro presunto vermelho e majestosos colares de chouriços.

O regalo dos paladares delicados estava num armário de vidros baços, junto do mostrador. Aí se encontravam as estrelas doces, os bolos de passas, os rolos salpicados de açúcar e as madalenas, tudo com certa tonalidade escura e suspeita que denunciava antiguidade, além do queijo de Murviedro, brando, fresco, de suave brancura e do tamanho de pães, ainda a destilar soro.

Além disso, Copa tinha ainda a sua despensa, onde se encontravam as monumentais talhas de azeitonas verdes e as morcelas de cebola conservadas em azeite; petiscos com muita saída. Ao fundo da taberna abria-se a porta do pátio, enorme, espaçoso e com meia dúzia de fogões para cozinhar as paellas. Os pilares brancos sustentavam uma parreira vetusta, que dava sombra a tão

enorme espaço, e empilhados ao longo de uma parede viam-se bancos e mesinhas de tampo de zinco, em tão prodigiosa quantidade que dir-se-ia ter Copa previsto a invasão da sua casa pela várzea inteira.

Ao esquadrinhar a taberna, Batiste reparou no dono, homenzarrão de camisa esgargalada, mas, apesar de estarem em pleno Verão, com um gorro de orelhas enfiado pela cabeça abaixo, quase a tapar-lhe o rosto enorme, bochechudo e vermelho-escuro. Era o melhor freguês do seu estabelecimento: nunca se deitava satisfeito se, com as três refeições, não bebera meio cântaro de vinho.

Era sem dúvida por isso que pouca atenção lhe merecia aquela aposta que em tão grande alvoroço trazia a várzea inteira.

O balcão era um ponto de observação do qual, como conhecedor experiente, vigiava as bebedeiras dos seus fregueses. Que ninguém se lembrasse de armar em

valentão dentro da sua casa, pois o taberneiro, antes mesmo de abrir a boca, deitava a mão a uma cachamorra que tinha debaixo do balcão, uma espécie de ás de paus que fazia tremer Pimentó e todos os valentaços das imediações. Nada de zaragatas em sua casa. Quem se quisesse matar, que se matasse na rua! Quando, nas

noites de domingo, se abriam navalhas e levantavam bancos, Copa, sem dizer uma palavra, nem perder a calma, metia-se entre os combatentes, agarrava pelo braço aos mais assanhados, levava-os para a rua e trancava a porta por dentro. Depois começava a contar tranquilamente o dinheiro da gaveta, antes de se deitar, enquanto no exterior soavam as pancadas e os lamentos da rixa recomeçada. Resolvia-se tudo fechando uma hora mais cedo; lá dentro é que jamais a justiça teria que fazer, enquanto ele se mantivesse atrás do balcão.

Depois de, da porta, observar furtivamente o taberneiro, que com a ajuda da mulher e de um criado,

atendia os fregueses, Batiste voltou ao largo, onde se juntou a um grupo de velhos que discutiam qual dos três portadores se mostrava mais sereno.

Muitos lavradores, cansados de admirar os três brigões, jogavam por sua conta ou merendavam à volta das

mesinhas. Circulava o porrón, cujo esguicho vermelho fazia um ténue gluglu ao cair nas bocas abertas, e

obsequiavam-se uns aos outros com punhados de amendoins e tremoços. As criadas da taberna serviam ` em

pratos côncavos, as negras e azeitadas morcelas, o queijo fresco e as azeitonas com o seu molho, em que flutuavam ervas perfumadas. E em cima das mesas viam-se o pão de trigo novo e os cacetes de côdea avermelhada, mostrando no interior o miolo escuro e suculento da grossa farinha da huerta.

Toda aquela gente que comia, bebia e gesticulava dava a impressão de que o largo estava ocupado por enorme vespeiro. Na atmosfera flutuavam vapores de álcool, um bafo asfixiante a azeite frito e o odor penetrante do mosto, de mistura com o perfume dos campos vizinhos.

Por fim, Batiste aproximou-se do grande círculo que rodeava os apostadores.

Ao princípio ` não viu nada; mas pouco a pouco, empurrado pela curiosidade dos que estavam atrás dele, foi abrindo caminho entre os corpos suados e comprimidos, até chegar à primeira fila.

Alguns espectadores

estavam sentados no chão, com o queixo apoiado em ambas as mãos, o nariz na borda da mesa e o olhar fixo nos jogadores, para não perderem pitada do famoso acontecimento. Ali, o cheiro a álcool era verdadeiramente insuportável. Dir-se-ia que impregnava o hálito e a roupa de toda a gente.

Batiste viu Pimentó e os seus contendores sentados em robustos bancos de madeira de alfarrobeira, com as cartas diante dos olhos, o jarro da aguardente ao alcance da mão e em cima do zinco do tampo da mesa o montinho de bagos de milho a que jogavam. A cada

jogada, um dos três agarrava no jarro, bebia calmamente e passava-o aos companheiros, que o empinavam igualmente, com não menos cerimônia.

Os espectadores mais imediatos observavam as cartas de cada um, por cima dos seus ombros, para verem se jogavam bem. Mas não havia motivo para preocupação: as cabeças estavam lúcidas. Como se bebessem apenas água, ninguém se descuidava, nem jogava mal.

E a partida continuava, sem que os contendores deixassem de falar com os amigos e de gracejar quanto ao resultado da luta.

Ao ver Batiste, Pimentó resmungou um "Olá!" que pretendia ser um cumprimento, e voltou a olhar para as cartas.

Podia estar sereno, mas tinha os olhos avermelhados, brilhava-lhe nas pupilas uma chama azulada e indecisa, semelhante à do álcool, e a sua cara apresentava uma certa palidez. Os outros não estavam melhor. Mas riam todos. Os espectadores, contagiados pelos do jogo, passavam de mão em mão os jarros pagos em comum. Era

uma verdadeira inundação de aguardente que, trasbordando da taberna, descia como onda de fogo a todos os estômagos.

Até Batiste teve de beber, perante a insistência de todos os do grupo. Não gostava, mas um homem devia provar todas as coisas - e voltou a entregar-se às mesmas reflexões que o tinham levado até à taberna. Quando um chefe de família trabalhou e tem a colheita no celeiro, pode permitir-se uma loucurazita.

Sentiu calor no estômago e uma deliciosa turbção na cabeça. Começava a acostumar-se à atmosfera da taberna e achava cada vez mais graça ao desafio.

Até Pimentó lhe parecia um homem extraordinário... a seu modo.

Os jogadores tinham acabado a partida número,... (já ninguém sabia qual) e discutiam com os amigos a próxima ceia. Um dos Terrorólas perdia terreno visivelmente. Dois dias de aguardente à farta e duas noites em

claro começavam a pesar sobre ele. Os olhos fechavam-se-lhe e deixava cair pesadamente a cabeça em cima do irmão, que tentava reanimá-lo com tremendos socos nas ilhargas, dados à socapa por baixo da mesa.

Pimentó antevia o triunfo e sorria manhosamente. Já tinha um no chão. E continuava a discutir a ceia com os seus admiradores. Tinha de ser formidável e sem olhar a despesas; aliás, não seria ele que a pagaria. Uma ceia que fosse digno final da proeza, pois naquela noite venceria com certeza o outro irmão e terminaria o desafio.

E, qual trompa gloriosa anunciando antecipadamente o triunfo de Pimentó, ouviu-se o ressonar do Terroróla mais novo, de braços em cima da mesa e prestes a cair do banco, como se toda a aguardente que tinha no estômago procurasse o chão, em obediência à lei da gravidade.

O irmão falou em acordá-lo à bofetada mas Pimentó interveio bondosamente, como um vencedor magnânimo. Despertá-lo-iam à hora de cear. E, fingindo dar pouca importância ao desafio e à sua própria resistência, falou da sua falta de apetite como de uma grande desgraça, depois de ter passado ali dois dias a comer, e a beber desalmadamente.

Um amigo foi a correr à taberna buscar uma réstia de malaguetas, para lhe abrirem o apetite. A brincadeira provocou grandes gargalhadas, e Pimentó, para causar ainda maior espanto aos seus admiradores, ofereceu o manjar infernal ao Terroróla que ainda se mantinha

firme e começou a devorar as malaguetas com tanta naturalidade como se de pão se tratasse.

Um murmúrio de admiração percorreu o círculo de espectadores. Por cada malagueta que o outro comia, o marido de Pepeta devorava três. Num instante deram cabo da réstia, verdadeiro rosário de demónios vermelhos. Aquela besta devia ter o estômago coraçado.

E continuava firme e impassível, embora cada vez mais pálido e com os olhos inchados e vermelhos, perguntando se Copa já matara dois frangos para a ceia e dando instruções quanto ao modo de os cozinhar.

Batiste olhava-o com assombro, mas ao mesmo tempo sentia um vago desejo de se ir embora. Começava a cair a tarde. No largo, as vozes subiam de tom, iniciava-se o tumulto de todas as noites de domingo.

Além disso, Pimentó fitava-o com excessiva frequência, com os seus olhos estranhos de bêbado resistente. Mas, sem saber porquê, Batiste ia ficando, como se aquele espectáculo, tão novo para ele, pudesse mais do que a sua vontade.

Os amigos do valentão riam-se ao ver que, depois das malaguetas, não dava descanso ao jarro, sem se preocupar que o adversário o imitasse ou não. Não devia beber

tanto, diziam. Ainda acabava por perder e não teria dinheiro para pagar. Agora já não era tão rico como nos anos anteriores, em que a dona das suas terras se conformava com não receber o arrendamento...

Um imprudente disse tais coisas sem ter consciência do valor das suas palavras, mas logo a seguir fez-se um silêncio doloroso, como quando, no quarto de um doente, se põe a descoberto a parte ferida.

Falar de arrendamentos e pagamentos naquele sítio, quando actores e espectadores tinham bebido aguardente a cântaros!...

Batiste sentiu-se inquieto. Pareceu-lhe que, de repente, a atmosfera se tornara hostil, ameaçadora. De boa

vontade teria corrido dali para fora, mas deixou-se ficar, convencido de que todos o olhavam à socapa. Receou antecipar a agressão, se fugisse, ser detido pelo insulto.

E, com a esperança de passar despercebido, deixou-se ficar imóvel, dominado por uma sensação que não era de medo e, sim, de algo mais do que prudência.

Os admiradores de Pimentó fizeram-no contar o procedimento de que se valia todos os anos para não pagar à dona das suas terras e, ao ouvirem-no, soltaram grandes gargalhadas, estremecimentos de alegria maligna, como escravos que se regozijam com as desgraças do seu senhor.

O valentão contava modestamente as suas glórias. Todos os anos, pelo Natal e pelo S. João, punha-se a caminho de Valência, para visitar a proprietária das suas terras. Havia quem levasse um bom par de frangos, uma cesta de bolos e uma canastra de frutos para enternecer os senhores, a fim de que aceitassem o pagamento

incompleto, ao mesmo tempo que, choramingando, prometiam acertar contas mais tarde. Ele só levava palavras, e não muitas.

A sua ama, uma senhora majestosa, recebia-o na sala de jantar da sua casa, por onde andavam as filhas, umas sirigaitas sempre cheias de laçarotes e fitas.

D. Manuela pegava no livrinho, para ver os semestres que Pimentó estava atrasado... Ia pagar ?... E ele, manhoso, ao ouvir a pergunta da senhora de Pajares, respondia

sempre o mesmo: não senhora; não podia pagar porque não tinha nem um quarto. Sabia que, confessando-o, o consideravam patife. Já o dizia o seu avô, que era pessoa de muito saber: "Para quem se fizeram as cadeias? Para os homens. Pagas! És boa pessoa. Não pagas? És um patife." E depois desse breve curso de filosofia rústica,

Pimentó apelava para o segundo argumento, que consistia em tirar da cinta uma rabeta de tabaco negro e

começar a picá-la com uma enorme navalha, para fazer um cigarro.

A navalha causava calafrios à senhora, que ficava toda nervosa, e por isso mesmo o malandro cortava o tabaco com lentidão e tardava em guardá-la, repetindo sempre os mesmos argumentos do avô para explicar o seu atraso no pagamento.

As meninas dos laçarotes alcinhavam-no de "o das cadeias" e a mãe sentia-se inquieta com a presença daquele bárbaro de má fama, que cheirava a vinho e

falava enquanto manjava a navalha. Por fim, convencida de que não lhe conseguiria apanhar nada, mandava-o embora, mas ele experimentava uma satisfação profunda em incomodar e, por isso, tentava prolongar a entrevista. Até lhe chegaram a dizer que, visto não pagar, escusava de aparecer. A senhora esquecer-se-ia da existência das suas terras. Ah, não, D. Manuela! Pimentó era cumpridor escrupuloso dos seus deveres e, como rendeiro, tinha obrigação de visitar a sua ama no Natal e

no S. João, para lhe demonstrar que, embora não pagasse, nem por isso deixava de ser seu humilde servidor.

E lá ia duas vezes por ano, para sujar o soalho com as suas alpargatas cobertas de barro e repetir que as cadeias eram para os homens, enquanto manjava a navalha. Era uma vingança de escravo, o amargo prazer do mendigo que se apresenta com os seus pestilentos andrajos numa festa de ricos.

Todos os labregos riram, comentando a conduta de Pimentó para com a ama.

E o valentão apresentava razões para o seu procedimento. Porque havia de pagar, hem, porquê ?... As suas

terras já o avô as cultivara. Por morte do pai, os irmãos tinham-nas repartido a seu contento, segundo o costume da huerta, sem consultarem o proprietário. Eram eles que as amanhavam, que as faziam produzir, que pouco a pouco iam deixando a vida nos seus torrões.

Pimentó demonstrava tal impudor ao falar com veemência do seu trabalho que alguns sorriram... Bem, ele não trabalhava muito porque era esperto e aprendera que a vida não passava de uma farsa. Mas de vez em quando trabalhava, uma por outra tarde, e isso era o bastante para que as terras fossem com mais justiça suas do que da senhora gorda de Valência. Que fosse ela amanhá-las, que fosse agarrar-se

ao arado, com todas as

suas arrobas de carne e as das meninas dos lacinhos jungidas e a puxar, e então, sim, seria sua legítima dona.

Os ditos grosseiros do valentão quase faziam rebentar a rir os assistentes. Toda aquela gente, que ainda sentia na boca o mau gosto do pagamento do S. João, achava engraçado tratar os amos tão cruelmente. Aquela do arado era muito gira! E cada um imaginava ver o seu amo, o pançudo e meticoloso proprietário ou a senhora velha e altiva, atrelado ao arado, puxando e puxando para abrir o sulco, enquanto eles, os de baixo, os lavradores, estalavam o chicote.

E toca de piscarem o olho uns aos outros, de rirem e darem palmadas nas costas, para exprimir o seu contentamento. Olé, estava-se muito bem em casa de Copa, a

ouvir aquele homem! Lembrava-se de cada uma!...

Mas o marido de Pepeta tornou-se sombrio e muitos viram nele aquele olhar de raiva, aquele olhar homicida que conheciam de longa data, como sinal infalível de agressão iminente. A sua voz tornou-se pastosa, como se todo o álcool que lhe inchava o estômago lhe tivesse subido numa onda à garganta.

Os seus amigos podiam rir até rebentar, mas tais risos seriam os últimos. A huerta já não era a mesma que fora durante dez anos. Os amos, coelhos medrosos, tinham-se tornado agora lobos intratáveis. Já mostravam os dentes, como noutros tempos. Até a sua ama se atrevia a ameaçá-lo a ele - a ele, que era o terror de todos os proprietários da huerta!- e aquando da sua visita do S. João não quisera saber da sua conversa das cadeias, nem sequer da navalha, e anunciara-lhe que se preparasse para deixar as terras ou pagar o arrendamento, sem esquecer os atrasados.

E porque se atreviam a tanto? Porque já não tinham medo deles... E porque não tinham medo deles! Jesus, porque já não estavam abandonadas e incultas as terras de Barret, aquele espantalho de desolação que aterrava os amos e os tornava mansos e transigentes! Quebrara-se o encanto. Desde que um ladrão "morto de fome" conseguira impor-se a todos eles, os proprietários riam-se

e, para se vingarem de dez anos de forçada mansidão, tornavam-se piores do que o famoso D. Salvador.

- Verdade... verdade... - disseram em coro os do grupo, aprovando as razões de Pimentó com furiosos acenos de cabeça.

Todos recordavam a última entrevista com os amos e reconheciam que eles tinham mudado: as ameaças de despejo, a recusa em aceitar, o pagamento incompleto, a expressão irónica com que tinham falado das terras do Tio Barret, outra vez cultivadas apesar do ódio de toda a várzea... E agora, repentinamente, depois da doce negligência de dez anos de triunfo, com a renda para trás das

costas e o amo aos pés, vinha o puxão cruel, o regresso a outros tempos, o achar amargo o pão e ácido o vinho com o pensamento no maldito semestre, e tudo por culpa de um forasteiro, de um piolhoso que nem sequer nascera na huerta e se introduzira no seu seio para lhes estragar

o negócio e dificultar-lhes a vida. E esse tunante ainda vivia? Na huerta já não havia homens?...

Adeus, amizades recentes, respeito nascido junto ao caixão do pobre menino! Toda a consideração engendrada pela desgraça ruía como castelo de cartas,

desvanecia-se como nuvem ténue, e reapareciam de repente o antigo ódio e a solidariedade de toda a várzea, que, ao combater o intruso, defendia a sua própria existência.

E em que momento ressurgia essa animosidade! Brilhavam os olhos, fixos em Batiste com o fogo do ódio. As cabeças, toldadas pelo álcool, pareciam sentir o estrebuchar da tentação homicida. Instintivamente, avançaram todos para Batiste, que começou a sentir-se empurrado por todos os lados, como se o círculo se apertasse para o devorar.

Estava arrependido de ter ficado junto dos jogadores.

Não tinha medo, mas maldizia a hora em que se lembrara de entrar na taberna, estranho sítio que

parecia roubar-lhe a energia. Ali perdera a fortaleza que o animava quando sentia debaixo dos pés as terras cultivadas à custa de tantos sacrifícios e em cuja defesa estava pronto para perder a vida.

Pimentó, resvalando pela encosta da sua cólera, sentia cair-lhe de chofre no cérebro toda a aguardente bebida em dois dias. Perdera a serenidade de ébrio inquebrantável e, ao levantar-se cambaleante, teve de fazer um esforço para se segurar nas pernas. Tinha os olhos inflamados, como se fossem jorrar sangue, e a sua voz era entaramelada, como se o álcool e a cólera não a quisessem deixar sair.

- Vai-te! - ordenou imperioso a Batiste, aproximando a mão ameaçadora do seu rosto, até lhe tocar. - Vai-te!... Vai-te ou mato-te!

Ir-se embora! Era isso que, cada vez mais pálido e mais arrependido de ali ter ido, Batiste desejava. Mas adivinhava o significado daquele imperioso "Vai-te!" do valentão, apoiado pela expressão de assentimento dos outros.

Não lhe exigiam que saísse da taberna, livrando-os da sua presença odiosa; ordenavam-lhe, com ameaça de morte, que abandonasse as suas terras, que eram como a carne do seu corpo, que perdesse para sempre a cabana onde morrera o seu filhinho e que guardava em cada canto uma recordação das lutas e alegrias da família e da sua batalha contra a miséria. De repente, viu-se outra vez com todos os móveis na carroça, errando pelos caminhos, em busca do desconhecido, de outra existência, levando como tétrica escolta a feia fome, que lhes pisaria os calcanhares... Não! Evitaria questões, mas que não lhe tocassem no pão dos seus!

E deixou de se sentir inquieto. A imagem da sua família com fome e sem lar infundiu-lhe uma agressividade colérica. Até sentiu ímpetos de se atirar àquela

gente, só por lhe ter exigido tal monstruosidade.

- Vais-te? Vais-te? - perguntava Pimentó, cada vez mais ameaçador.

Não, não ia. Disse-o com a cabeça, com um sorriso de

desprezo, com um olhar de firmeza e desafio lançado a todo o grupo.

-Malandro! -rugiu o brigão, ao mesmo tempo que aplicava uma tremenda bofetada na cara de Batiste.

Como que animado por tal agressão, todo o grupo se lançou contra o odiado intruso. Mas por cima da linha de cabeças começou a mover-se um braço robusto empunhando um banco com assento de esparto, talvez o

mesmo em que pouco antes estivera sentado Pimentó.

Para o corpulento Batiste, constituía uma arma terrível aquele banco de fortes travessas e grossas pernas de alfarrobeira, com as arestas polidas pelo uso.

Rolaram jarros e mesas e as pessoas recuaram instintivamente, assustadas com o ar agressivo daquele homem sempre pacífico, mas que a raiva parecia, naquele momento, agigantar. E, antes que pudessem recuar mais um passo, ouviu-se um som de tacho que estala - plaf! - e Pimentó caiu, com a cabeça aberta por uma pancada do banco. No largo reinou uma confusão indescritível.

Copa, que parecia não reparar em nada e, no entanto, era o primeiro a farejar as rixas, assim que viu o banco no ar tirou o "ás de paus" debaixo do balcão e, à cacetada, despejou a taberna de fregueses num santo ámen, fechando em seguida a porta, de acordo com o seu são costume.

Alvorçou-se a gente do largo, caíram mesas e empunharam-se varas e porretes, pondo-se cada um em guarda contra o vizinho, para o que desse e viesse. E, entretanto, o causador de todo aquele alarido, Batiste, permanecia imóvel e de braços caídos, mas segurando ainda o banco sujo de sangue, assustado com o que acabava de fazer.

Pimentó, de bruços no chão, soltava gemidos que pareciam roncoss, enquanto o sangue lhe saía em borbotões da cabeça partida.

Com a fraternidade dos bêbados, o Terroróla mais velho foi em auxílio do rival, lançando olhares hostis a Batiste. Insultou-o, procurando na cinta uma arma para o atacar.

Os mais pacíficos fugiam pelos caminhos, olhando de vez em quando para trás levados pela curiosidade, e os restantes continuavam imóveis, na defensiva, cada um capaz de estraçalhar o vizinho sem saber porquê, mas sem querer ser o primeiro a agredir. Os paus continuavam levantados e as navalhas brilhavam no grupo, mas

ninguém se aproximava de Batiste, que retrocedeu lentamente, de costas, sempre com o banco ensanguentado na mão.

Assim saiu do largo, envolvendo num olhar de desafio o grupo que cercava o caído Pimentó. Eram todos homens valentes, mas naquele momento pareciam dominados pela força de Batiste.

Quando se viu no caminho, a certa distância da taberna, desatou a correr e, já perto da cabana, atirou para uma acéquia o pesado banco, horrorizado com as manchas escuras do sangue já seco.

Batiste perdeu toda a esperança de viver tranquilo nas suas terras.

A várzea inteira levantava-se de novo contra ele. Teve outra vez de se isolar na cabana com a família, de

viver em perpétuo vazio, como um empestado, como uma fera enjaulada à qual todos mostravam o punho, de longe. A mulher contara-lhe, no dia seguinte, como o valentão ferido tinha sido levado para a sua cabana. O próprio Batiste ouvira, de casa, os gritos e as ameaças de todos quantos tinham acompanhado, solícitos, o ferido Pimentó... Uma verdadeira manifestação. As mulheres, sabedoras do ocorrido graças à espantosa rapidez com que na várzea se transmitem as notícias, saíram ao caminho para verem de perto o valente marido de Pepeta e para o lamentarem como a um herói sacrificado pelo interesse de todos.

As mesmas que, horas antes, tinham dito o pior dele, escandalizadas com a sua aposta de beberrão, compadeciam-se depois, perguntavam se o ferimento era grave e clamavam vingança contra aquele "morto de fome", contra aquele ladrão que, não contente com apoderar-se do que não era seu, ainda tentava impor-se pelo terror, atacando os homens de bem.

Pimentó mostrava-se magnífico. A ferida doía-lhe muito e caminhava apoiado nos amigos, com a cabeça entapada, transformado num Ecce homo, como afirmavam as indignas comadres. Mas fazia esforços para sorrir

e a cada clamor de vingança respondia com um gesto arrogante, afirmando que lhe competia a si castigar o inimigo.

Batiste não duvidou de que aquela gente se vingaria. Conhecia o procedimento habitual da várzea. A justiça da cidade não se fizera para aquela terra, a prisão era coisa pouca quando se tratava de satisfazer um ressentimento. Para que precisava um homem de juizes e da

Guarda Civil se tinha boa pontaria e uma espingarda na cabana? Os assuntos dos homens deviam ser resolvidos pelos próprios homens.

E, como toda a várzea pensava assim, no dia seguinte ao da rixa em vão passaram e tornaram a passar pelos caminhos dois tricórnios envernizados, indo da casa de Copa à cabana de Pímentó, a fim de fazerem perguntas insidiosas às pessoas que estavam nos campos. Ninguém tinha visto nada, ninguém sabia nada. Pimentó contou, com gargalhadas brutais, como partira a cabeça ao regressar da taberna, em consequência da sua aposta,

que lhe tornara o passo hesitante e o fizera chocar com as árvores do caminho. E os dois guardas civis não tiveram outro remédio senão regressar ao quartel de Alboraya, sem terem tirado a claro os vagos boatos de rixa e sangue que lhes tinham chegado aos ouvidos.

Semelhante magnanimidade da vítima e dos seus amigos alarmou Batiste e obrigou-o a viverem constante defensiva.

A família, qual medroso caracol, meteu-se dentro de casa, evitando o contacto com a várzea.

Os pequenos deixaram de ir à escola, Roseta não voltou à fábrica e Batistet não se afastava um passo dos seus campos. O pai era o único que saía, mostrando-se tão confiado e tranquilo com a sua segurança como cuidadoso e prudente com a dos seus.

Mas não fazia nenhuma viagem a Valência sem levar

consigo a espingarda, que confiava a um amigo dos arredores. Vivia em contacto contínuo com a arma, o objecto mais moderno da sua casa, sempre limpo, reluzente e acariciado com a ternura de mouro que o lavrador valenciano sente pela sua espingarda.

Teresa sentia-se triste como quando morrera o pequenito. Sempre que via o marido limpar os dois canos da

arma, mudar os cartuchos ou accionar a culatra, para se certificar de que funcionava com suavidade, passava-lhe pelo espírito a imagem da prisão e a terrível história do Tio Barret. Via sangue e maldizia a hora em que tinham tido a ideia de se fixar naquelas terras malditas. Depois eram as horas de inquietação durante a ausência do marido, intermináveis tardes de angústia à espera do homem que nunca mais chegava, assomando à porta da cabana para espreitar o caminho, estremecendo sempre que soava ao longe algum disparo dos caçadores e que atribuía ao princípio de uma tragédia, que supunha ser o tiro que rebentava a cabeça do chefe da família ou lhe abria as portas da prisão. E quando, finalmente, Batiste chegava, os garotos gritavam de alegria, Teresa sorria e limpava os olhos, a filha ia ao caminho abraçar o pai e até o cão saltitava em seu redor, farejando-o com

inquietação, como se cheirasse na sua pessoa o perigo que acabava de arrostar.

E Batiste, sereno, firme, sem arrogância, ria da inquietação da família e mostrava-se cada vez mais atrevido, à medida que passava o tempo.

Considerava-se em segurança. Enquanto trouxesse suspenso do braço o magnífico "pássaro de duas vozes", como chamava à sua espingarda, poderia andar com tranquilidade por toda a várzea. Ao vê-lo em tão boa companhia, os inimigos fingiam não o conhecer. Até vira algumas vezes Pimentó ao longe, a passear pela várzea a cabeça entrapada, qual bandeira de vingança. O valentão, apesar de refeito do ferimento, fugia, temendo o encontro ainda mais do que Batiste.

Todos o olhavam de soslaio, mas dos campos próximos do caminho jamais veio uma palavra de insulto.

Viravam-lhe as costas com desprezo, dobravam-se para a terra e trabalhavam febrilmente, até o perderem de vista.

O único que falava era o Tio Tomba, o pastor louco, que o reconhecia com os seus olhos sem luz como se o seu olfacto captasse em redor de Batiste uma atmosfera de catástrofe. E era sempre a mesma pergunta: não queria abandonaras terras malditas?

- Fazes mal, meu filho; trar-te-ão desgraça.

Batiste recebia com um sorriso a cantilena do velho.

Familiarizado com o perigo, nunca o temera menos do que temia agora. Até sentia certo prazer secreto em o provocar, em caminhar direito a ele. A sua proeza na taberna modificara-lhe o carácter anteriormente pacífico e paciente, despertando-lhe no íntimo uma brutalidade agressiva. Queria demonstrar a toda aquela gente que não a temia e que, assim como abria a cabeça a Pimentó, seria capaz de andar aos tiros com toda a huerta. Já que

a tal o obrigavam, seria valentão e jactancioso durante algum tempo, para que o respeitassem e deixassem depois viver tranquilamente.

Entregue a tão perigoso empenho, até abandonou os campos, passando os dias pelas veredas da várzea, a pretexto de caçar, mas na realidade para exhibir a sua espingarda e a sua cara de poucos amigos.

Uma tarde, quando atirava às andorinhas no barranco de Carraixet, foi surpreendido pelo crepúsculo.

Os pássaros desenhavam, com o seu voo inquieto, uma caprichosa contradança que se reflectia nos charcos tranquilos, orlados de juncos. Aquele barranco, que cortava a huerta como uma fenda profunda, sombria com águas estagnadas e putrefactas e margens lodosas junto às quais balouçava alguma pequena embarcação meio apodrecida, tinha um aspecto desolado e selvagem. Ninguém suspeitaria que atrás das altas margens, para além dos juncos e das canas, ficava a várzea com a sua atmosfera risonha e as suas verdes perspectivas. Até a luz do Sol parecia lúgubre ao chegar ao fundo do barranco, coada pela áspera vegetação e reflectindo-se palidamente nas águas mortas.

Batiste passou a tarde a disparar. Na cinta já lhe restavam poucos cartuchos e a seus pés, num montão de penas ensanguentadas, tinha umas duas dúzias de pássaros. Que grande jantar! Como se alegraria a sua família!

Começou a anoitecer no profundo barranco. Dos charcos ergueu-se um bafo fétido, a respiração venenosa do paludismo. As rãs coaxavam aos milhares, como se saudassem as primeiras estrelas, contentes por terem deixado de ouvir os tiros que interrompiam o seu coaxar e as obrigava a atirar-se medrosamente, de cabeça, quebrando o luzente cristal dos charcos putrefactos.

Batiste recolheu os pássaros, que dependurou da cinta, e apenas com dois saltos subiu a margem e meteu pelas veredas, de regresso a casa.

O céu, impregnado ainda da débil luz do crepúsculo, apresentava uma suave tonalidade violenta. Brilhavam as estrelas e na imensa huerta soavam os mil ruídos da vida campestre, antes de a noite os extinguir. Passavam pelos caminhos as moças que regressavam da cidade, os

homens que voltavam do campo e as cansadas cavalgadas arrastando a pesada carroça, e Batiste respondia

ao "Boa noite!" de todos os que passavam por ele, gente de Alboraya que não o conhecia ou não tinha para o odiar os motivos dos vizinhos.

Deixou para trás a povoação e, à medida que se aproximava da sua cabana tornou-se cada vez mais acentuada a hostilidade. As pessoas cruzavam-se com ele pelos caminhos sem lhe darem as boas-noites.

Entrava em terra estrangeira e, como soldado que se prepara para combater mal atravessa a fronteira inimiga, Batiste procurou na cinta as munições de guerra, dois cartuchos fabricados por ele mesmo, e carregou a espingarda.

Riu-se, depois de fazer isso. Boa chuvada de chumbo receberia quem tentasse cortar-lhe o passo.

Caminhava sem pressa, tranquilamente, deleitando-se a respirar a frescura daquela noite de Verão. Essa

calma não o impedia, porém, de pensar no arriscado que era percorrer a huerta a tais horas, tendo nela inimigos.

O seu ouvido apurado de camponês captou um ruído atrás de si. Virou-se rapidamente e à luz difusa das estrelas julgou ver um vulto negro que saía do caminho com um salto silencioso e se ocultava atrás de um aterro.

Batiste preparou a espingarda e aproximou-se cautelosamente do sítio em questão. Ninguém... Pareceu-lhe

apenas que, a certa distância, as plantas ondulavam na obscuridade, como se um corpo se arrastasse por entre elas.

Seguiam-no. Alguém tentava surpreendê-lo traiçoeiramente pelas costas. A suspeita durou pouco, porém. Talvez fosse algum cão vagabundo, que fugia ao sentir a sua aproximação.

Enfim, o certo era que alguém fugia dele, fosse quem fosse, e não tinha nada que fazer ali.

Seguiu em frente pela lóbrega vereda, andando silenciosamente como homem que conhece o caminho às

cegas e, por prudência, não deseja chamar as atenções.

Quanto mais se aproximava da sua cabana, mais inquieto se sentia. Aquela era a sua zona, mas era nela,

também, que estavam os seus mais tenazes inimigos.

Alguns minutos antes de chegar à cabana, perto da granja azul onde as moças dançavam aos domingos, o caminho estrangulava-se, formando várias curvas. De um lado ficava um aterro alto, coroado por dupla fila de velhas amoreiras; do outro, uma larga acéquia, cujas margens em declive estavam cobertas por densos e altos canaviais.

Aquela vegetação parecia, na obscuridade, um bosque indiano, uma abóbada de bambus fechando-se sobre o caminho escuro. A massa de canas, agitada pela brisa da noite, soltava um queixume lúgubre. Parecia cheirar a traição naquele lugar, tão fresco e agradável durante as horas de sol.

Batiste, para trocar da sua própria inquietação, exagerava mentalmente o perigo. Magnífico lugar para lhe desfecharem um tiro certo! Se Pimentó andasse por ali, não desprezaria tão bela ocasião.

Mal acabara de pensar tais palavras, saiu de entre as canas uma fugaz língua de fogo, uma flecha vermelha que, ao desvanecer-se, produziu um estampido, e algo passou, a silvar, rente a um ouvido de Batiste. Disparavam contra ele... Baixou-se instintivamente, tentando

confundir-se com a escuridão do solo, para não apresentar alvo ao inimigo. No mesmo instante brilhou outro

clarão e soou outro estampido, que se confundiu com os ecos do primeiro. Batiste sentiu uma dor dilacerante no ombro esquerdo, como se uma unha de aço o arranhasse superficialmente.

Mas quase nem pensou nisso, invadido por uma alegria selvagem. Dois tiros... o inimigo estava desarmado!

- Cristo! Agora apanho-te!

Lançou-se por entre as canas, desceu quase a rebolar

o declive de uma das margens da acéquia e viu-se metido na água até à cintura, com os pés no barro e os braços muito levantados, para impedir que se molhasse a espingarda, reservando avaramente os dois tiros para o momento de os disparar com toda a segurança.

Diante dos seus olhos, as canas cruzavam-se e formavam uma abóbada cerrada, quase ao rés da água. à

frente dele soava um chapinhar surdo, como se um cão fugisse pela acéquia abaixo. Era o inimigo: a ele!

Lançou-se numa corrida louca pelo leito profundo, às apalpadelas. As alpargatas ficaram-lhe presas ao lodo do fundo, as calças coladas ao corpo, pesadas, dificultavam-lhe os movimentos, as canas partidas esbofeteavam-lhe

a cara e as folhas rígidas e cortantes arranhavam-no.

A certa altura, julgou ver algõ negro que se agarrava às canas, a esforçar-se por subir o aterro. Tentava escapar-se... Fogo! As suas mãos, que sentiam ânsias homicidas, levaram a espingarda à cara, o seu dedo premiu o gatilho... ouviu-se o estampido e o vulto caiu na acéquia, numa chuva de folhas e canas partidas.

A ele! A ele! Batiste voltou a ouvir o mesmo chapinhar de cão fugitivo, mas agora com mais força, como se acelerasse a fuga esporeado pelo desespero.

Foi wma autêntica vertigem aquela corrida através da escuridão, da vegetação e da água. Resvalavam os dois pelo solo mole, sem se poderem agarrar às canas para não largarem a espingarda. A água enremoinhava-se, batida pela furiosa corrida, e Batiste, que caiu de joelhos várias vezes, só pensava em esticar os braços, para manter a arma acima da superfície e proteger o tiro de reserva.

E assim continuou a caçada humana, às apalpadelas na escuridão profunda, até que, numa curva da acéquia, ficaram num espaço descampado, com os aterros limpos de canas.

Os olhos de Batiste, habituados à escuridão da abóbada vegetal, viram com toda a nitidez um homem que, apoiando-se na espingarda, saía cambaleante da acéquia, movendo com dificuldade as pernas carregadas de barro.

Era ele! Ele! O mesmo de sempre!

- Ladrão... ladrão: não escaparás! -rugiu Batiste, e disparou o segundo tiro do fundo da acéquia, com a segurança do atirador que pode apontar bem e sabe que "faz sangue".

Viu-o cair de braços no aterro, pesadamente, e começar logo a gatinhar, para não rebolar para a água,

Batiste pretendeu alcançá-lo, mas com tanta precipitação que foi ele que, dando um passo em falso, caiu a todo o comprido no fundo da acéquia.

Bateu com a cabeça no barro e engoliu a água terrosa e avermelhada. Julgou morrer, ficar enterrado naquele leito de lodo, mas por fim, com um esforço tremendo, conseguiu endireitar-se e tirar para fora da água os olhos cegos pelos limos e a boca que aspirou, sôfrega, o vento da noite.

Mal recuperou a visão, procurou o inimigo. Tinha

desaparecido.

Saiu da acéquia a escorrer barro e água e subiu o declive que o adversário subira, mas ao chegar ao cimo não o viu.

Na terra seca viam-se algumas manchas escuras, nas quais tocou com as mãos. Cheiravam a sangue. Bem sabia que não errara o tiro! Mas em vão procurou o adversário, com o desejo de contemplar o seu cadáver.

Aquele Pimentó tinha o couro rijo e, deixando atrás de si uma esteira de sangue e barro, talvez se dirigisse de rastos para a sua cabana. Devia ser essa a explicação do leve roçar que lhe parecia ouvir nos campos imediatos, como que produzido por uma grande cobra a arrastar-se pelos sulcos. Todos os cães da várzea ladravam, num uivar desesperado. Ouvira-o rastejar do mesmo modo um quarto de hora antes, quando tentava, sem dúvida, matá-lo pelas costas. Depois, ao ver-se descoberto, fugira de gatas do caminho, para se postar mais adiante, no frondoso canavial, e esperá-lo de emboscada, sem perigo.

De súbito, Batiste sentiu um grande medo. Estava sozinho no meio da várzea, completamente desarmado.

Sem cartuchos, a sua espingarda não era mais do que frágil cacete. Pimentó não podia voltar para o atacar,

mas tinha amigos. Dominado pelo terror, desatou a correr, procurando através dos campos o caminho que conduzia à sua cabana.

A várzea estremecia, alarmada. Os quatro tiros que tinham dilacerado a noite havia alvoroçado toda a vizinhança. Ladravam os cães, cada vez mais furiosos; entreabriam-se portas de granjas e cabanas, das quais saíam vultos negros, que por certo não vinham de mãos vazias.

Os vizinhos comunicavam entre si, através de grandes distâncias, com assobios e gritos. Tiros de noite podiam ser sinal de incêndio, de ladrões, sabia-se lá de quê! Não eram com certeza sinal de nada bom, isso não. E os homens saíam de casa dispostos a tudo, com a abnegação e a solidariedade dos que vivem em pleno campo.

Assustado com tal movimento, Batiste correu para a cabana, curvando-se para passar despercebido sob a protecção dos aterros ou dos grandes montes de palha.

Já via a sua casa, com a porta aberta e iluminada e no centro do quadrado vermelho os vultos escuros da família.

O cão farejou-o e foi o primeiro a saudá-lo. Teresa e Roseta gritaram de alegria:

- Batiste, eras tú?

- Pai! Pai!

E atiraram-se todos a ele, à entrada da cabana, sob a vetusta latada através de cujas parras as estrelas brilhavam como pirilampos.

A mãe, com o ouvido apurado de mulher inquieta e alarmada com o atraso do marido, ouvira ao longe, muito ao longe, os quatro tiros, e o coração dera-lhe uma volta, como costumava dizer. Toda a família correra para a porta, de olhos postos no horizonte escuro, convencida de que as detonações que tinham alarmado a várzea estavam relacionadas com a ausência do pai.

Loucos de alegria por o verem e lhe ouvirem a voz,
nem repararam na sua cara suja de barro, nos pés
descalços e na roupa molhada e enlameada.
Empurraram-no para dentro. Roseta dependurava-se-lhe do pescoço, a suspirar
ternamente e com os olhos
ainda húmidos.

- Pai! Pai!...

Mas o pai não pôde conter uma careta de sofrimento, um "ai" abafado e doloroso. Um
braço de Roseta

apoiara-se-lhe no ombro esquerdo, no mesmo sítio onde a
unha de aço parecera arranhá-lo e onde agora sentia um
peso cada vez maior.

Quando entrou na cabana e a luz da candeia o
iluminou em cheio, as mulheres e os rapazes soltaram
um grito de espanto, ao verem-lhe a camisa ensanguentada e o aspecto de forajido,
como se tivesse acabado de
fugir da prisão pela latrina.

Roseta e a mãe desataram a gemer. Rainha santíssima!... Senhora e soberana!
Tinham-no matado ?...

Mas Batiste, que sentia no ombro uma dor cada vez
mais insuportável, arrancou-as às suas lamentações
ordenando-lhes, carrancudo, que vissem depressa o que tinha.

Roseta, mais corajosa, rasgou a camisa grossa e
áspera, pondo o ombro a descoberto. Tanto sangue! A
moça empalideceu e fez um grande esforço para não
desmaiar. Batiste e os irmãos começaram a chorar e
Teresa continuou com o seu alarido, como se o marido
estivesse na agonia.

Mas o ferido não estava disposto a ouvir lamentações
e protestou com rudeza. Nada de choros, aquilo não era
sério. A prova é que podia mexer o braço, embora sentisse
um peso cada vez maior no ombro. Era um arranhão, o
raspão de uma bala e mais nada. Sentia-se forte e, por
isso, o ferimento não podia ser grave. Toca a arranjar
água, trapos, fios e a garrafa de arnica que Teresa
guardava no estufo, como remédio milagroso... Depressa,
mexessem-se, não era caso para ficarem todos a olhá-lo
de boca aberta!

Teresa revolveu o quarto todo à procura no fundo das
arcas, rasgando lenços e desenrolando ligaduras, enquanto a filha lavava e tornava a
lavar os lábios da ferida ensanguentada, que atravessava como uma saibrada o
ombro carnudo.

As duas mulheres estancaram a hemorragia como
puderam, ligaram a ferida e Batiste respirou, satisfeito,
como se já estivesse curado. Piores coisas lhe tinham
acontecido na vida.

E toca de pregar um sermão aos pequenos, para que
fossem prudentes. De tudo quanto tinham visto, nem
uma palavra a ninguém. Eram coisas que convinha
esquecer. Repetiu o mesmo à mulher, que falava em
chamar o médico, o que equivaleria a chamar a atenção
das autoridades. Curar-se-ia sozinho, o seu corpo fazia
milagres. O que importava era que ninguém se metesse
no que acontecera lá em baixo... Sabia-se lá como estaria,
àquelas horas, o outro!

Enquanto Teresa o ajudava a mudar de roupa e

preparava a cama, Batiste contou-lhe o sucedido. A boa mulher arregalava os olhos de espanto, suspirava ao pensar no perigo arrostado pelo marido e lançava olhares inquietos à porta fechada da cabana, como se esperasse ver entrar por ela a Guarda Civil.

Entretanto, com uma prudência precoce, Batistet pegava na espingarda e, à luz da candeia, enxugava-a e limpava-lhe os canos, tentando apagar todos os sinais de uso recente, para o que desse e viesse.

A noite foi má para toda a família. Batiste delirou na grande cama do estudi. Tinha febre e agitava-se violentamente, como se ainda corresse pelo fundo da acéquia na sua caça ao homem. Os seus gritos assustavam os pequenos e as duas mulheres, que passaram a noite em claro, sentadas junto da cama e oferecendo constantemente ao ferido água açucarada, único remédio caseiro

que conseguiram inventar.

No dia seguinte, a porta da cabana esteve toda a manhã entreaberta. O ferido parecia melhor. Os rapazes, com os olhos avermelhados pela falta de sono, permaneceram imóveis no curral, sentados em cima do esterco, a observar com estúpida atenção todos os movimentos dos animais ali fechados.

Teresa observava a várzea pela porta entreaberta e depois ia informar o marido. Tanta gente! Toda a vizinhança ia a caminho da cabana de Pimentó, em torno da qual havia um formigueiro de homens. E todos carrancudos, gritando e agitando energicamente os braços e lançando, talvez, olhares de ódio à antiga cabana de Barret.

O marido acolhia as notícias com resmungos. Algo se agitava no seu peito, causando-lhe profunda inquietação. Aquele movimento da huerta na direcção da cabana do seu inimigo era prova de que Pimentó estava gravemente ferido. Talvez fosse morrer.

Estava certo de que ainda conservava no corpo as duas balas da sua espingarda.

E agora, que aconteceria? Morreria na cadeia, como o pobre Tio Barret?... Não; respeitar-se-iam os costumes da huerta, no tocante a fazer justiça por mão própria. O agonizante calar-se-ia e deixaria aos seus amigos, os Terrerólas ou outros, o encargo de o vingar. E Batiste não sabia que mais temer, se a justiça da cidade, se a da várzea.

Começava a cair a tarde quando, ignorando os protestos e os rogos das duas mulheres, saltou da cama.

Asfixiava ali. O seu corpo de atleta, habituado à fadiga, não podia resistir a tantas horas de imobilidade. O peso do ombro impelia-o a mudar de posição, como se isso pudesse libertá-lo da dor.

Cambaleante e entorpecido pelo repouso forçado, saiu da cabana e sentou-se debaixo da latada, num banco de ladrilhos.

A tarde estava desagradável, soprava um vento demasiado fresco para a época. Grandes nuvens escuras cobriam o Sol e a luz que por elas se coava encobria o horizonte, como uma tela de ouro-pálido.

Batiste olhou vagamente para o lado da cidade, de costas viradas para a cabana de Pimentó, que se via agora claramente, despojados os campos das cortinas de trigo que antes da ceifa a ocultavam.

O ferido sentia, ao mesmo tempo, o impulso da curiosidade e o medo de ver demasiado. Por fim virou lentamente o olhar para a casa do seu adversário.

Sim, estava muita gente agrupada diante da porta: homens, mulheres e crianças - toda a várzea, que, ansiosa, correra a visitar o seu vencido libertador.

Como aquela gente o devia odiar! Apesar de estarem longe, adivinhava o seu nome repetido por todas as bocas. No zumbir dos ouvidos e no latejar das fontes escaldantes de febre, julgou ouvir o sussurro ameaçador daquele vespeiro.

No entanto, Deus sabia que não fizera mais do que defender-se, que só desejava manter os seus sem prejudicar ninguém. Que culpa tinha de se encontrar de rixa

com uma gente que, como dizia D. Joaquin, o professor, era muito boa, mas muito estúpida?

Findava a tarde; o crepúsculo espalhava pela várzea uma luz cinzenta e triste. O vento, cada vez mais forte, levou até à cabana um eco longínquo de lamentos e vozes furiosas.

Batiste viu agitarem-se as pessoas à porta da outra cabana distante. Logo a seguir, levantaram-se muitos braços, num gesto de dor, e mãos crispadas arrancaram o lenço da cabeça e atiraram-no, com raiva, ao chão.

Sentiu que todo o sangue lhe afluía ao coração, que este ficava uns momentos como que paralisado, para logo a seguir bater com mais força, fazendo-lhe subir ao rosto uma onda vermelha e ardente.

Adivinhava o que acontecera, ao longe, dizia-lho o coração: Pimentó acabava de morrer.

Batiste tremeu de frio e de medo, teve a sensação de que as forças o abandonavam repentinamente e meteu-se em casa. Só voltou a respirar normalmente quando

viu a porta trancada e a candeia acesa.

O serão foi lúgubre. O sono entorpecia a família, esgotada de cansaço pela vigília da noite anterior. Mal acabaram de jantar, meteram-se todos na cama, antes das nove horas.

Batiste sentia-se melhor do ferimento. O peso do ombro diminuía e já não tinha febre. Mas agora atormentava-o uma estranha dor no coração.

Na escuridão do estudo, e ainda acordado, viu surgir uma figura pálida, indeterminada, que pouco a pouco foi adquirindo contorno e cores, até se transformar em Pimentó tal como o vira nos últimos dias, com a cabeça entapada e a expressão ameaçadora de bruto vingativo.

Incomodado com a visão, fechou os olhos para dormir. Escuridão absoluta; o sono ia-se apoderando dele... Mas os olhos fechados começaram a povoar as trevas de pontos luminosos, que cresciam e formavam manchas de várias cores; e as manchas, depois de flutuarem caprichosamente, procuravam-se,

amalgamavam-se, e Batiste via de novo Pimentó a aproximar-se lentamente, com a cautela feroz de um animal cruel que hipnotiza a sua vítima.

Esforçou-se por se libertar do pesadelo.

Não conseguia dormir. Ouvia o ressonar da mulher, deitada a seu lado, e dos filhos, vencidos pelo cansaço. Mas ouvia-o cada vez mais profundamente, como se uma força misteriosa levasse a cabana para longe, muito longe, e ele continuasse ali, inerte, sem poder mexer-se, por mais esforços que fizesse, vendo a cara de Pimentó junto da sua, sentindo no rosto a respiração cálida do inimigo.

Mas não morrera? O seu pensamento embotado formulava esta pergunta, a que respondia, após muitos esforços, que sim, que Pimentó morrera. Já não tinha, como anteriormente, a cabeça partida; agora apresentava o corpo rasgado por duas feridas, que Batiste não conseguia localizar; mas eram duas feridas, que abriam os lábios cor de amora como inesgotáveis fontes de sangue. Os dois tiros eram um facto indiscutível, Ele não era dos atiradores que falhavam.

o fantasma, escaldando-lhe o rosto com a respiração ardente, deixava cair sobre Batiste um olhar que

parecia furar-lhe os olhos e descer por eles, descer até lhe arranhar as entranhas.

- Perdoa-me, Pimentó! - gemia o ferido em voz infantil, apavorado pelo pesadelo.

Sim, devia perdoar-lhe. Matara-o, era verdade, mas ele fora o primeiro a atacá-lo. Os homens que são homens devem ser razoáveis. Ele tinha a culpa de tudo quanto acontecera.

Mas, os mortos não entendem razões e o espectro, procedendo como um velhaco, sorria ferozmente, saltava para a cama e sentava-se em cima dele, a comprimir-lhe a ferida do ombro com todo o seu peso.

Batiste gemeu de dor, sem poder mexer-se nem libertar-se daquele peso. Tentou enternece-lo tratando-o por Tóni, com amizade familiar, em vez de o tratar pela sua alcunha:

- Tóni, magoas-me!

Mas era isso mesmo que o fantasma desejava, fazer-lhe mal. E, como se lhe parecesse pouco o que lhe fazia,

arrancou-lhe com o simples olhar os trapos e as ligaduras da ferida, que voaram e se espalharam pelo quarto.

Depois cravou as unhas cruéis no ferimento e puxou, abrindo-lhe os lábios e arrancando um rugido a Batiste:

- Ay! ay!... Pimentó, perdoa-me!

Tal era a dor que os estremecimentos por ela causados, subindo-lhe pelas costas até à cabeça, lhe eriçavam

os cabelos rapados e os faziam crescer e enroscar-se numa contracção de angústia, até se transformarem numa horrível madeixa de serpentes.

Então aconteceu uma coisa horrível. O fantasma, agarrando-lhe pela estranha cabeleira, falou, por fim:

- Vem, vem. - disse, puxando-o.

Arrastava-o com sobre-humana facilidade, levava-o voando ou nadando - não sabia ao certo -, através de um elemento leve e escorregadio, e assim iam os dois vertiginosamente, deslizando na sombra, na direcção de uma mancha vermelha que

aparecia ao longe, muito ao longe.

A mancha crescia, adquiria uma forma parecida com a porta do seu estúdi, e por ela saía um fumo denso, nauseabundo, um fedor de palha queimada que não o deixava respirar.

Devia ser a boca do Inferno: para ali o atiraria Pimentó, para a imensa fogueira cujo resplendor incendiava a porta. O medo venceu a paralisia que o tolhia.

Soltou um grito espantoso, agitou os braços e com um terrível empurrão atirou para longe Pimentó e a estranha cabeleira que ele agarrava.

Tinha os olhos bem abertos e já não via o fantasma. Sonhara. Fora sem dúvida um pesadelo causado pela febre. Voltou a ver-se na cama com a pobre Teresa, que, ainda vestida, ressonava, exausta, a seu lado.

Mas não, o delírio continuava. Que luz deslumbrante iluminava o seu estúdi? Ainda via a boca do Inferno, igual à porta do seu quarto, a expelir fumo e um resplendor avermelhado. Estaria a dormir!

Esfregou os olhos, mexeu os braços e soergueu-se na cama... Não, estava acordado e bem acordado.

A porta estava cada vez mais vermelha e o fumo tornava-se mais denso. Ouviu uma crepitação surda, como canas a estalar lambidas pelas chamas, e até viu dançar as faúlhas e agarrarem-se como moscas de fogo à cortina de cretone que fechava o quarto. Ouviu um ladrar desesperado, interminável, como um toque a rebate...

Cristo! A consciência da realidade, que o assaltou de repente, quase o enlouqueceu.

- Teresa! Teresa!... Levanta-te!

E, com um empurrão, atirou-a para fora da cama.

Depois correu ao quarto dos filhos e, com pancadas e gritos, fê-los levantar em camisa, como um rebanho idiota e medroso que corre diante do cajado, sem saber para onde vai. O tecto do quarto já ardia, lançando uma chuva de faúlhas para cima da cama.

Cego pelo fumo e contando os minutos como se fossem séculos, Batiste abriu a porta, pela qual saiu, louca de terror, toda a família em trajes menores. Correram para o caminho e, um pouco mais serenos, contaram-se.

Estavam todos, até o pobre cão, que uivava melancolicamente, a olhar para a cabana incendiada.

Teresa abraçou a filha, que, esquecendo o perigo, estremecia de vergonha ao ver-se em camisa no meio da várzea. Com a preocupação do pudor, Roseta sentou-se encolhida num aterro, apoiando o queixo nos joelhos e puxando a saia branca da camisa, para tapar os pés.

Os dois mais pequenos refugiaram-se, amedrontados, nos braços do irmão mais velho, enquanto o pai andava de um lado para o outro como um demente, a rugir maldições.

Que bem tinham sabido fazê-lo! Havia deitado fogo aos quatro lados da cabana, que ardia toda ao mesmo tempo. Até o curral, com a sua cerca e as suas ramarias, estava coroadado de chamas.

De lá saíam relinchos desesperados, cacarejos de terror e grunhidos ferozes. Mas a cabana, insensível aos

lamentos dos que ardiam nas suas entranhas, continuava a lançar sinuosas línguas de fogo pelas portas e pelas janelas. Da sua cobertura erguia-se uma enorme espiral de fumo branco, a que o reflexo do incêndio dava transparências rosadas.

O tempo mudara; a noite estava serena e não soprava a mínima brisa. A única coisa que manchava o céu azul era a coluna de fumo, por entre cujos brancos novelos assomavam, curiosas, as estrelas.

Teresa lutava com o marido, que, refeito da dolorosa surpresa e aguilhado pelo interesse, que leva a cometer loucuras, queria entrar naquele inferno. Apenas por um instante, para tirar do estudo o saquinho de moedas de prata, produto da colheita.

Ah, boa Teresa! Não era necessário conter o marido e suportar-lhe os rudes empurrões. Uma cabana arde depressa, a palha e as canas amam o fogo. O telhado abateu-se estrondosamente, aquele telhado altaneiro que os vizinhos olhavam como um insulto, e do enorme céu a incerta e vacilante luz a áuerta parecia gesticular com fantásticas caretas.

As paredes do curral tremiam surdamente, como se dentro delas se agitasse uma legião de demónios. As aves saltavam, como ramalhete de fogo, e tentavam voar, feitas archotes vivos.

Ruiu uma parte do muro feito de barro e estacas e pela negra brecha saiu um monstro apavorante. Lançava fumo pelas ventas, agitava a crina de centelhas e batia desesperadamente com a cauda, qual vassoura de fogo que dimanava um fedor de pêlos queimados.

Era o cavalo. Passou, com um salto prodigioso, por cima da família, galopando furiosamente através dos campos. Procurava instintivamente a acéqua, na qual caiu com um rechinar de ferro ígneo que se apaga.

Atrás dele, arrastando-se como um demónio ébrio e soltando grunhidos espantosos, saiu outro espectro de fogo, o porco, que caiu no meio do campo, a arder como um archote de gordura.

Já só estavam de pé as paredes e a latada, com os seus sarmentos retorcidos pelo incêndio e as colunas que se destacavam como riscos de tinta sobre fundo vermelho.

Batistet, na ânsia de salvar qualquer coisa, corria desarvorado pelos carreiros, gritando e batendo à porta das barracas vizinhas, que pareciam pestanejar com o reflexo do incêndio.

- Socorro! Socorro!... Fogo! Fogo!

Os seus gritos perdiam-se, com o eco inútil das ruínas e dos cemitérios.

O pai sorriu cruelmente. Em vão gritava. A huerta ensurdecera para eles. Dentro das cabanas brancas havia olhos que espreitavam, curiosos, pelas frinchas, talvez bocas que riam com um deleite infernal, mas nem uma voz que dissesse: " Aqui estou! "

O pão! Quanto custava ganhá-lo! E como tornava maus os homens!

Numa cabana brilhava uma luz pálida, amarelenta,

triste. Teresa, apatetada pelo perigo, quis ir lá implorar auxílio, com a esperança que o socorro alheio infunde, com a ilusão do milagre por que se anseia na desgraça.

Mas o marido deteve-a com uma expressão de terror. Não, ali, não. A todo o lado, menos ali.

E como homem que descera tão-fundo, tão fundo, que já nem era capaz de sentir remorsos, desviou o olhar do incêndio e fitou-o naquela luz macilenta - luz de círios que ardiam sem brilho, alimentados por uma atmosfera onde ainda se notava o adejar da morte.

"Adeus, Pimentó! Bem servido te afastas do mundo.

A cabana e a fortuna do odiado intruso alumiarão melhor o teu cadáver do que os círios comprados pela desolada Pepeta, amarelentas lágrimas de luz! "

Batistet regressou desesperado da sua inútil correria.

Ninguém respondia.

A várzea, silenciosa e carrancuda, despedia-os para sempre.

Estavam mais sós do que no meio de um deserto; o vazio do ódio era mil vezes pior do que o vazio da natureza.

Fugiriam dali para começar nova vida, sentindo a fome atrás deles, a pisar-lhes os calcanhares. Deixariam atrás de si a ruína do seu trabalho e o corpinho de um dos seus, do pobre albaet que apodrecia nas entranhas daquela terra, como vítima inocente de uma batalha implacável.

E, com resignação oriental, sentaram-se todos no aterro e ali aguardaram o amanhecer, com as costas transidas de frio e aquecidos à frente pelo braseiro, que lhe punha nos rostos reflexos de sangue, observando com

a passividade do fa talismo o curso do fogo, que ia devorando o produto de todos os seus esforços e o transformava em faúlhas tão desagradáveis e ténues como as suas antigas ilusões de paz e trabalho.

FIM